

PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

CLAUDINEI ANTONIO DA SILVA

O LUGAR DA LITURGIA NA FORMAÇÃO BÁSICA DOS FUTUROS PADRES

SÃO PAULO / 2006

PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

CLAUDINEI ANTONIO DA SILVA

O LUGAR DA LITURGIA NA FORMAÇÃO BÁSICA DOS FUTUROS PADRES

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia com especialização em liturgia à comissão julgadora da Pontifícia faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, sob a orientação do Professor Dr. Pe. Valeriano Santos Costa.

SÃO PAULO / 2006

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dedico este estudo a todas as pessoas (de ontem e de hoje) que consagraram sua vida ao estudo da ciência litúrgica. Aos agentes da pastoral litúrgica que na simplicidade e dedicação ajudam na celebração do Mistério Pascal de Jesus Cristo em nossas comunidades.

Meu reconhecimento à Diocese de Jacarezinho, na pessoa do querido bispo Dom Fernando José Penteadó, pela oportunidade e apoio aos estudos; minha eterna gratidão a Dom Nelson Westrupp, bispo de Santo André pela confiança e amizade; agradecimentos sinceros aos meus familiares presentes de Deus em minha vida, pelo incentivo, aos meus amigos, aos professores que souberam muito bem transmitir os conteúdos. Agradeço ao meu orientador o professor Dr. Pe. Valeriano Costa Santos pela atenção e incentivo. Agradeço ao Pe. José Mateus por toda ajuda prestada e amizade sincera. Minha gratidão ao Diretor da Pontifícia Faculdade Professor Dr. Cônego Antonio Manzatto pela atenção e disponibilidade. Agradeço aos leitores desta dissertação e demais funcionários da Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção. Quando as palavras são insuficientes costumamos dizer. “É de coração!”.

SIGLAS E ABREVIACÕES

ASLI	Associação dos Liturgistas do Brasil.
CD	<i>Christus Dominus</i> — Decreto sobre o múnus pastoral dos Bispos, Concílio Vaticano II.
CDC	Código de Direito Canônico.
CEI	Conferenza Episcopale Italiana.
CNBB	Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil.
CPEL	Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia (CNBB).
CPL	<i>Complementum Patrologia Latina.</i>
CRB	Conferência dos Religiosos do Brasil.
CSEL	<i>Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum.</i>
EE	<i>Ecclesia de Eucharistia</i> — Carta Encíclica , João Paulo II.
GS	<i>Gaudium et Spes</i> — Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, Concílio Vaticano II.
IO	Instrução <i>Inter Oecumenici.</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i> — Constituição Dogmática Sobre a Igreja, Vaticano II.
OT	<i>Optatam Totius</i> — Decreto Vaticano II sobre a formação sacerdotal).
PDV	<i>Pastores Dabo Vobis</i> — Exortação Apostólica Pós-Sinodal, de João Paulo II.
PG	Patrologia Graeca.
PL	Patrologia Latina.
PLS	<i>Patrologia Latina Supplementum.</i>
PO	<i>Presbyterorum Ordinis</i> — Decreto sobre o Ministério e a vida dos presbíteros, Concílio Vaticano II.
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i> — Constituição sobre a reforma da Sagrada Liturgia, Vaticano II).
SCh	<i>Sources Chrétiennes.</i>
VQA	Carta Apostólica <i>Vicesimus Quintus Annus.</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I: A FORMAÇÃO LITÚRGICA NA IGREJA DO PRIMEIRO MILÊNIO	10
1. Jesus Cristo, inspiração e fundamento.....	12
1. 1. A origem histórico-religiosa de Jesus.....	13
1. 2. A missão de Jesus Cristo.....	18
1. 3. Jesus Cristo e a instituição do grupo dos Doze e sua missão.....	19
1. 4. Jesus Cristo: mestre dos Doze.....	25
1. 5. Jesus, o primeiro liturgista.....	27
1. 6. Características do ensinamento de Jesus Cristo.....	29
2. O ensino da liturgia na Igreja primitiva.....	31
2. 1. Lugar e definição da liturgia na Igreja primitiva.....	32
2. 2. O ensino da liturgia nos escritos dos primórdios.....	33
2. 3. Os requisitos para admissão dos presbíteros.....	38
2. 4. O surgimento das primeiras escolas cristãs de catequese e teologia.....	42
CAPÍTULO II: O ESTUDO DA LITURGIA AO LONGO DO SEGUNDO MILÊNIO ATÉ A AURORA DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II	47
1. A decadência da liturgia.....	48
2. Os abusos na celebração litúrgica.....	53
3. Os papas Gregório VII e Inocêncio III reformam a liturgia.....	56
4. O Concílio de Trento e a constituição dos seminários.....	59
5. O ensino da liturgia na época pós-tridentina.....	63
6. O movimento litúrgico e sua implantação no Brasil.....	66
7. As bases do surgimento de uma ciência litúrgica.....	70
CAPÍTULO III: A FORMAÇÃO LITÚRGICA DOS FUTUROS PADRES A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II	74
1. O resgate do ensino da liturgia nos seminários a partir da <i>Sacrosanctum Concilium</i> e da Instrução sobre a formação litúrgica nos seminários (1979).....	76
1.1. A <i>Sacrosanctum Concilium</i>	76
1.2. A Instrução sobre a formação litúrgica nos Seminários de 1979.....	79
2. O ensino da liturgia aos futuros padres no contexto atual.....	81
2.1. O ensino da liturgia ao candidato ao presbiterato hoje.....	82
2.2. Os objetivos da formação litúrgica nos seminários.....	89
2.3. A importância da comunidade formadora.....	90
2.4. Propostas para o ensino da liturgia nos seminários.....	94
CONCLUSÃO GERAL	98
BIBLIOGRAFIA	100

INTRODUÇÃO

O estudo sobre “O lugar da liturgia na formação básica dos futuros padres” visa, a partir da importância da liturgia na vida da Igreja, ressaltar o seu lugar nos seminários e casas de formação presbiteral, uma vez que os presbíteros desempenham um papel relevante tanto na ação litúrgica como na formação litúrgico-espiritual do povo de Deus.

O justo lugar da liturgia na vida da Igreja é uma retomada pontual do Concílio Ecumênico Vaticano II, que redimensionou a celebração da fé como “cume e fonte” de toda a vida da Igreja. A assembléia litúrgica deveria, portanto, ser o espelho, a manifestação ou epifania desta Igreja. As celebrações litúrgicas, além de mergulhar a Igreja orante no Tabor da fé por causa de seu aspecto místico, deveriam também levar os participantes a desvendarem a presença e a atuação do Deus libertador na história atual, o que gera compromisso na construção de uma sociedade baseada na justiça e na solidariedade, em vista do estabelecimento do reino entre nós¹.

No entanto, mais de 40 anos depois da promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, não vemos ainda este lugar garantido pelas práticas litúrgicas, e até certo retrocesso vem sendo detectado por alguns estudiosos².

Diante disto, este estudo pretende aprofundar a tese de que um dos fatores que podem explicar esta dificuldade é o fato de que na formação dos presbíteros, o lugar da liturgia não encontrado ainda o seu eixo adequado.

Nossa preocupação central não gira em torno dos Institutos e Faculdade de Teologia, onde os formandos à vida presbiteral geralmente estudam, mas os seminários e casas de

¹ Cf. BUYST, I *Como estudar liturgia*. pg. 10.

² Cf. GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (Org.). Concílio vaticano II análise e perspectivas. pg. 312.

formação onde residem e devem receber uma lauta formação teórica e, sobretudo, prática. Portanto, não nos deteremos nos currículos e grades do ensino teológico da liturgia, mas nas possibilidades que as casas de formação, desde o Propedêutico, representam neste processo.

Para desenvolver o argumento, este trabalho tem três capítulos.

O primeiro capítulo tratará da formação litúrgica no primeiro milênio, que é aquele período fértil, onde a Igreja sempre encontra suas bases. Para mostrar que estas bases são profundas, detenho-me até longamente sobre a pessoa de Jesus, sem o qual nada poderíamos compreender e nem discorrer a respeito da liturgia como celebração do mistério pascal. Necessariamente são lembradas nossas fontes apostólicas e patrísticas e o embrião das escolas de formação presbiteral.

O segundo capítulo tratará das vicissitudes por que passa a liturgia, a partir do segundo milênio até a reforma realizada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II. A necessidade desta reforma afirma-se por causa de uma série de distorções na maneira de conceber e celebrar o mistério pascal de Jesus Cristo. Conseqüentemente, o ensino da liturgia será profundamente afetado. Neste capítulo, chegamos até a aurora do Concílio, que o é Movimento litúrgico.

Por fim, no terceiro capítulo, será abordada a formação litúrgica dos presbíteros a partir do Concílio Vaticano II, focalizando, sobretudo, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a reforma da sagrada liturgia e a Instrução sobre a formação litúrgica dos seminários (1979), de autoria da Congregação para a Educação Católica. Também discorrerei sobre a importância da formação litúrgica hoje nos seminários e casas de formação, e concluirei com algumas sugestões.

Desta forma, pretendo modestamente desenvolver a dissertação e chegar a bom termo, mostrando que a reforma litúrgica, entre outros frentes, necessita encontrar o seu lugar na

formação dos futuros presbíteros, sobretudo no espaço mais clássico desta formação, que é o lugar onde a comunidade formativa convive e celebra.

CAPÍTULO I

A FORMAÇÃO LITÚRGICA NA IGREJA DO PRIMEIRO MILÊNIO.

Introdução.

Quando nos propomos a discorrer sobre a formação litúrgica na Igreja do primeiro milênio, estamos nos referindo a um período de um pouco menos de mil anos, marcado por uma mentalidade que passará a sofrer modificações profundas a partir do século IX. Essas modificações se condensam no contexto da renascença cultural carolíngia, que é um fenômeno político, cultural e religioso que se dá em torno da ascensão de Carlos Magno (747-814), de rei dos francos (768-814) e lombardos (774-814) a imperador do Ocidente (800-814). Através do juramento de fidelidade e vassalagem, Carlos Magno pôs a Igreja a serviço do Estado e, assim, lançou as bases da cristandade medieval. Sem dúvida, isto teve influência na forma de se celebrar e estudar os sacramentos da Igreja, enfim, em todo o pensar teológico e estrutura formativa.

A coroação de Carlos Magno como imperador, na noite de Natal do ano 800, constitui marco importante na História da Igreja. Ela encerra uma preparação de aproximadamente quatro séculos, em que a Europa lutou por uma nova ordem. Apresenta-nos um ideal que se tornaria diretriz para o futuro da sociedade e da Igreja no Velho Mundo, no período histórico então iniciado. Muitos fatores contribuíram para a formação do Império Carolíngio, inclusive a lembrança do Império Romano, protótipo da unidade de todos os povos, sonho de uma nova humanidade caracterizada pela ordem, justiça e bem-estar, em substituição da sociedade bárbara que não garantia esses valores. O ato decisivo foi a coroação de Carlos pelo Papa. O Império começa sua história com a bênção expressa da Igreja. O governo de Carlos Magno possuiu uma qualidade é inspirado, tem uma alma. É de tal forma criativo, que se torna o modelo ideal para todos os monarcas posteriores. Os atos que o Imperador pratica mesmo os reprováveis serão decisivos para a reconstrução européia. Seu aspecto carismático, inspirado, é fruto de toda uma visão cristã. Agostinho já a exprimira, quando propusera ao cristianismo, nos dias de declínio e destruição, o projeto do Reino de Deus. Somente com Carlos Magno, entretanto, a utopia de uma verdadeira sociedade cristã encontrou energia e força para realizar-se. Para Carlos Magno Igreja e Estado não eram duas realidades separadas, com alguns interesses em comum. Eram muito mais uma espécie de unidade dual, a manifestação do Reino de Deus esperado por muitos. Carlos Magno sentia-se, de fato, simultaneamente rei e sacerdote, vigário de Cristo tal como o papa. Não colocava o Estado acima da Igreja: simplesmente não fazia distinção entre ambos, comportando-se como líder dos dois. Escrevendo a Leão III que a tarefa do Papa era rezar e a sua governar, não queria dizer que a Igreja era submissa ao Estado. Pelo contrário, considerava sua primeira obrigação promover os interesses daquela. Seu apelido, no círculo de sábios que reunira em torno de si, em Aquisgrana, era David, o símbolo do rei-sacerdote na teocracia israelita. Carlos era poderoso e

apreciava seu poder, mas vivia da convicção de que a autoridade lhe era dada por Deus, para ser empregada em seu serviço³.

Por outro lado, não é fácil determinar-se com precisão, sobretudo no aspecto histórico, a evolução da mentalidade que marcou o primeiro milênio, por ser um período tão longo e fecundo do cristianismo.

Para esta finalidade, nos ajuda muito o estudo recente de Cesare Giraudo⁴, onde mostra as grandes linhas da formação sacramental e do pensar teológico até aquele período que chamamos de renascença cultural carolíngia.

Baseado no referido estudo, podemos dizer que o primeiro milênio é caracterizado por um pensar teológico decorrente de uma maneira de celebrar e viver a fé a partir da sua expressão ritual.

O ensino da liturgia era feito na igreja, tendo como eixo a própria celebração. Os Padres refletiam na celebração e a partir dela, com a preocupação de introduzir os discípulos no mistério, através de uma compreensão orante. Em relação à teologia dos sacramentos, os Padres primeiro rezavam e depois criam; rezavam para poder crer e para saber como e no que deveriam crer⁵.

Para os teólogos do primeiro milênio, o lugar privilegiado em que se estudava a liturgia era a Igreja. O mestre, em sua exposição, não se colocava no centro, mas do lado. No centro estava o altar, já que estávamos na igreja. Com um olhar teológico, mestre e discípulos miravam o altar, que não perdiam de vista um só instante. O altar, no primeiro milênio, era o verdadeiro mestre, de onde brotava o ensino de uma liturgia autêntica⁶.

Nesta linha, Cláudio Pastro também afirma:

³ MATOS, H. C. J. *Introdução a história da Igreja*. Belo Horizonte. pg. 67-68.

⁴ GIRAUDO, C. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. pg. 8.

⁵ Cf. GIRAUDO, C. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. pg. 8.

⁶ Cf. *Ibid.* pg. 8.

O altar é o lugar do sacrifício cultural, é o lugar do encontro da comunidade e da aliança selada entre Deus e os homens. O altar é a cruz do Senhor (Hb. 13, 10). [...] Aí se celebra o Mistério Pascal. Jesus Cristo reconhece implicitamente o sentido e o valor do altar quando reprova os fariseus por darem mais importância às vítimas⁷.

Na vivência litúrgica do primeiro milênio, a celebração do mistério pascal estava no centro. A liturgia era a principal fonte de espiritualidade cristã. Os sacramentos eram celebrações onde se atualizava o mistério pascal. A Palavra de Deus tinha sua centralidade. O mistério celebrado era a principal fonte de inspiração teológica. A liturgia tinha caráter comunitário e ministerial. O ensino da liturgia acontecia com muita simplicidade e praticidade, literalmente elegante e, através das próprias celebrações, buscava-se garantir o essencial⁸.

Então, na formação ministerial, o lugar privilegiado da liturgia era evidente. É o que tentaremos discorrer ao longo deste capítulo.

Para desenvolver a nossa tese de que a formação litúrgica hoje nos seminários necessita reencontrar o seu lugar, neste primeiro capítulo pretendo mostrar esta evolução positiva da formação litúrgica no primeiro milênio da Igreja. Fá-lo-ei com um raciocínio nucleado em dois pontos: Jesus como inspiração e fundamento, e alguns elementos da conseqüente evolução no primeiro milênio.

1. Jesus Cristo, inspiração e fundamento.

Para descrever este primeiro núcleo do nosso raciocínio, vamos falar da origem histórico-religiosa de Jesus, da sua missão, da constituição dos Doze em vista da fé e da

⁷PASTRO, C. *Arte sacra, o espaço sagrado hoje*. pg. 246.

⁸Cf. SILVA, J. A. *Relação entre catequese e liturgia*. Apostila.

missão, da pessoa de Jesus como liturgista e Mestre e, por fim, das características do seu ensino.

1.1. A origem histórico-religiosa de Jesus.

Jesus nasce no ano sete (ou seis) antes da nossa era, em Belém, aldeia natal de Davi, distante oito quilômetros ao sul de Jerusalém. Criou-se em Nazaré, uma pequena aldeia da Galiléia, com cerca de cem a cento e cinquenta habitantes⁹. Segundo os evangelhos, Herodes Magno ainda estava vivo quando Jesus nasceu. Desde sua infância, teve vários espaços de formação. O primeiro foi o seu lar, onde aprendeu o ritmo diário da vida. O segundo foi a sinagoga da aldeia. No tempo de Jesus, as sinagogas tinham uma escola anexa, que cuidava da formação dos meninos. Até a idade de onze anos estudavam a Torá, os profetas e a tradição escrita, na *bet sefer* (casa da leitura). Podiam, depois, passavam para a *bet talmud* (casa de aprendizagem). É possível que o templo, com sacerdotes e escribas, tenha sido mais um espaço de aprendizagem para Jesus (Lc 2, 41-50)¹⁰.

⁹Cf. BORN, A. V. D. "Jesus", in: *Dicionário enciclopédico da bíblia*. pg. 780.

¹⁰Cf. GASS, I. B. *Uma introdução à bíblia: período grego e vida de Jesus*. pg. 99-101. Neste mesmo sentido afirma GRÜN, A: Jesus cresceu como judeu. Foi para uma escola judaica, aprendeu a rezar os salmos, estudou a história judaica da maneira como é descrita no Antigo Testamento. Aprendeu a pensar e a viver como judeu. E, adulto, participou das discussões das diferentes escolas judaicas. Jesus continuou pensando como judeu. Mas, na maneira como interveio nas discussões das diversas linhas de pensamento dentro do judaísmo, manifestou sua soberania. Esse Jesus, da pequena aldeia de Nazaré, demonstra em seu pensar uma largueza que nenhuma formação escolar conseguiria explicar. Interpreta a lei do modo que, em seu íntimo, considera mais certo. Sabe reconhecer a vontade de Deus não apenas para si mesmo, mas também para os outros. Jesus cresceu na tradição judaica e foi nela que recebeu a fé. Maria, mãe de Jesus, aproximava-se da visão apocalíptica, que era amplamente difundida no judaísmo da época. É o que se manifesta em seu canto de louvor, o "Magnificat". A visão apocalíptica espera para breve a chegada de Deus. E, quando Deus chegar, o mundo inteiro passará por uma transformação radical, as relações de poder serão redefinidas; os ricos, então, sairão de mãos vazias, e os famintos serão saciados. De Maria, Jesus aprendeu que Deus logo há de vir para julgar e transformar este mundo. Temos que contar com Deus. Ele não demora. Ele atua nas pessoas. Não é apenas um observador de fora. Ele intervém neste mundo. José, o justo, é considerado como sendo da linha farisaica, a quem importava cumprir o mandamento de Deus. Mas José não era nenhum fanático da lei. Ele unia justiça e correção com bondade e misericórdia. Se fosse apenas justo, se quisesse unicamente cumprir o mandamento, teria que denunciar sua mulher grávida e entregá-la à morte. Mas ele quis ser fiel não à lei, mas sim à sua noiva. A justiça, como a entendia, estava voltada para o bem e para a salvação do homem. De José, Jesus aprendeu a interpretar os mandamentos de Deus com misericórdia: GRÜN, A. *Jesus e suas dimensões*, pg. 17-18

Em sua educação religiosa, Jesus conheceu as diferentes escolas espirituais ligadas aos quatro principais grupos daquele tempo: os saduceus, fariseus, essênios e zelotes¹¹.

Dois dentre eles não são citados nos evangelhos, os zelotes e os essênios. Por outro lado, os fariseus são apresentados como os parceiros do diálogo crítico com Jesus. Uma análise da história da tradição, no entanto, logo nos mostra que em um número considerável de passagens, os fariseus foram, posteriormente, incluídos no lugar de parceiros anteriormente anônimos. Mas mesmo se eliminarmos essas passagens, as restantes mostrarão que os fariseus foram o principais antagonistas de Jesus¹².

Os saduceus constituíam a nobreza sacerdotal, adeptos do culto no Templo, negavam a possibilidade da ressurreição defendida por Jesus. Simpatizavam com os romanos, de quem esperavam proteção para o culto no Templo. Foram os verdadeiros inimigos de Jesus, que o entregaram aos romanos¹³.

Os fariseus constituíam o grupo mais numeroso, uma linha religiosa dominante em Israel. Através de certo número de leis secundárias, tentavam proteger as leis dadas por Deus ao povo. Jesus discute muito com eles. Não os rejeita, mas, na interpretação da lei, é muito mais tolerante e liberal do que a maioria deles. Após a destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70, os fariseus resolveram, no sínodo de Jâmnia, expulsar os cristãos da sinagoga. Só a partir de então é que as comunidades cristãs passaram a considerar os fariseus como seus verdadeiros adversários. O próprio Jesus mantinha relações amistosas com alguns deles. Eram, na verdade, pessoas piedosas, que se esforçavam por viver segundo a vontade de Deus. Tinham sérias dificuldades com os dominadores romanos, mas os toleravam como se eles fizessem parte de um destino permitido por Deus. Hoje podemos identificar os fariseus com grupos que têm interesse pela religião e para os quais o que importa é manter as tradições e conservar a piedade em meio a um mundo secularizado. Jesus respeita os fariseus, mas distancia-se deles claramente na medida em que as interpretações farisaicas brotam mais do medo do que da submissão à vontade de Deus, cujo

¹¹Cf. *Ibid.* pg. 12.

¹²GOPPELT, L. *Teologia do novo testamento*. pg. 65.

¹³GOPPELT, L. *Teologia do novo testamento*. pg. 66.

desejo é que o homem viva, e não que fique escravizado sob o peso da lei¹⁴. O terceiro grupo era o dos essênios¹⁵. Originalmente eram sacerdotes, mas, em meados do século II a.C., haviam deixado o culto no templo, retirando-se para o deserto afastando-se do convívio das pessoas comuns e fechando-se em comunidades religiosas em vida de pobreza e celibato. Esse isolamento e segregação do mundo, em busca do deserto, possuía sentido simbólico e escatológico. Revelava o que eles eram: os puros. Consideravam o culto no templo impuro e o substituíram por abluções rituais, das quais esperavam a purificação de suas culpas. Havia essênios casados e não-casados. Existiam centros semelhantes a conventos em Qumrã, na colina a sudoeste de Jerusalém (hoje chamada de Sião) e nas proximidades de Damasco¹⁶.

¹⁴Cf. *Ibid.* pg. 18.

¹⁵É possível conhecer o dia-a-dia dos essênios a partir do legado do historiador judeu Flávio Josefo (37-100). Aos 16 anos Josefo recebeu lições de um mestre essênio, com quem viveu durante três anos. Os membros da seita acordavam antes do nascer do sol. Permaneciam em silêncio e faziam suas preces até o momento em que um mestre dividia as tarefas entre eles de acordo com a aptidão de cada um. Trabalhavam durante 5 horas em atividades como o cultivo de vegetais ou o estudo das Escrituras. Terminadas as tarefas, banhavam-se em água fria e vestiam túnicas brancas. Comiam uma refeição em absoluto silêncio, só quebrado pelas orações recitadas pelo sacerdote no início e no fim. Retiravam então a túnica branca, considerada sagrada, e retornavam ao trabalho até o pôr-do-sol. Tomavam outro banho e jantavam com a mesma cerimônia. Os essênios tinham um enorme respeito pela natureza. "Existem passagens dos Manuscritos do Mar Morto, aqueles encontrados em 1947 nas cavernas de Qumran, que soam como as do evangelho cristão", afirma James Vanderkam, da Universidade de Notre Dame, Estados Unidos. Traços da doutrina dos primeiros seguidores de Jesus - como o elogio de uma vida humilde, a proibição do divórcio e a invocação a Deus como um pai - têm ressonância na fé de Qumran. "É possível que essênios e cristãos tenham entrado em contato", diz o cônego Celso Pedro da Silva, do Mosteiro da Luz, em São Paulo. No ano de 68 o monastério de Qumran foi aniquilado numa devastadora investida do exército romano que arrasou a Judéia e destruiu Jerusalém. O ataque era dirigido principalmente aos judeus zelotes, que se insurgiram contra o domínio romano. Qumran, que não era nenhuma fortaleza, foi presa fácil para as legiões do César. Mas nem todos os essênios morreram aí. Alguns fugiram para Massada onde, aí sim, no ano de 73, descobriram o que é um final trágico. O esconderijo, uma fortaleza zelote ao sul de Qumran, localizada no alto de uma colina, parecia impenetrável. Mas 15000 romanos fizeram um cerco que durou dois anos e metodicamente construíram uma rampa de terra e areia para alcançar o topo da fortaleza. KENSKI, R. TEIXEIRA, D. *A doutrina do deserto, os essênios*. Disponível em <http: www.essenio.com.br>. Acesso em: 28 de agosto 2006, 22:30:15.

¹⁶ "Hoje, 90% dos textos já foram transcritos", diz o teólogo Geza Vermes, da Universidade de Oxford, que pesquisa os manuscritos [...] O surgimento da doutrina essênica aconteceu em tempos conturbados. Os judeus viveram sob dominação de diversos povos estrangeiros desde 587 a.C., quando Jerusalém foi devastada pelos babilônios, habitantes da atual região do Iraque. Por volta do século II a.C., o domínio era exercido pelos selêucidas, um povo grego que habitava a Síria. A cultura helenista proliferava e a tradição hebraica sofria fortes ameaças. Para recuperar o judaísmo, os israelitas acreditavam na vinda do Messias que chegaria ao final dos tempos para exterminar os infiéis. A chegada do Salvador poderia se dar a qualquer instante. Os mais ortodoxos seguiam tão à risca os preceitos religiosos e buscavam a ascese e a pureza com tal fervor que ficavam chocados com os hábitos mundanos dos gregos e a presença de leprosos, cegos, surdos e cachorros passeando pela cidade e pelos templos. Entre eles estavam os essênios. Um dia, boa parte deles, liderados por um sacerdote, partiu para o Deserto da Judéia (atual Israel) para orar, meditar e estudar as leis sagradas. Longe, bem longe, de tudo o que eles consideravam impuro. Surgia assim o monastério de Qumran, uma das primeiras comunidades monásticas do Ocidente." :GRÜN, A. *Jesus e suas dimensões*. pg. 13.

Os essênios não seriam conhecidos pelos historiadores, se não fossem as descobertas arqueológicas de 1947, nas cavernas próximas ao Mar Morto, onde foram achados 813 manuscritos essênios, regidos por volta de 225 antes de Cristo. Muitos estudiosos procuraram as origens de Jesus¹⁷ e do cristianismo primitivo entre os essênios. Eles exerciam forte influência sobre o povo pelo seu poder espiritual. Pensavam-se como filhos da luz em oposição aos filhos das trevas. A proposta era amar os primeiros, odiar os outros, entregando-os à culpa e à vingança de Javé. Ele, o Deus, vingador de Israel. Quando alguém desobedecia às normas, era rigorosamente excluído.

Jesus quer que seus discípulos não excluam as pessoas, mas que as evangelizem (cf. Lc 16,8).

Jesus afastou-se anos luz dos essênios. Deus é Pai e não vingador. É misericórdia, perdão, e não castigo. A luz e as trevas estão misturadas, como o trigo e o joio. Das trevas nasce a luz e vai vencendo-as ao longo do tempo. A vitória sobre o mal se faz pelo amor, pela graça e não pela destruição dos pecadores. O pecador é convidado à conversão e não é rejeitado. Antes, Jesus sai ao encontro dele. A presença salvífica de Deus está em todas as partes. O Verbo plantou sua tenda entre nós. Não se refugiou em nenhum rincão privilegiado. Está no meio dos pecadores, pobres, doentes, bem misturado com o povo. A prática de Jesus se distanciou

¹⁷ Muitos estudiosos tentam situar a origem intelectual e religiosa de Jesus nos círculos batistas judeus, aos quais pertenciam os essênios de Qumran e João Batista. Jesus participou, sem dúvida, do movimento batista, provocado por João Batista. Segundo Jo 1, 35 ss., tomou seus primeiros discípulos do círculo de João. Além dessas relações com João Batista, muitos fatos da vida da primeira comunidade de Jerusalém lembram os essênios, como foram descritos por Josefo: A comunhão de bens, as ceias em comum e o batismo. A proveniência de Jesus dos círculos batistas foi novamente aventada, quando na década de 20 se traduziram os escritos mandeus. A designação de Jesus como Nazôraios parecia dar uma indicação direta a esse respeito. Dizia-se que essa designação era proveniente da seita batista judaica do mesmo nome. Jesus era uma reencarnação do Mestre da Justiça. Como aquele, radicaliza a Torá e exige uma conversão total ao anunciar a proximidade do juízo. Por isso, como aquele, entra em conflito com os líderes religiosos. A isso se aliam uma série de pontos em comum, p.ex., a crítica à riqueza, ao juramento, ao templo e a outras coisas mais. Esses traços paralelos tornam uma comparação muito elucidativa. Sob o ponto de vista da história da tradição, no entanto, Jesus não está mais ligado aos essênios do que a outros grupos judeus, como fariseus e representantes da apocalíptica. Esse resultado provisório de nossas considerações a respeito da origem histórico-religiosa de Jesus, corresponde muito notavelmente com algumas referências casuais da tradição sinótica, com os dados a respeito da origem do círculo formado por seus discípulos mais chegados. Jesus chama o publicano Levi ao discipulado (Mc 2,14). Em princípio está correto quando, em Mt 9,9, Levi é identificado com um dos membros do círculo dos doze, com Mateus. Ao lado dele, outrossim, é citado Simão *ho kananaios* na relação do círculo dos doze (Mc 3,18). Lc 6,15 reproduz, corretamente, o cognome com *ho zelotes*. Esse discípulo pertencera ao partido zelote, antes de sua vocação. Publicano e zelote constituem as alas mais extremas do povo judeu: Um arrecada os tributos para os estrangeiros, e o outro nega-se pagá-los, fazendo inclusive uso da força. No círculo dos discípulos de Jesus encontramos-os unidos; ali ocorreu algo novo, que elimina os velhos contrastes. Isso permanece de pé, mesmo se alguns dados e nomes são historicamente incertos: KENSI, R. Teixeira. *A doutrina do deserto*, em <<http://www.esseio.com.br>>. Acesso em 28 de agosto de 2006, 22:30:15

radicalmente dessa atitude austera, ascética e rigorista a ponto de ser caluniado como comilão e beberrão, já que aceitava os convites para comer na casa dos pecadores¹⁸.

Podemos resumir a origem histórico-religiosa de Jesus, no seguinte:

a) Sob o ponto de vista histórico-religioso, Jesus não provém, unilateralmente, de uma determinada linha do judaísmo. Ligá-lo unilateralmente ao movimento batista ou à apocalíptica é uma simplificação ingênua. Jesus assume diversas tradições judaicas e desenvolve sua pregação, em parte de acordo, em parte em antítese com elas. Relaciona-se tanto com tradições farisaicas como com apocalípticas, pois ambas estão muitas vezes intrinsecamente ligadas. Sua relação com tradições judaicas terá que ser ainda aprofundada. Nisso especialmente se evidenciará que, como o Mestre da Justiça de Qumran, Jesus adquire uma relação própria para com o AT, via tradições judaicas¹⁹.

b) Jesus não se choca com os fariseus por ser representante de uma outra linha, mas por chamar todos ao arrependimento, inclusive os fariseus²⁰.

c) O único personagem do judaísmo contemporâneo com o qual Jesus se identifica de maneira positiva é João Batista²¹.

d) Jesus foi marcado pelas discussões comuns nos círculos dos judeus. Ele próprio estudou profundamente a lei, mas tinha também a necessária sensibilidade para deixá-la de lado quando não fazia justiça ao homem. De acordo com a firme convicção de Jesus, a lei existe para o homem, e não o contrário. Tudo quanto Deus nos oferece serve para vivermos retamente e para podermos nos entender uns com os outros, surgindo daí uma boa convivência mútua²².

¹⁸SILVA, L. R. *A caminho do novo milênio, em sintonia com o projeto de evangelização da Igreja no Brasil*. pg. 100-101.

¹⁹Cf. *Ibid.* 69.

²⁰Cf. *Ibid.* 69.

²¹Cf. *Ibid.* 69.

²²Cf. *Ibid.* 69.

1.2. A missão de Jesus Cristo.

Jesus, na sinagoga de Nazaré, se proclamou Messias e anunciou em grande estilo um fantástico movimento de *evangelicção dos pobres, remissão dos presos, recuperação da vista aos cegos, devolução da liberdade aos oprimidos e o advento do ano da graça do Senhor* (Lc 4,18-19)

Por isso a missão do movimento de Jesus consiste em anunciar a proximidade do Reino. As principais características deste movimento foram: 1) Opção pelos excluídos, privilegiando o povo pobre como eleito de Deus; 2) A decisão de propor à religião judaica a volta à função de promover e defender a vida, resgatando as origens da fé em YHWH, bem como do movimento profético; 3) O anúncio do Reino do amor e da não-violência, colocando a prática da solidariedade e da misericórdia acima da prática da lei, inclusive como chaves de interpretação da lei; 4) A atuação preferencialmente nas aldeias camponesas e não tanto nas cidades, integrando principalmente pessoas jovens. Em sua prática, Jesus denunciou firmemente os promotores da opressão sobre o povo, teve compaixão das vitima da pobreza, buscando sempre amenizar seu sofrimento²³.

Jesus disse que o Reino é dos pobres e os proclamou felizes (Lc 6, 20; Mt 5, 3). Em sua vida pública viveu no meio dos pobres, compartilhou refeições com os pecadores e cobradores de impostos (Mt 9, 10; 11, 19; Mc 2, 15-17; Lc 7, 31-35), rompendo com o ostracismo a que essas pessoas estavam condenadas, causando grande furor²⁴.

Jesus levou o evangelho aos pobres e descobriu o Reino de Deus entre eles. Os pobres precisavam dele, eram sua família, seu povo, o povo do Reino vindouro de Deus. Era solidário com os indefesos e tomava partido dos oprimidos contra os exploradores (Lc 6, 20-26). Mostrava abertura de coração para com o desprezado samaritano (Lc 10, 10-37; 17, 11-19; Jo 4). Associava as mulheres ao seu projeto libertador, conversando publicamente com

²³Cf. GASS, I. B. *Uma introdução à bíblia: período grego e vida de Jesus*. pg. 103.

²⁴Cf. ANDERSON, A. F. et al. *A história da palavra II*. pg. 40.

elas e aceitando os sinais de afeto e lealdade. Jesus descobria a bondade naquelas pessoas consideradas falidas pela sociedade daquele tempo²⁵.

Nos seus encontros com os doentes, possuía a capacidade de reabilitá-los. Ele curava enfermidades físicas, tais como febres (Mc 1, 30-31), restituía a visão aos cegos (Mc 8, 22-26), restaurava membros paralisados e atrofiados (Mc 3, 1-6), limpava doenças da pele (Lc 5, 12-16) e libertava as vítimas de aflições psicológicas e do poder misterioso dos maus espíritos²⁶. Não possuía nada para si, nem mesmo uma pedra para reclinar sua cabeça (Lc 9, 58).

1.3. Jesus Cristo e a instituição do grupo dos Doze e a sua missão.

Jesus beirava os seus trinta anos, quando assumiu publicamente sua missão e recrutou discípulos. O seu país era terra ocupada por soldados romanos, e o povo era duramente oprimido. Este povo estava à espera do messias e rei, que o libertasse deste jugo do domínio estrangeiro e fizesse com que lahweh, o Deus do povo de Israel, voltasse a agir de maneira nova e eficaz; Irromperia então o "Reino de Deus", pelo qual ansiaram por longos séculos, no meio deles²⁷.

Depois do batismo, com o qual inaugurou o seu ministério público, Jesus, às margens do lago de Tiberíades, escolheu os Doze e começou a sua pregação, anunciando a vinda do reino e a paternidade de Deus e proclamando as bem-aventuranças, programa da nova humanidade²⁸.

A lei suprema da religião por Ele revelada era o incondicional amor a Deus e um amor ao próximo que abrangia todos os homens de toda raça e toda condição. Ele ensinava com

²⁵Cf. SENIOR, D. - STUHLMUELLER, C. *Os fundamentos bíblicos da missão*. pg. 203.

²⁶Cf. *Ibid.*pg. 205.

²⁷Cf. BAUDLER, G. *A figura de Jesus nas parábolas*. pg. 283.

²⁸Cf. DUÉ, A. *Atlas histórico do cristianismo*. pg. 18-19. "Em todas as religiões, os grandes mestres espirituais tiveram discípulos, assíduos a seu ensinamento e preocupados em conservar suas palavras. Na Bíblia, também encontramos esse fenômeno, embora se configure de modo particular, pois o povo vivia num regime de aliança e de fé. A aliança não se baseava em tradições de mestre e discípulo, mas em si mesma. Certamente, o povo eleito tem necessidade de guias que os orientem na leitura de fé dos acontecimentos".

autoridade, não como os escribas, e confirmava seu ensinamento com milagres e, ao mesmo tempo, exigia o seguimento incondicional: aquele que quisesse ser seu discípulo tinha que desprezar a própria vida, deixar pai, mãe, não olhar para trás, segui-lo livre de qualquer laço²⁹.

Entre os seguidores do Mestre, alguns ficaram em suas casas e continuaram seus trabalhos habituais; outros deixavam as casas e os familiares e viviam todo tempo com ele. Foi neste grupo mais restrito que se inscreveu a instituição dos Doze³⁰. Eram eles: Simão, André, Tiago e João, Felipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o cananeu, e Judas Iscariotes, o traidor. A maioria era da região de Cafarnaum, desprezada pela sociedade judaica refinada, por ser o centro de uma parte do Estado judaico conhecida, na realidade, como Galiléia dos pagãos. O próprio Jesus disse: *Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno* (Mt 11, 23). Eram homens de costumes simples, habituados ao esforço. Jesus queria estabelecer com eles comunhão de vida, de pensamento, de afeto semelhante ao dele com o Pai. Não se tratava de conhecimento frio, superficial, mas profundo, nascido do amor³¹. O Senhor os procurou no meio das suas tarefas quotidianas, trabalhos e afazeres, e convidou-os a segui-lo na missão de evangelizar o mundo³².

Eles foram generosos perante o chamado de Jesus, decidindo segui-lo completamente, sem condições, cálculos e reservas³³. Abandonaram tudo e foram com Jesus, deixando suas profissões, suas famílias e atividades. Saíram da segurança do passado rumo a um futuro a ser descoberto. A única coisa certa era Jesus, que ainda não sabiam bem quem

²⁹ *Ibid.* pg. 19.

³⁰ Cf. LEMAIRE, A. *Os ministérios na igreja*. São Paulo, pg. 12. “Uma particularidade consiste no fato de Jesus, pessoalmente, ter escolhido seus alunos, ou seja, seus apóstolos, ao contrário do costume judaico de o discípulo escolher o seu mestre”. INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WÜRZBURG. *Teologia para o cristão de Hoje*, pg. 194.

³¹ Cf. MADALENA, G. S. M. *Intimidade divina*. pg. 643.

³² Cf. LARRAÑAGA, I. *O pobre de Nazaré*. pg. 166-168.

³³ Cf. FERNÁNDEZ, F. *Hablar con Dios*. pg. 7. “A palavra “seguir”, na boca de Jesus, deve ser entendida antes de tudo em sentido puramente literal. Ela tem sentido de ir atrás de Jesus, acompanhá-lo, entrar em comunhão de vida com Ele”. INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WÜRZBURG. *Teologia para o cristão de hoje II*. pg. 194.

era, mas que misteriosamente os atraía. A partir de então, Jesus Cristo seria o centro das suas vidas e exerceria sobre eles uma atração indescritível³⁴.

Jesus Cristo instituiu os Doze para estarem com Ele e para enviá-los a pregar e ter poder de expulsar os maus espíritos. A pregação do reino de Deus e a derrota do poder do príncipe deste mundo eram o objeto do envio do próprio Jesus e, nessa tarefa, queria que seus apóstolos participassem³⁵. Não foram os Doze que fizeram a escolha; a iniciativa foi de Jesus. Por isso se constituíram em seus enviados, neles continuando a sua própria missão: *Como o Pai me enviou, eu também vos envio* (Jó 20, 21). O seu ministério era, portanto, a continuação da sua própria missão: *Quem vos recebe, a mim recebe* (Mt 10, 40), disse Ele aos Doze. Eles sabiam que haviam sido qualificados por Deus como *ministros de uma nova aliança* (2 Cor 3, 6), *ministros de Deus* (2 Cor 6,4), *embaixadores de Cristo* (2 Cor 5, 20), *servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus* (1 Cor 4, 1).

O Senhor escolheu Doze homens, metáfora das doze tribos de Israel, para serem os chefes da Igreja, confirmando esta função através de uma passagem bíblica: *Disse-lhes Jesus: em verdade vos digo que, quando as coisas forem renovadas, e o filho do Homem se assentar no seu trono de glória, também vós, que me seguistes, vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel* (Lc 22, 28-30).

Jesus Cristo constituiu o grupo dos Doze para ser representante do Israel renovado, plenamente restaurado. Representavam todo o povo de Deus e, ao mesmo tempo, exerciam um papel especial no meio da comunidade, ensinando e governando³⁶. Eram as doze colunas do novo povo de Deus. Coluna é símbolo de firmeza. Deviam ser firmes e exemplares na fé. Depois da ressurreição, encontravam-se entre os guias da comunidade. Pode-se dizer que os

³⁴Cf. CEI. *O caminho do Senhor, catecismo para adultos*. pg. 80.

³⁵Cf. KREDEL, E.M. Apóstolo. *Dicionário de teologia bíblica*. pg. 89.

³⁶ Cf. CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTAS. *Batismo, eucaristia e ministérios*. pg. 37-38.

Doze prefiguraram a Igreja inteira e as pessoas encarregadas de uma autoridade e de uma responsabilidade específica na Igreja³⁷.

O papel dos Doze era o de testemunhar a ressurreição de Cristo. Quatro traços definem os Doze como tais: a) Foram escolhidos por Deus como os profetas (At 1, 26; 10, 42); b) Eles viram e ouviram o Cristo (At 4, 20; 1Jo 1, 1-3), viveram em sua intimidade (At 1, 21-22), possuíram uma experiência viva e direta de sua pessoa, de seu ensinamento e de suas obras. Outros podiam pregar mas, no sentido estrito, só os Doze poderiam testemunhar; c) Eles receberam do Cristo a missão de testemunhar (At 10, 41) e, para desempenhar este mandato, foram investidos do poder do Espírito (At 1, 8); e d) O último traço do grupo dos Doze como testemunhas foi o engajamento, atitude que se traduz por absoluta fidelidade a Cristo e a seu ensinamento, reconhecido como a verdade e a salvação do homem³⁸.

Assim, os Doze foram enviados para serem missionários, embaixadores e testemunhas de Jesus Cristo, mensageiros da ressurreição. A primeira grande missão apostólica foi o envio às terras pagãs, precedidas da ordem: *Vão e anunciem: o Reino do céu está próximo* (Mt 10, 7). Antes de serem os ministros do Reino de Deus, Jesus pediu que fossem os pregadores do Reino e os enviou *dois a dois* (Mc 6, 7) a percorrerem as cidades da Galiléia, dirigindo-se às *ovelhas perdidas da casa de Israel* (Mt 10, 6). O anúncio da Palavra é ação dos que partem em nome de Jesus³⁹. Esta pregação dos Doze foi de curta duração; o resto do tempo, os Doze permaneceram constantemente junto com Jesus. Vemo-los ouvindo o ensinamento em parábolas: *Quando ficaram sozinhos os que estavam junto dele com os Doze o interrogaram sobre as parábolas* (Mc 4, 10-12). Foi ao grupo dos Doze que Jesus anunciou a sua paixão (Mc 10, 32-34) e os ensinou que os chefes deviam servir (Mc 9, 35). Foi na companhia dos Doze que subiu a Jerusalém e celebrou sua última refeição (Mc 14, 12)⁴⁰.

Entre eles, a posição de maior destaque foi a de Pedro. Era ele que muitas vezes tomava a palavra também em nome dos outros; era o mais pronto para professar a fé. Jesus mesmo lhe indicou uma função especial na edificação da Igreja.

³⁷ Cf. CANSI, B. *Formação da comunidade catequética*. pg. 11.

³⁸ LATOURELLE, R. *Jesus existiu?* pg. 179-180.

³⁹ Cf. *Ibid.* pg. 8.

⁴⁰ Cf. LEMAIRE, A. *Os ministérios na igreja*, pg. 14.

Nas listas dos Doze, transmitidas pelos evangelhos sinóticos e pelos atos dos apóstolos, Pedro ocupou sempre o primeiro lugar. Era o porta-voz do grupo dos Doze e exprimia suas reações positivas e negativas: era ele quem proclamava que Jesus era o Messias, mas era ele também quem recusava um Messias sofredor. Foi ele quem negou Jesus na paixão, mas também foi aquele que se arrependeu; foi a ele, enfim, que Jesus apareceu em particular após lhe ter anunciado que teria de confirmar seus irmãos⁴¹.

Jesus, através de uma instrução profunda, fez desses Doze homens, líderes vigorosos e porta-vozes capazes de transmitir com clareza a fé cristã⁴².

O Senhor confiou-lhes a incumbência de perpetuar, na Igreja, a sua missão em favor de todos os homens e conferiu-lhes o seu próprio poder: *Foi-me dado todo o poder no céu e na terra: ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo* (Mt 28, 19-20).

Desde o primeiro momento do chamado, Jesus os envolveu na missão. Dois a dois, deviam anunciar a chegada do Reino (Mt 10, 7; Lc 10, 1-9; Mc 3, 14), sinalizado-o através da cura dos doentes (Lc 9, 2) e a expulsão dos demônios (Mc 3, 15)⁴³.

O tipo de pobreza que caracterizava a vida de Jesus e dos Doze devia caracterizar também a missão⁴⁴. Eles não podiam levar nada consigo: nem ouro, nem prata, nem duas túnicas, nem sacola, nem sandálias (Mt 10, 9-10), devendo ter uma vida pobre (Mt 19, 21), vivendo da partilha. Pelo seu modo de viver e de conviver, Jesus denunciava o sistema antigo, que em nome de Deus excluía os pobres, e anunciava um novo começo, que em nome de Deus acolhia os excluídos. Ele inaugurou a nova aliança. Jesus radicalizou a lei (Mt 5, 17), reconduzindo-a à sua raiz, que é a prática do amor a Deus e ao próximo (Mt 22,37-40; 7, 12).

⁴¹Cf. CEI. *O caminho do Senhor, catecismo para adultos*. pg. 81.

⁴²Cf. ESTRADA, J. A. *Para compreender como surgiu a igreja*. pg. 308.

⁴³Cf. CRB. *Seguir Jesus: os evangelhos*. pg. 32-34.

⁴⁴Cf. ANDERSON, A. F. et al. *A história da palavra II*. pg. 40-41.

Nas palavras e gestos de Jesus, Deus tornou-se próximo, o Deus que, na pregação dos escribas e fariseus, parecia inacessível ao povo marginalizado (Mt 23, 13).

Na multiplicação dos pães, o mestre pediu para que se sentassem no meio dos pobres e famintos para partilhar a vida e o pão. Os Doze tinham por missão distribuir o pão (Mt 14, 19). Portanto, caminhar com o povo, estar no meio dos problemas, vivendo a situação do povo. Comer o pão com o povo significava participar das suas dores e alegrias. Eles jamais deveriam aspirar altos postos da política. Deveriam renunciar ao poder, à posse e à violência. Serem humildes e evitar o escândalo (Mt 16, 24-28) e os desejos de dominação (Mt 18). Deveriam perdoar-se mutuamente sempre (Mt 18, 15-18). Ser o espelho de Jesus Cristo aos pobres, desamparados e condenados pela lei⁴⁵.

Após o evento pascal e o acontecimento de Pentecostes, os Doze saíram anunciando o evangelho como forma de viver a união com Deus e a comunidade. A pregação venceu fronteiras, superou limites de línguas e culturas e penetrou visões filosóficas e teológicas. A semente da fé cristã foi sendo plantada no coração do povo. Com o passar do tempo, novos membros foram surgindo e assumindo o projeto do reino de Deus e a mensagem foi se espalhando até os confins da terra. Os testemunhos, as cartas, os rituais litúrgicos, as doutrinas elaboradas foram constituindo o grande tesouro da fé cristã⁴⁶.

O Cristo ressuscitado, o Senhor da história, através dos Doze, continua a dirigir aos homens a Palavra que chama à fé e que converte e leva a salvação; serão pastores e guias do povo de Deus pela autoridade que receberam de Cristo⁴⁷.

Assim como Jesus Cristo foi enviado pelo Pai, da mesma forma enviou os Doze cheios do Espírito Santo, não só para pregarem o evangelho a toda criatura e anunciarem que o filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertou do poder das trevas e nos transferiu para o reino do Pai, mas também para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação através do sacrifício e dos sacramentos, em torno dos quais gravita toda a vida litúrgica⁴⁸.

⁴⁵Cf. GONÇALVES, J. A. *De olho na Bíblia*. pg. 70-99.

⁴⁶ Cf. COUTO, M. A. - BOGAZ, A. S. *A origem da tradição cristã I*. São Paulo: Paulus, 2005. Vídeo.

⁴⁷Cf. CEI. *O caminho do Senhor: catecismo para adultos*. pg. 80-87.

⁴⁸ SC 6.

Assim, desde o início, o grupo dos Doze foi fortemente ligado ao projeto do Reino. Eles tiveram a tarefa de fazer com que o germe da salvação semeado por Jesus Cristo fosse mantido vivo, crescesse e produzisse frutos. Cada vez mais, ele os fazia conscientes de sua missão, a ponto de lhes dizer: *Vós sois o sal da terra... a luz do mundo... Assim brilhe vossa luz diante dos homens, para que eles vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que estas nos céus* (Mt 5, 13-16).

Esta missão confiada por Cristo aos Doze deverá durar até o fim dos séculos, já que o evangelho que eles transmitiram é, para a Igreja, em todos os tempos, a fonte de vida⁴⁹. O sucesso que eles alcançaram dá testemunho do poder transformador do senhorio de Jesus. Nenhum dos escritores dos evangelhos deixou-nos traços físicos dos Doze. Dão-nos, contudo, minúsculas pistas que nos ajudam a imaginar como pareciam e atuavam. Um fato importante que tem sido tradicionalmente menosprezado em incontáveis representações artísticas dos Doze é sua juventude. Se levarmos em conta que a maioria chegou a viver até o terceiro e quarto quartéis do século e que João adentrou o segundo século, então eles devem ter sido não mais do que jovens quando aceitaram o chamado de Cristo.

1.4. Jesus Cristo: mestre dos Doze.

Jesus aparece comumente ensinando aos doze e às multidões. A estas fala em espaço livre a céu aberto, tendo como apoio a própria relva. Além das lições frequentes com os Doze em ambiente reservado e familiar, mantinha encontros pessoais como com a Samaritana e Nicodemos.

Na escola de Jesus, só se ensinava uma única matéria: o Reino! E este Reino se conhecia na prática de Jesus. Jesus tem consciência de que sua prática pedagógica⁵⁰ é a

⁴⁹ Cf. LG 20.

⁵⁰ A pedagogia, em um sentido estrito, está ligada às suas origens na Grécia antiga. Entre os mestres que contribuem para a formação da infância, encontra-se o pedagogo (*p a i d a g o g o s*). Aqueles que os gregos

culminância da história do povo de Israel. Essa consciência é precisamente sua consciência messiânica de ser o revelador pleno e último da vontade do Pai e a vitória definitiva de seu Reino.

Ele vivia a realidade e mostrava como é possível fazer nascer um mundo novo. Ele vivia o que pregava. Tudo o que Jesus fazia e dizia tinha um objetivo: a comunhão das pessoas entre si e de todas as pessoas juntas com Deus-Pai ⁵¹.

O Novo Testamento está repleto de passagens que nos mostram o quanto Jesus se preocupava em ensinar aos Doze tudo o que era necessário para exercerem com fecundidade o ministério apostólico⁵². Sempre foi paciente com eles e com todos, e contou com o tempo para ensiná-los e formá-los com uma pedagogia divina. Eles ficaram com Jesus durante todo o tempo de sua vida, acompanhavam Jesus em todos os seus deslocamentos, o que permitiu ao Mestre dar-lhes um ensinamento mais sistemático e mais preciso que o dos discursos destinados ao povo das cidades e vilas que visitava⁵³.

antigos chamavam de “pedagogo” era um simples escravo ou servo que levava a criança para o local da relação ensino-aprendizagem; não era exclusivamente um instrutor, ao contrário, era um condutor, alguém responsável pela melhoria da conduta geral do estudante, moral e intelectual. Ou seja, o escravo pedagogo tinha a norma para a boa educação; se, por acaso, precisasse de especialistas para a instrução e é certo que precisava, conduzia o estudante até lugares específicos, os lugares próprios para o “ensino de idiomas, de gramática e cálculo”, de um lado, e para a “educação corporal”, de outro. Muitas vezes, "escolhia-se para este cargo alguém que, devido à idade, a ser aleijado, ou a sofrer de outros defeitos, fosse incapaz para os serviços domésticos." O pedagogo transportava a pequena bagagem de seu jovem amo e a lanterna que servia para iluminar o caminho. Por vezes até transportava a própria criança, se esta estivesse fatigada. De modesto servidor, o pedagogo vai progressivamente adquirindo outras funções, nomeadamente ao nível da responsabilidade moral e do cuidado geral sobre a criança. Na verdade, ao acompanhar a criança à palestra tornava-se necessário protegê-la contra os perigos da cidade. Porque passava com a criança grande parte do dia, o pedagogo exercia sobre o seu pupilo uma contínua vigilância. Não é, pois de estranhar que, pouco a pouco, lhe fosse confiada a educação moral do seu pupilo. Quer isto dizer que, apesar do seu caráter servil e de pouco prestígio que muitas vezes lhe era atribuído, o pedagogo cuidava da educação moral da criança, das suas boas maneiras, do seu caráter. GHIRALDELLI, PG. *O que é pedagogia*. Disponível em: <<http://centro rededucacional.pro.br/htm>>. Acesso em: 31 de agosto 2006, 14h45min.

⁵¹SANT’ANA, D.; MELLO, W. *Bíblia: Deus conosco*. pg. 253-256.

⁵²Cf. ESTRADA, J. A. *Para compreender como surgiu a igreja*. pg. 306.

⁵³Cf. LEMAIRE, A. *Os ministérios na igreja*, pg. 12. “Que Jesus reunisse discípulos ao seu redor não era algo fora do comum para aqueles tempos. Qualquer mestre judaico (rabi) reunia discípulos ao redor de si, que o acompanhavam por toda parte e levavam uma vida em comum com Ele. Neste ponto, Jesus simplesmente aceitou o costume daqueles tempos”. INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WÜRZBURG. *Teologia para o cristão de hoje*. pg. 195.

Nos poucos anos de ensino itinerante, Jesus formou os Doze, fez refeições com eles, andou com eles, alegrou-se com eles e sofreu com eles, através desta convivência, o chamado se aprofundou e o processo de ensino avançou⁵⁴.

Eles eram submetidos a uma instrução plena sobre as verdades por Ele proclamadas⁵⁵. Jesus dedica grande parte de seu tempo em formar o grupo dos Doze, núcleo do novo povo que, depois de sua páscoa e com a força do Espírito Santo, será sinal e instrumento do reino no mundo inteiro⁵⁶.

Este grupo, que tinha deixado suas ocupações para seguir Jesus, formava uma nova comunidade religiosa. Jesus Cristo chamava esta comunidade de sua Igreja e dedicou boa parte de seu tempo e sua ação na preparação desta Igreja. A formação passou pela prática; os Doze foram devidamente formados pelo próprio Jesus Cristo, antes de serem enviados *para toda cidade e lugar aonde Ele próprio devia ir* (Lc 10, 1)⁵⁷.

1.5 Jesus, o primeiro liturgista.

No processo de formação, Jesus também formou os Doze na habilidade de celebrar. Liturgista é quem conhece a ciência litúrgica e sua teologia. Em outras palavras é quem sabe o que faz quando celebra a fé, e sabe também ensinar a ciência de celebrar. Neste sentido, Jesus Cristo foi o primeiro liturgista e Mestre de liturgia⁵⁸. Era claro, preciso e objetivo.

Portanto não há dúvida alguma de que Cristo deve ser considerado o verdadeiro autor da Liturgia cristã, no sentido mais exato e profundo, enquanto deu o "conteúdo" real às instituições rituais do antigo testamento, levando à realização seu significado "profético". E não apenas isto. Mas deste modo Cristo estabeleceu a Liturgia cristã como a única forma autêntica de culto no mundo porque, efetivando — em nível de realidade — as formas rituais judaicas, Cristo através

⁵⁴Cf. CRB. *Seguir Jesus: os evangelhos*. pg. 30-31.

⁵⁵ Cf. MACKENZIE, L. J. Apóstolo. *Dicionário bíblico*. pg. 63.

⁵⁶ Cf. Os seminários e suas origens. Disponível < <http://www.seminariosaopedro.org.br/instituicao2.htm>>. Acesso: de 15 de maio 2005, 15h00min.

⁵⁷ Cf. MENEZES, W. PG. *Ministérios na Igreja*. pg. 28-29.

⁵⁸ Cf. JOÃO PAULO II. Carta apostólica *Spiritus et sponsa*, pg. 5. O papa João Paulo II termina a carta apostólica dizendo que no início do milênio se desenvolva uma espiritualidade litúrgica, que leve as pessoas a tomarem consciência de Cristo como primeiro liturgista, que não cessa de agir na Igreja e no mundo, em virtude do mistério pascal continuamente celebrado, e associa a si a Igreja, para louvor do Pai, na unidade do Espírito Santo. *Ibid*.pg. 6.

dessas levou também a seu cumprimento todas as aspirações religiosas que se expressavam igualmente nos ritos da religião natural. E isto vale ainda mesmo no caso em que se possa demonstrar que as formas rituais cristãs derivam efetivamente da Igreja. Com efeito, na elaboração progressiva de suas formas rituais próprias, esta apenas interpretou no plano cultural o valor e o significado dos gestos e das palavras de Cristo⁵⁹.

A ciência litúrgica adquirida por Jesus não provinha, simplesmente de um conhecimento teórico, mas, sobretudo, da sua prática de iniciação na liturgia hebraica. Jesus é educado por sua família segundo a lei de Moisés: circuncisão no oitavo dia (Lc 2, 21), purificação no templo (Lc 2, 22), peregrinação da família ao templo (Lc 2, 41). Jesus rezava os salmos, participava do culto a Deus na sinagoga. É batizado por João (Lc 3, 2; Mt 3, 13ss; Mc 1, 9ss). E como judeu devoto costumava fazer a peregrinação a Jerusalém a fim de participar das grandes festas. Ali experimentou o fascínio que provinha do templo e do culto a Deus. Criado em meio a esta espiritualidade, Jesus, não obstante, desenvolveu uma forma própria de devoção. Tinha uma relação muito pessoal com Deus. Jesus viveu intimamente e praticou a liturgia do seu tempo⁶⁰. E ensinou esta liturgia aos Doze, pois estes “eram judeus, herdeiros de uma rica e bem elaborada tradição cultural; participavam das celebrações litúrgicas da religião do seu povo (templo, sinagogas, festas, orações)”⁶¹.

Jesus Cristo representa o liturgo por excelência. Sua vida terrena não só se relacionou com o mistério de Deus, mas Ele era o próprio mistério em pessoa. Por isso, sua oração fluía na ritualidade e na devoção ao Pai de forma invejável. A ternura e o fervor com que Jesus orava levaram os discípulos a pedir: Ensina-nos a orar (Lc 11, 1). Jesus era um modelo de vida de oração. Assim, com sua vida orante, ele demonstrava um amor às criaturas até as últimas conseqüências. Nosso Senhor não foi apenas liturgo nos momentos ricos de oração pessoal ou ritual, mas também quando agonizou e morreu na cruz, onde ele mostrou que, na sua vida, a liturgia vivencial estava em perfeita consonância com a liturgia ritual⁶².

⁵⁹MARSILI, S. et al. *Anámnese 2 panorama histórico geral da liturgia*. pg. 20.

⁶⁰Cf. NEUNHEUSER, B. História da liturgia. in SARTORE, D; TRIACCA, A. M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. pg. 523.

⁶¹*Ibid.* pg. 523.

⁶²COSTA, V. S. *Viver a ritual idade litúrgica como momento histórico da salvação*. pg. 23.

Os atos litúrgicos⁶³, a celebração eucarística, os ritos sacramentais, as orações em comum e a prece litúrgica remontam ao mandato expresso de Jesus Cristo. Ele observou muita coisa boa da tradição sapiencial de seu povo, não inventou estes atos, conservou do rito judaico⁶⁴.

Foi sob o impulso das palavras e gestos de Jesus, desenvolvendo a herança ritual do judaísmo, que nasceu a liturgia cristã.

1.6. Características do ensinamento de Jesus Cristo.

São muitas as características dos ensinamentos de Jesus. No entanto, podemos ver uma convergência, focalizando-as em duas: a autoridade e beleza.

A autoridade perpassa todo o ensino de Jesus, seja na sinagoga, onde começou a sua pregação, ou ao ar livre, onde foi obrigado a pregar mais tarde. O que sedimenta a autoridade do autor de um discurso é a segurança, motivada pela sabedoria, profundidade e conhecimento de causa. No entanto, tudo isso não surte efeito se não houver uma boa comunicação e uma pedagogia adequada. Em tudo isto, Jesus era mestre.

Quando Jesus terminou o sermão, as multidões estavam pasmas com sua doutrina. Pois ele as ensinava como alguém que possui autoridade e não como os escribas (Mt 7, 28-29). Ele tinha segurança para falar de Deus, de uma maneira diferente da que era usual entre muitos de seus contemporâneos. Às vezes refutava adversários doutos pelo seu próprio método de exegese (Mt 22, 23-32). As pessoas sentiam que ali estava alguém falando corretamente de Deus, em cujas palavras Deus de fato se manifestava: Os seus ouvintes

⁶³O rito pascal judaico que, conforme a antiga tradição, tencionava levar todas as gerações ao momento da Páscoa definitiva do Messias, alcançava assim seu "cumprimento" num rito que iria continuar fundamentalmente o judaico, mas que, a partir de então, teria novo conteúdo. Seria o memorial do mistério da salvação, não mais somente "anunciado", mas na plena "realização"; memorial da Páscoa verdadeira e definitiva verificada na morte-resurreição de Cristo. Por isso também, se a paixão de Cristo não é certamente um rito, mas o acontecimento que está na origem do rito, com boas razões pôde Stó. Tomás dizer que "Cristo inaugurou o rito da religião cristã mediante sua paixão". Pois desta e de seu valor salvífico são sinais sacramentais o batismo e a eucaristia principalmente, apesar de, sobretudo no início, persistir ainda muito, mesmo em sua forma ritual, do rito judaico. MARSILI, S. et al. *Anámnese 2 panorama histórico geral da liturgia*. pg. 20.

⁶⁴Cf. KLAUSER, T. El período de los comienzos creadores. *Cuadernos Phase*. Barcelona, v. 1, n. 103, pg. 5.

admiravam-lhe a sabedoria e o conhecimento das Escrituras, que não havia aprendido nas escolas rabínicas (Jo 7, 15). Jesus não agia como muitos doutores da lei que, apesar de usarem as palavras corretas, não falavam de Deus a partir de uma vivência pessoal⁶⁵.

De uma inteligência invejável, suas afirmações tinham longo alcance e sua visão do homem e do mundo superavam qualquer expectativa. Apesar de tamanha vastidão intelectual, sua pedagogia era pontual, pois na instrução usava o que estava ao alcance do conhecimento e da sensibilidade de todos: a natureza, os animais, a criança. Sua escola era a vida na sua dialética mais cotidiana⁶⁶. Como já foi mencionado, Jesus Cristo possuía uma inteligência instigante, capaz de provocar a todos que passavam por ele. Ele era seguro e determinado em seu ensinamento; ao mesmo tempo flexível, extremamente atencioso e educado. A doutrina de Jesus estava o mais longe possível das sutilezas pedantes dos rabinos, ela é maravilhosamente simples, clara e compreensível para o povo. Ele tinha paciência para educar, mas não era um mestre passivo, e sim provocador. Ele despertava a sede de conhecimento. Era extremamente ousado em expressar seus ensinamentos, embora vivesse numa época em que imperava o autoritarismo. Jesus mesclava a singeleza com a eloquência, a humildade com a coragem intelectual, a amabilidade com a perspicácia⁶⁷.

Jesus Cristo possuía uma memória fantástica; prova disso é abundância de citações da Sagrada Escritura⁶⁸. Para que o povo pudesse entender melhor, usou muitas parábolas⁶⁹,

⁶⁵Cf. BORN, A. V. D. "Jesus", in: *Dicionário enciclopédico da bíblia*. pg. 781.

⁶⁶Cf. GRENIER, B. *Jesus, o mestre*. São Paulo: Paulus, 1998, pg. 17. "Nos quatro evangelhos Jesus recebe mais de quarenta títulos, dentre esses títulos "mestre" (didaskalos em grego) é o mais comum. Torna-se evidente que Ele se sentia feliz por ser assim chamado ou identificado, pois ele aplicava a si mesmo este termo. (Mt 8,19; 12, 38; 19, 16; 22, 16; 22, 24; 22, 36; cf. 9, 11; 17,24. Mc 4, 38; 9, 17; 9, 38; 10, 17.20; 10, 35; 10, 51; 12, 14; 12, 19; 12, 32; 13, 1; cf. 5, 35. Lc 3, 12; 7, 40; 9, 38; 10, 25; 11, 45;12, 13; 18, 18; 19, 39; 20, 21; 20, 28; 20, 39; 21, 7; Cf. 8, 49. Existem outras citações em que Jesus é chamado de "mestre" (epistates em grego): Lc 5, 5; 8, 24; 8, 45; 9, 33; 9, 49; 17, 13". *Ibid*.pg.17.

⁶⁷Cf. GRENIER, B. *Jesus, o mestre*. pg. 38-40.

⁶⁸Cf. GIUSEPPE, R. *Os grandes temas da vida cristã na bíblia*. pg. 57.

⁶⁹ Jo 4, 33-34; Mt 13, 3-23; Mc 4, 3-20; Lc 8, 5-15; Mt 13, 24-30; 36-43; Mt 13, 31-32; Mc 4, 30-32; Lc 13, 18-19; Mt 13, 33; Lc 13, 20-21; Mt 13, 44; Mt 13, 45-46; Mt 13, 47-50; Lc 18, 12-14; Lc 15, 3-7; Mt 18, 23-35; Mt 20, 1-16; Mt 21, 28-31; Mt 21, 33-41; Mc 12, 1-12; Lc 20, 9-19; Mt 22, 2-14; Lc 14, 16-24; Mt 24, 32-33; Mc 13, 28-29; Lc 21, 29-31; Mt 24, 45-51; Lc 12, 42-46; Mt 25, 1-13; Mt 25, 14-30; Lc 19, 12-27; Mt 25, 31-46; Mc 4, 26-29; Lc 7, 41-43; Lc 10, 29-37; Lc 11, 5-8; Lc 12, 16-21; Lc 13, 6-9; Lc 14, 7-11; Lc 14, 12-14; Lc 14, 28-33; Lc 15, 8-10; Lc 15, 11-32; Lc 16, 1-8; Lc 16, 19-31; Lc 18, 1-8; Lc 18, 9-14). "O termo "parábola" provém

comparações⁷⁰ e discursos⁷¹. Jesus tinha grande capacidade dialética nas discussões⁷²; sua doutrina era íntegra, sem reducionismos e acomodações: *Mestre, sabemos que és sincero e ensinas com franqueza o caminho de Deus, sem dar preferência a ninguém, pois não julgas as pessoas pelas aparências* (Mt 22, 16).

Todas essas qualidades que sedimentavam a autoridade do seu ensino apontam também para a dimensão estética da pregação. A beleza era um elemento que transparecia nas palavras de Jesus, pois seu ensinamento vinha carregado de beleza, fascínio e força de argumentação. Vale lembrar o salmo quando diz: *Tu és o mais belo dos filhos dos homens, a graça escorre dos teus lábios, porque Deus te abençoa para sempre* (Sl 45,3).

Foi sob o impulso das palavras e gestos de Jesus, desenvolvendo a herança ritual do judaísmo, que nasceu a liturgia cristã, onde o encontro com o Filho de Deus deve ser marcado pela mesma beleza que fazia o povo se encantar com a atuação do Senhor. Assim, a liturgia é o Cristo interagindo conosco e nos salvando hoje.

2. O ensino da liturgia na Igreja primitiva.

O ensino da liturgia na Igreja primitiva é um dado importante para a nossa pesquisa, porque fonte para no estudo de liturgia nos nossos seminários hoje, e também poderemos perceber o quando este ensino estava ou não inspirado no método de Jesus. Para desenvolver esta segunda parte do nosso capítulo, falaremos do lugar e definição da liturgia na Igreja primitiva, do ensino da liturgia nos escritos dos Padres apostólicos, dos requisitos para a

do grego *parabole* que, em sua derivação (para = ao lado de + *bellein* = arremessar), indica a colocação de coisas uma ao lado da outra para fins de comparação”. GRENIER, B. *Jesus, o mestre*. pg. 43.

⁷⁰Cf. Mt 5, 13; Mc 9, 50; Lc 14, 34-35; Mt 5, 14-16; Mc 4, 21; Lc 8, 16; 11, 33; Mt 6, 19-21; Lc 12, 33-34, Mt 6, 22-23; Lc 11, 34-35; Mt 6, 24; Lc 16, 13; Mt 7, 3-5; Lc 6, 41-42; Mt 7, 6; Mt 7, 9-11; Lc 11, 11-13, Mt 7, 13-14; Lc 13, 24; Mt 7, 15; Mt 7, 16-20; 12, 33; Lc 6, 43-44; Mt 7, 24-27; Lc 6, 47-49; Mt 9, 12; Mc 2, 17; Lc 5, 31; Mt 9, 16; Mc 2, 21; Lc 5, 36; Mt 9, 17; Mc 2, 22; Lc 5, 37-39; Mt 10, 16; Lc 10, 3; Mt 11, 16-17; Lc 7, 31-32; Mt 11, 30; Mt 16, 2-4; Lc 12, 54-56; Mt 23, 24; Mt 23, 25-26; Mt 23, 37; Lc 13, 34; Mt 24, 43-44, Lc 12, 39-40; Lc 17, 7-10; Jo 10, 1-16; Jo 12, 24; Jo 15, 1-8.

⁷¹ Cf. Mt 5, 1-7, 29; Mt 10, 5-42; Mt 13, 3-52; Mt 18, 1-35; Mt 24, 1-51; Lc 6, 17-49; Jo 6, 26-65.

⁷² Cf. Mt 12, 1-12; Mt 15, 1-6; Mt 19, 3-9; Mt 21, 23-27; Mt 22, 15-21; Jo 8, 1-11.

admissão dos presbíteros e do surgimento das primeiras escolas cristãs de catequese e teologia.

2.1. Lugar e definição da liturgia na Igreja primitiva.

Como vimos na introdução deste capítulo, na Igreja primitiva, a liturgia era uma ação essencial e fundamentalmente teológica; era a Palavra de Deus celebrada em ações rituais.

Havia uma dupla ligação entre a liturgia e a teologia, pois, na celebração litúrgica nasce a homilia, e da homilia a exegese dos textos bíblicos. A liturgia como *locus theologicus*⁷³ é teologia primeira, discurso dirigido a Deus; alimenta, expressa e faz-se norma da fé e de sua inteligência. A teologia, por sua vez, desemboca na expressão de louvor e adesão a Deus, especialmente na liturgia⁷⁴.

Na Igreja primitiva, sobretudo no Oriente, a liturgia era considerada como “teologia prima”, já que representava o primeiro momento em que a profissão de fé, transformando-se em praxe vivida, tornava-se a primeira linguagem teológica concreta que, na Igreja, se viu colocada na base de todas as reflexões posteriores para a compreensão do que, como ditado simbólico, era apresentado aos fiéis na liturgia, e que formará a teologia que, com razão deve ser considerada como “teologia segunda”, quando relacionada com a “prima”, isto é, com a teologia posta em ação pela liturgia. A teologia nasceu e chegou até nós como explicação do conteúdo de fé expresso e vivido na liturgia. Por isso, podemos dizer, com razão, que da teologia pregada e vivida, como era a liturgia, brotou a teologia como reflexão sobre a liturgia. É fato indiscutível, embora contrário ao que pudéssemos esperar, que a liturgia já é expressão completa da fé quando a reflexão teológica começa a desenvolver e, com isso, a tradição litúrgica se torna a primeira e a mais universal avaliação da ortodoxia da fé⁷⁵.

⁷³ “Lugar teológico poderia ser definido como o lugar da expressão da fé, em que a revelação se torna acessível a nós. A fonte da teologia é a fé da Igreja, não só a fé explicada em dogmas e outras verbalizações, mas também a fé vivida concretamente em ações, obras, símbolos e ritos. Essas expressões de fé (ou “lugares teológicos”) constituem a teologia primeira, a teologia no frescor de sua expressão mais lídima e viva. Nela se fundem e confundem teologia e vida. O que os teólogos e o magistério fazem é teologia segunda. A primeira não é menos importante que a segunda. Pelo contrário, sem a primeira, a segunda perde sua fonte originária, sai do caminho seguro, corre o risco de tornar-se seca e estéril, porque alheia à vida. Dando atenção à teologia primeira, o teólogo mantém a modéstia e a atitude doxológica, dando glória ao Deus que age na vida da Igreja. A liturgia é um dos lugares teológicos primeiros, porque a experiência cristã começa a fazer parte da vida humana, quando se expressa em símbolos. A fé cristã deve, sim, expressar-se em ortodoxia e em “ortopraxis”, mas isso não é suficiente para a plena estrutura da experiência de fé. Há mesmo quem diga que a liturgia não é apenas um lugar teológico insubstituível, mas “uma maneira de ser da revelação cristã”, uma “teologia primaria” que dá orientação a toda teologia, principalmente em sua reflexão sobre Deus, porque a liturgia é diálogo com Deus”. COSTA, PG. C. (org.). *Sacramentos e evangelização*. pg. 34.

⁷⁴Cf. LIBANIO, J. B. - MURAD, A. *Introdução à teologia perfil, enfoques, tarefas*. pg. 120-121.

⁷⁵MARSILI, S. Teologia litúrgica. in SARTORE, D; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de liturgia*, pg. 1174-1187.

2.2. O ensino da liturgia nos escritos dos primórdios.

O objeto e a finalidade da liturgia eucarística na Igreja primitiva era o encontro da comunidade com o Cristo ressuscitado na refeição, conforme ele mesmo havia ordenado que se fizesse em sua memória. As expectativas de fé giravam em torno da imagem da refeição messiânica. A glória do Reino de Deus era um *sentar-se à mesa* (Lc 13, 29). No centro da pregação de Jesus sobre o Reino de Deus estava a promessa do sentar-se à mesa na eternidade. No banquete messiânico do Reino de Deus (Lc 12, 37-38), o próprio Senhor há de servir a comunidade dos eleitos⁷⁶.

Este milagre do encontro da comunidade dos batizados com o Senhor ressuscitado, dando continuidade ao banquete iniciado por Ele próprio, era o foco criador da liturgia da Igreja primitiva. Desta forma, veio a desenvolver-se um grande número de formas litúrgicas, todas elas servindo a glorificação deste mistério. A forma e a organização que a liturgia assumiu representam uma das mais magníficas criações da piedade cristã⁷⁷.

No evoluir da liturgia, encontramos as catequeses mistagógicas, as homilias, as cartas pascais, as celebrações sacramentais, a oração cristã e o testemunho de vida dos Santos Padres que oferecem modelos exemplares de uma teologia litúrgica que constituem um caminho para o ensino da liturgia. A catequese era orientada e inspirada na celebração do mistério pascal de Cristo na liturgia, para que Ele fosse compreendido, participado e vivido. A liturgia era celebrada e vivida tanto quanto ensinada. O mistério celebrado era a principal fonte inspiradora do ensino da liturgia. Os Santos Padres cultivam as sementes lançadas pelos apóstolos de Jesus Cristo, para que lancem raízes, encha a terra, e cresça o tronco e produza muitos frutos. A grande riqueza deste período é uma coleção de textos, homilias, testemunhos, cartas, tratados teológicos que refletem o conteúdo da fé e a forma de vida da comunidade cristã. Os Santos Padres edificam o patrimônio da vivência cristã, elaborando seu conteúdo dogmático, ético moral, eclesial e litúrgico⁷⁸.

Os Santos Padres possuem forte consciência cristã, têm fé e confiança na mensagem de Cristo: sentem a necessidade de fazer ecoar o evangelho, de anunciar uma palavra que liberta e salva. Na espiritualidade dos Santos Padres, está o mistério revelado: trindade,

⁷⁶ Cf. ERNEST, B. *Descrição do cristianismo*. pg. 213-214.

⁷⁷ Cf. *Ibid.* pg. 215.

⁷⁸ COUTO, M. A., - BOGAZ, A. S. *A origem da tradição cristã I*. Vídeo.

encarnação, Igreja. Existe a intimidade do colóquio com Deus, com Cristo, atitude espiritual que domina a celebração litúrgica⁷⁹. A catequese dos Santos Padres é ligada à liturgia, que encontra nela a sua expressão mais plena, a sua fonte contínua e um quadro de referência constante. Uma catequese não só para iniciação aos sacramentos, mas para outros momentos, as experiências de fé vividas pela comunidade⁸⁰.

Para os Santos Padres, liturgia é participação no *mysterion*, termo retirado da bíblia dos Setenta, traduzido nos ambientes latinos por *sacramentum* e usado em grego e latim com o mesmo significado. Os Santos Padres adotam a noção bíblica de *mysterion*: desígnio secreto de Deus, sabedoria, plano de salvação escondido durante séculos, mas agora realizado na cruz de Jesus Cristo (1 Cor 1 e 2) e do qual tudo e todos participam⁸¹.

Para os Padres alexandrinos o termo *mysterion* indica também a ação ritual, os sacramentos, através dos quais participamos da salvação de Jesus Cristo. Justino usa método simbólico, alegórico, típico, aplicando a noção de mistério aos textos, fatos e personagens do Antigo Testamento⁸².

Os Padres apologistas que usavam seus discursos para fundamentar a fé cristã, usaram freqüentemente em sentidos variados o termo mistério, dentre os quais destacam-se: a) Os mistérios pagãos têm relação com o sentido cristão. b) O mistério tinha ligação com as ações salvíficas operadas por Jesus através de sua morte na cruz⁸³. c) O mistério manifestava

⁷⁹Cf. PELLEGRINO, M. Padres e Liturgia. in SARTORE, D; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de Liturgia*, pg. 880.

⁸⁰Cf. SARTORE, D. Catequese e liturgia. in SARTORE, D; TRIACCA, A. M. (orgs). *Dicionário de Liturgia*, pg. 176-177.

⁸¹Cf. BUYST, I. *Como estudar liturgia*. pg. 38.

⁸² Cf. *Ibid.* pg. 39.

⁸³ Cf. JUSTINO, *Apologia I*. pg. 13. “A Apologia I foi escrita em Roma, por volta do ano 150. Foi dirigida ao imperador Antonino Pio. Ignora-se o ano do nascimento de Justino, em Neápolis (Palestina), de pais pagãos. A busca sincera da verdade e a oração humilde levaram-no a se tornar cristão. Depois de se converter, dedicou a vida à defesa da fé cristã. Chegou a Roma no tempo do imperador Antonino Pio (138-161). Foi martirizado, com seis companheiros, provavelmente no ano 165. Justino serviu-se da filosofia para compreender a revelação cristã. Deus é inefável, transcendente, Deus pelo Logos antes da criação vem ao mundo e por Ele todas as coisas são criadas. Logos espermáticos, origem da semente divina”. CORDEIRO, J. L. *Antologia litúrgica*. pg. 137.

uma íntima relação entre arquétipo e tipo, aplicado às formas do novo em relação ao Antigo Testamento⁸⁴.

Orígenes definiu mistério como sendo toda história da salvação⁸⁵. Santo Agostinho definiu o termo mistério como sacramento indicava ações, ritos cristãos. Era sinal sagrado, visível (*signum*) de coisas divinas, que mostravam a realidade invisível e que comunicava o que significava⁸⁶.

A Igreja instituiu muito cedo o catecumenato⁸⁷, um processo educativo comunitário específico na preparação para os sacramentos de iniciação cristã⁸⁸. No fim do século II, encontramos os primeiros testemunhos sobre a instituição sacramental do catecumenato. A preparação próxima coincidia com a quaresma e na Páscoa acontecia a celebração dos sacramentos da iniciação⁸⁹. Os neófitos aprofundavam-se em sua experiência sacramental e comunitária por meio das catequeses mistagógicas. Os grandes animadores do catecumenato e de seu arremate mistagógico foram os Santos Padres e os escritores cristãos⁹⁰.

Nas sedes episcopais de Jerusalém, Antioquia e Alexandria, temos notícia das catequeses quaresmais feitas pelo bispo. Eram exposições a respeito das verdades da fé, em preparação aos sacramentos de iniciação cristã. Esta catequese possuía um forte aspecto eclesial e tinha uma

⁸⁴ Cf. JUSTINO. *Diálogo com trífão*. pg. 68.

⁸⁵ Cf. NEUNHEUSER, B. Mistério. in SARTORE, D; TRIACCA, A.M. *Dicionário de Liturgia*, pg. 758.

⁸⁶ Cf. *Ibid.* pg. 759.

⁸⁷“Encontramos *catechumenus* em 2 Clem 17, 1 para designar o candidato ao batismo, aparecendo pela primeira vez em latim em Tertuliano. O eunuco da rainha Candace foi batizado na mesma hora (At 8, 37). A confissão de fé é um acréscimo posterior. Em Justino já se fala de um período de instrução e de preparação (1 Apol. 1, 6l). Verdadeira preparação por longo tempo aparece na Passio Fel. et Perpg. 2, em Cartago, na época de Tertuliano (Cf. *De baptismo*), e em Alexandria, no tempo de Clemente. O texto da *Tradição Apostólica* 17, que conhece um catecumenato de três anos, susceptível de ser abreviado, provém infelizmente de uma versão saídica tardia”. HAMAMAN, A. Catecumenato. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. pg. 271-272.

⁸⁸“Nos primeiros séculos não se falava propriamente em catequese eucarística, mas em catequese batismal. O batismo era o nome original da iniciação em sua totalidade. Era uma catequese que preparava para os três sacramentos de iniciação cristã (batismo, confirmação e eucaristia), celebrados na vigília pascal, mas que tinham um peso maior na formação cristã como um todo, focalizando seus aspectos bíblico-litúrgicos, morais e comunitários”. Cf. DE CLERK, P. Iniciação. in LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. pg. 907.

⁸⁹“A iniciação cristã é o processo pelo qual nos tornamos cristãos, mediante uma inserção global na vida da fé, expressa nos três sacramentos que assinalam o início da vida cristã: batismo, confirmação e eucaristia”. GERARDI, R. Iniciação Cristã. *Lexicon- dicionário teológico enciclopédico* pg. 393-395.

⁹⁰ Cf. PEDROSA, M.V. Catequese trinitária. PIKAZA, X e outros. *Dicionário teológico o Deus cristão*. 1998, pg. 144. “No cristianismo primitivo, chegar a ser cristão não era entendido como resultado de um acontecimento repentinamente transformador da pessoa – resultado de ação automática –, mas como fruto de um processo lento: a iniciação cristã. Com base nos testemunhos do Novo Testamento, o batismo supunha o anúncio da palavra e a conversão para aceitação vital de Cristo e de seu evangelho. “*Os cristãos não nascem cristãos, tornam-se cristãos*” (Tertuliano). Para assegurar esta “construção” dos cristãos, a Igreja instituiu muito cedo um tempo específico para sua preparação ao batismo: o catecumenato”. *Ibid*, pg. 143.

ligação profunda com a bíblia e a liturgia. O Bispo João Crisóstomo, em Antioquia, ministrava essas catequeses divididas em oito instruções. As duas primeiras instruções eram para aqueles que se inscreviam na preparação imediata do batismo, centradas na teologia do batismo, aprofundando seus significados litúrgicos (exorcismos, unções, imersão). As demais catequeses eram dirigidas aos neófitos e à comunidade. O bispo explicava o sacramento da eucaristia (III, 12-19) e, em seguida, passava para a parte moral, segundo os compromissos da nova vida, provenientes do batismo (IV 12-16): o testemunho (IV, 17-24), a moderação (V, 1-14), a contínua conversão (V, 24-27), a constância na escuta da doutrina (VI, 1-7), a veneração da relíquia dos mártires (VII, 1-11), a oração e a esmola (VII, 25-27), o modo de organizar o dia (VIII, 16-25). Existem também as 16 homilias catequéticas de Teodoro de Monpsuéstia; as primeiras dez explicam o símbolo, a décima primeira o Pai-nosso, as outras, mistagógicas, tratam do batismo, da unção, da eucaristia e da confissão⁹¹.

Tertuliano de Cartago, no século III, escreveu o primeiro documento da catequese batismal: *De baptismo*. Este tratado apresenta uma originalidade: fundamenta suas reflexões doutrinárias sobre a praxe litúrgica, invocando-a já como lugar teológico⁹².

A Tradição Apostólica de santo Hipólito de Roma descreve de maneira clara e objetiva a tradição litúrgica da Igreja do III século. Nesta obra, ele apresenta a organização da Igreja romana. Ele incentiva uma Igreja de puros e santos, exigindo uma rigorosa fidelidade dos ministros da Igreja. Apresenta os rituais de ordenação dos ministros, sobretudo as suas funções e as orações de ordenação. Podemos dividir a obra em três partes:

1. A hierarquia da comunidade, com ordenação e eleição dos bispos e a ordenação dos presbíteros, diáconos, exorcistas, leitores;
2. A iniciação cristã: o catecumenato e a celebração da vigília pascal;
3. Várias observâncias a respeito da vivência comunitária desde a celebração eucarística até a liturgia das horas e ao sinal-da-cruz⁹³.

⁹¹ COCCHINI, F. Catequese. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. pg. 274.

⁹² Cf. PEDROSA, V. M. Catequese Trinitária. pg. 145.

⁹³ Cf. HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica*. pg. 19-30. “A Tradição Apostólica de Hipólito de Roma nos apresenta a descrição mais completa da vida litúrgica da Igreja de Roma no início do terceiro século. Hipólito viveu mais próximo daqueles que conviveram com o Mestre. Conheceu mais de perto suas intenções, suas exigências e as dimensões da novidade do cristianismo. Os dados biográficos de Hipólito são confusos. Uns fazem dele brilhante sacerdote da Igreja de Roma, fecundo escritor e até bispo. Santo Ambrósio, Jerônimo, Gregório de Elvira o citam abundantemente, embora mal informados a respeito da autoria dos textos que evocam. Setenta anos após sua morte, Eusébio atribuiu-lhe escritos, sem, no entanto, identificar sua procedência: “Hipólito, chefe de uma Igreja”... deixara *cartas e diversas composições*”. Também Jerônimo o cita como bispo, sem identificar o lugar de sua sede. Hipólito é considerado escritor erudito, embora à moda de seu tempo, transmitindo o que os manuais ofereciam em conhecimentos, sem recorrer às fontes e muito menos citá-las. Tentou reconstituir a autêntica tradição apostólica, escrevendo muito des preocupadamente essas lembranças e costumes. Hipólito tornou-se moralista e exegeta. Tido

Sua contribuição mais importante é a descrição do catecumenato, onde há a exigência de uma longa preparação de três anos. Após a recepção dos sacramentos de iniciação cristã, acontece a catequese mistagógica, que aprofunda os mistérios da fé descrita em várias obras catequéticas. Hipólito descreve com grande precisão a pastoral e o ritual do sacramento da iniciação cristã⁹⁴.

Outra obra de máxima importância para conhecermos o valor da liturgia na Igreja dos primeiros séculos é a “Peregrinação de Etéria”. Ela visitou a cidade Santa e aí permaneceu por cerca de três anos. A importância desta obra não se restringe apenas ao campo da catequese, mas também ao da liturgia. A obra divide-se em duas partes:

1. Diário de viagem aos lugares santos da História Sagrada;
2. Descrição da liturgia de Jerusalém.

Etéria relata em seu diário de viagem que o Bispo fazia a catequese batismal durante as oito semanas da quaresma:

E devo escrever, também, de que maneira se doutrinam os que são batizados pela páscoa. Pois aquele que dá o seu nome o dá antes do primeiro dia da quaresma, isto é, antes de se iniciarem as oito semanas nas quais afirmei que aqui se comemora a quaresma: o presbítero anota os nomes de todos. Tendo o sacerdote anotado, pois, todos os nomes, então no primeiro dia da quaresma, isto é, no dia em que tem início as oito semanas, coloca-se a cátedra episcopal no meio da Igreja maior, quer dizer, no *martyrium*; sentam-se de um e de outro lados os presbíteros, em cadeiras, permanecendo de pé os clérigos; são, então, chamados, um a um, os competentes: se forem homens vêm com o padrinho e se são mulheres vêm com a madrinha [.....] Após este início, durante quarenta dias de jejum, os que se preparam para o batismo [.....] sentam-se, ao redor, [...] enquanto o bispo assim ensina a lei: começando pelo gênesis, durante os quarenta dias, percorre as escrituras, explicando-as, primeiro, literalmente e explicando-as, a seguir, espiritualmente. E também a respeito da ressurreição e igualmente a respeito da fé, tudo é ensinado nesses dias: e isto de chama catequese⁹⁵.

2.3. Os requisitos para admissão dos presbíteros.

como bispo, foram atribuídas a ele as mais diferentes sedes: Roma, Porto, perto de Roma e até a metrópole da Arábia. Outros lhe negaram o episcopado e fizeram dele um presbítero romano. Uma inscrição do papa Damaso (366-384) trata Hipólito como presbítero cismático novaciano, o que é certamente falso, pois tal heresia teve início em 251, ao passo que o martírio de Hipólito é registrado com o de Ponciano (231-235), segundo sucessor de Calisto. Em todo caso, uma estátua descoberta em Roma (1551) faz supor que era desta cidade e gozava de prestígio. Também dá a entender que tenha sido bispo, pois se acha sentado em cátedra episcopal”. *Ibid.* pg. 8-14.

⁹⁴Cf. *Ibid.* pg. 23-25.

⁹⁵*PEREGRINAÇÃO de Etéria.* pg. 45-49.

A escolha e a digna preparação daqueles que haviam de exercer o apostolado presbiteral na Igreja foi sempre objeto de constante preocupação, desde a sua origem.

Nos primeiros tempos, a escolha era feita dentre os fiéis mais competentes e dignos. O encargo da escolha e da preparação dos clérigos pesava diretamente sobre os Bispos que tinham que providenciar quanto à qualidade e número dos clérigos necessários para o exercício dos diversos ministérios das suas respectivas igrejas.

A organização da Igreja primitiva era muito lenta e gradativa. Os Santos Padres e os leigos foram aos poucos criando estruturas para o bom andamento da comunidade, instituindo ministérios e delegando poderes e decisões.

Já no segundo século, encontramos normas ou indicações para a formação presbiteral na Igreja. Um exemplo é São Policarpo (68-156).

São Policarpo de Esmirna escreveu aos Filipenses pedindo que os presbíteros fossem compassivos e misericordiosos para com todos, visitassem os enfermos, as viúvas e os órfãos, procurando fazer o bem diante de Deus e dos homens⁹⁶.

O processo de admissão dos candidatos variava no curso dos primeiros séculos. A *Didaqué* nos ensina como devem ser escolhidos os presbíteros:

Escolham para vocês bispos e diáconos dignos do Senhor. Eles devem ser homens mansos, desprendidos do dinheiro, verazes e provados, porque eles também exercem para vocês o ministério dos profetas e dos mestres. Não os desprezem, porque entre vocês eles têm a mesma dignidade que os profetas e mestres. Corrijam-se mutuamente, não com ódio, mas com paz, como vocês têm no Evangelho. E ninguém fale com nenhuma pessoa que tenha ofendido o próximo; que essa pessoa não escute nenhuma palavra de vocês, até que se tenha arrependido. Façam suas orações, esmolas e todas as ações, da forma que vocês têm no Evangelho de nosso Senhor⁹⁷.

⁹⁶ Cf. POLICARPO DE ESMIRNA. *Carta aos filipenses* (= PG 5, 1005-1016). "Policarpo bispo de Esmirna viveu entre 70-156, foi discípulo do apóstolo São João. Escreveu uma carta (ou várias) aos Filipenses, enviando-lhes as de Santo Inácio e confirmando todos os preceitos de vida cristã. Esta carta data do ano 130". CORDEIRO, J. L. *Antologia litúrgica*. pg. 129.

⁹⁷ *Didaqué, O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. pg. 27-28. "*Didaqué* significa "instrução" ou "doutrina". Trata-se de um escrito que data de fins do século I de nossa Era e, portanto, bem próximo dos escritos do Novo Testamento. O nome "Instrução dos Doze Apóstolos" lembra At 2,42 ("o ensinamento dos apóstolos"), mas é difícil que a obra tenha sido escrita por algum deles, ou seja, de um só autor. Hoje, os estudiosos concordam em dizer que ela foi fruto da reunião de várias fontes escritas ou orais, que retraíam a tradição viva das comunidades cristãs do século I. Os lugares mais prováveis de sua origem são a Palestina ou a Síria. A *Didaqué* é um *manual de religião* ou, melhor dizendo, uma espécie de *catecismo* dos primeiros cristãos. Esse documento nos permite conhecer as origens do cristianismo e, principalmente, nos dá uma idéia de como eram a iniciação cristã, as

Santo Irineu (125/135), discípulo de São Policarpo criou uma escola na sua própria casa episcopal. E assim, os Bispos começaram a fundar escolas de preparação para os seus clérigos, sobretudo junto das suas catedrais; e, deste modo, os próprios Bispos davam a instrução e a educação aos seus clérigos ou confiavam esta preparação a outros clérigos mais idosos ou mesmo às escolas catequéticas⁹⁸.

Quando, porém, os jovens clérigos não eram instruídos e preparados pelos seus Bispos, esta instrução e preparação eram, pelo menos, dadas sob a sua direção e vigilância. Houve muitas destas escolas clericais e catequéticas, tanto no Oriente como no Ocidente. Porém, estas escolas clericais dos três primeiros séculos, de forma alguma pode dizer-se que fossem verdadeiros seminários em que os futuros clérigos vivessem em comum e separados dos restantes jovens. Reconhecendo que estas escolas clericais e as escolas catequéticas eram insuficientes para a preparação e formação dos clérigos, alguns Bispos começaram a recolher, em casas próprias e em casas piás, aqueles jovens que mostravam desejo e vontade de servir a Igreja como seus futuros clérigos⁹⁹.

No século IV foi elaborada uma complexa legislação eclesiástica e civil, para excluir do clero os indesejáveis, determinando as condições requeridas para as ordenações e impondo

celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades. O autor (ou autores) pertence ao meio judaico-cristão, e dirige seu ensinamento às comunidades formadas por convertidos vindos principalmente do paganismo. O conteúdo e o estilo da *Didaqué* lembram imediatamente muitos textos do Antigo e do Novo Testamento, bem como outros escritos cristãos do século I d.C. O tom e os temas de muitas exortações se parecem bastante com os da literatura sapienciais e diversos trechos dos evangelhos. Dessa forma, esse catecismo das comunidades da Igreja Primitiva é testemunho vivo de como os primeiros cristãos se alimentavam da Palavra de Deus contida nas Escrituras, transformando e interpretando os textos bíblicos em vista de suas necessidades e situações. A leitura da *Didaqué* faz logo sentir que as comunidades cristãs daquele tempo ainda não estavam completamente estruturadas. As comunidades não têm representantes oficiais fixo (padre ou vigário), os bispos e diáconos são mencionados de passagem, e não sabemos bem quais funções exerciam. Fala-se diversas vezes em "apóstolos, profetas e mestres", dando a impressão de que eram propriamente pregadores itinerantes a serviço de diversas comunidades. Por outro lado, nota-se que a liturgia é também muito simples e se resume a celebrações feitas em clima doméstico. Os sacramentos mencionados pertencem à iniciação cristã — batismo, confissão, eucaristia — e parecem ser todos administrados pela comunidade, e não por um membro do clero, ainda inexistente. Visível, contudo, é o clima que a comunidade vive, dentro de uma sociedade estruturalmente pagã. A preocupação de não se confundir com o ambiente, de não se deixar manipular por aproveitadores oportunistas (até mesmo disfarçado de profetas), a esperança um pouco nervosa de uma escatologia próxima e o tema da perseverança heróica no caminho da fé são características das comunidades nascentes, que ainda estão descobrindo sua vocação e missão no mundo". *Ibid.* pg. 8-5.

⁹⁸Cf. BORGES, L. Origem dos seminários. *Revista Lúmen de cultura do clero*, São Paulo, pg. 415.

⁹⁹Cf. *Ibid.* pg. 415.

certo número de exigências de idade, qualidades, modo de vida. Estas regras eram aplicadas parcialmente. Muitas vezes, a não observância das regras para a eleição e a ordenação gerava contendas e contestações¹⁰⁰.

O I Concílio de Nicéia, no século IV, prescreveu que:

Dado que alguns homens há pouco chegados do paganismo à fé, depois de instruídos com brevidade foram admitidos ao batismo e ao mesmo tempo promovidos ao episcopado e ao presbiterado, pareceu bem que, no futuro, não volte a fazer-se tal coisa. É preciso que quem está a ser catequizado seja submetido a provas prolongadas depois do batismo. Se alguém foi feito presbítero sem exame prévio, ou se, examinado, confessou falta, mas, contra as disposições dos cânones, recebeu a imposição das mãos, a lei eclesiástica não o reconhece; a Igreja católica quer homens irrepreensíveis¹⁰¹.

O Papa Inocêncio I no século V escreve a Felix de Nucéria¹⁰²:

Convém (ao admitir os leigos nas ordens) observar os tempos determinados pelos nossos antepassados. Ninguém se torne depressa leitor, nem acólito, nem diácono, nem sacerdote, porque se permanecerem por muito tempo nos ofícios menores e forem comprovados de igual modo nas suas vidas e nos seus gostos, quando vierem depois ao sacerdócio... não arrebatarão o que deve receber-se por merecimento duma vida provada. Está demonstrado, por uma certa prática, quem deve ser admitido e quem deve ser rejeitado. De todos aqueles que tu vires que não são de rejeitar, debes escolher alguns para os fazer clérigos¹⁰³.

O Papa Zózimo, no século V, escreveu com preocupação os requisitos para a escolha dos padres:

Na Igreja do Senhor é costume dar os primeiros passos do serviço divino no grau dos leitores. Para que alguém não venha a ser incompetente, seja feito, sucessivamente, exorcista, acólito, subdiácono e diácono, não aos saltos, mas pela ordem dos tempos estabelecidos pelos nossos antepassados. Só deve chegar ao ponto mais elevado do presbitério àquele que satisfaça a idade que o nome pressupõe, e depois de ter dado provas de probidade. Deste modo deverá esperar o posto de sumo pontífice¹⁰⁴. Os candidatos devem observar os tempos de cada um destes graus. Se alguém der o nome para os ministérios eclesiásticos desde a infância, deve permanecer, em contínua observação, entre os leitores, até a idade de vinte anos. Se alguém entrar já em idade mais madura, e do mesmo modo quiser inscrever-se entre a milícia divina imediatamente depois do batismo, permaneça cinco anos quer entre os leitores quer entre os exorcistas. Depois disso,

¹⁰⁰Cf. BERNARDINO, D. A. Clero. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*, pg. 307.

¹⁰¹I CONCÍLIO DE NICÉIA (=PL 56, 359-898; 84 93-104; Mansi II; Bruns, I; CSEL 65; Alberico, *Decisioni dei Concili Ecumenici*, Torino 1978; C. Vogel, Paris 1966, 189). Citado por CORDEIRO, J.L. *Antologia litúrgica*. pg. 557-558. “O I Concílio de Nicéia, também chamado o Concílio dos 318 padres, foi convocado pelo imperador Constantino e condenou principalmente os Arianos. Foi inaugurado a 19 de Junho de 325 e terminou a 25 de Agosto de 325. Conservam-se apenas a sua confissão de fé, vinte cânones e uma carta sinodal”. Citado por CORDEIRO, J. L. *Antologia Litúrgica*, pg. 557-558.

¹⁰² Cf. Carta a Felix de Nucéria (=PL 20, 603-605).

¹⁰³ PAPA INOCÊNCIO I, *Epistulae et decreta* (= PL 20, 463-612; 56, 455; 84, 647-658; C. Vogel, Paris 1966, 169-170). “Inocêncio I foi Papa desde 401 até 417”. Citado por CORDEIRO, J. L. *Antologia litúrgica*, pg. 655.

¹⁰⁴ PAPA ZÓZIMO, *Epistulae (Decreto)* (=PL 20, 642-702; 84 674-678). “Zózimo Foi Papa entre 417 e 418”. Citado por CORDEIRO, J. L. *Antologia litúrgica*, pg. 655.

será acolito ou subdiácono; permanecerá quatro anos nesta ordem e, se for digno, acederá à benção do diaconato¹⁰⁵.

Neste tempo, desenvolveu-se o monaquismo, começando-se a ordenar eremitas e monges, com a esperança que tivessem melhor preparação e santidade. Era o bispo quem escolhia os membros do clero, com a ajuda de outros presbíteros. Havia muitas dificuldades para recrutar pessoas preparadas para o ministério.

O Papa Sirício sugeriu que aquele que se entregasse à Igreja desde a infância deveria, na puberdade, receber o batismo e ser associado ao ministério dos leitores. Aquele que entrou na adolescência deveria ser acólito e subdiácono até cerca dos trinta anos. Aquele que tiver sido batizado em tempo oportuno será associado ao grupo de leitores ou dos exorcistas e, terminando o segundo ano de estágio, seja acólito e subdiácono durante cinco anos¹⁰⁶.

Muitas foram às interdições colocadas pela Igreja aos candidatos ao sacerdócio que limitaram as escolhas: A Igreja não admitia quem exercia certas profissões, quem fazia espetáculos, funcionários estatais, soldados batizados antes do serviço militar; administrador de bens, escravos e os libertos. O estado também proibia diversas categorias de entrar para o clero: os escravos e os colonos, os padeiros e os salsicheiros, funcionários subalternos de serviços públicos, empregados das fabricas. Para constatar a fé e a conduta do candidato, começaram a se usar verdadeiros exames (escrutínios), porque não existia uma escola específica e a experiência era adquirida pela prática litúrgica e pela familiaridade com o bispo e com os outros sacerdotes. O exame comprovava as qualidades para se pertencer a *militia spiritalis*¹⁰⁷.

O II Concílio de Vaison, no século VI, prescreveu que todos os presbíteros que viviam nas paróquias deveriam acolher, nas suas residências, leitores ainda jovens, não casados, procurando educá-los para que aprendessem os salmos, aplicassem-se às leituras

¹⁰⁵Cf. *Ibid.* pg. 678.

¹⁰⁶Cf. PAPA SIRÍCIO, *Epistulae* (=PL 13, 1131-1195; CPL 1637; PLS 3, 567; C. Vogel, Paris 1966, 167-169). “Foi Papa entre 384-399. Carta escrita a 10 de Fevereiro de 385 ao bispo Himério de Tarragona (=PL 13, 1137 s)”. Citado por CORDEIRO, J. L. *Antologia Litúrgica*, pg. 566.

¹⁰⁷BERNARDINO, D.A. Clero. *Dicionário patristico e de antiguidades cristas*, pg. 306-308.

divinas e se tornassem instruídos na lei do Senhor. Agindo assim, estariam preparando bons sucessores¹⁰⁸.

2.4. O surgimento das primeiras escolas cristãs de catequese e teologia.

A Igreja primitiva conheceu, a partir do século IV, o florescimento de duas escolas teológicas, potentes centros de vida eclesial, que desenvolveram uma intensa atividade criadora no campo da liturgia¹⁰⁹ – a de Antioquia (liturgia sírio-ocidental)¹¹⁰ e a de Alexandria (liturgia egípcia)¹¹¹ –, que procuravam interpretar o mistério da divindade e humanidade de Jesus Cristo¹¹². As escolas teológicas definiam o rosto do cristianismo e a forma peculiar de celebrar e viver a fé na vida cotidiana. Os protagonistas da teologia patristica, bispos, sacerdotes e leigos, elaboraram reflexões de fé de cunho pastoral. Os Santos Padres eram pastores em contato profundo com a experiência litúrgica e espiritual da

¹⁰⁸ Cf. II CONCÍLIO DE VAISON (=Sch 353-354, Cânones dos Concílios Merovíngios). “Este concílio foi presidido por S. Cesário de Arles”. Citado por CORDEIRO, J.L. *Antologia litúrgica*, opg. cit., pg. 1240.

¹⁰⁹ Cf. BOROBIO, D. (org.). *A celebração na igreja I.*, pg. 72.

¹¹⁰ Cf. MESTERS, C. - OROFINO, F. *A palavra na vida.*, pg. 19-20. “Antioquia foi fundada às margens do rio Orontes por Selêuco I, em 300 a.C. Antioquia da Síria era a terceira cidade em importância dentro do império, depois de Roma e de Alexandria. Era um grande centro comercial e político, capital da província romana da Síria e sede do comando das legiões do Oriente. A cidade fazia a comunicação entre o império e a região da Mesopotâmia. A cidade era dedicada à deusa Fortuna, protetora do destino e bem-estar das pessoas. Os judeus tinham direito de cidadania e sua importância política era grande. Uma das grandes conquistas da comunidade de Antioquia foi aceitar em pé de igualdade, dentro de suas celebrações, cristãos vindos do judaísmo e cristãos vindos do paganismo (At 11, 20-21). Havia uma feliz comunhão de mesa entre os dois grupos. A partir desta novidade, o povo da cidade passou a chamar este grupo de cristãos (At 11, 26). Outra grande contribuição da comunidade de Antioquia foi sua consciência de missão e de serviço às outras igrejas. Já na época de uma grande fome, enviou donativos para as comunidades carentes da Judéia. Antioquia foi uma comunidade muito bem organizada. Havia uma equipe de dirigente reunindo profetas e doutores num conselho comunitário (At 13, 1). Essa organização foi sendo aperfeiçoada, e, no final do século primeiro de caminhada, surgiu o esquema administrativo da igreja que perdura até hoje: o conselho de presbíteros, presidido episcopo e auxiliado pelos diaconos. Também em Antioquia surgiu a expressão “Igreja Católica”. A comunidade de Antioquia nos ensina muito, e sua influência na história da Igreja é enorme. Ela soube ser uma comunidade aberta e receptiva. Reuniu um grande quadro de lideranças. Por causa disso, soube apontar novos caminhos pastorais diante dos desafios da evangelização. Caminhos estes que perduram até o dia de hoje”. *Ibid.* 19-20.

¹¹¹ Cf. ORLANDI, T. Alexandria. *Dicionário patristico e de antiguidades cristãs*, pg. 71-72. “Do ponto de vista cultural, Alexandria era o centro primário das ciências filológicas, filosóficas e teológicas. Era um dos pólos da cultura de língua grega. Dos pontos de vista social e político, a cidade era uma ilha perfeitamente grega, fundada no território do antigo império Egípcio. Encontramos em Alexandria uma organização eclesial bem formada, de outro lado uma escola de teologia muito importante”. *Ibid.*, pg. 71-72.

¹¹² Cf. ARNHOLD, S. - TABORDA, F. *Teologia e fé*. pg. 50.

comunidade. A maioria dos ensinamentos era dirigida para as comunidades, com alguns voltados para a intelectualidade¹¹³.

As escolas teológicas não tinham o caráter de uma escola propriamente dita; eram escolas religiosas, não estatais, e não eram assumidas como profissão, mas como preparação para a evangelização. Estas escolas visavam aprofundar a fé cristã e responder as questões fundamentais da vida humana no dogma, na ética, na liturgia e na vida eclesial. Estas escolas giravam em torno de um mestre que, muitas vezes, conseguia ter discípulos. Os mestres eram protegidos pelos bispos que, algumas vezes, também exerciam a função de vigilância no conhecimento doutrinal. Os patriarcados de Constantinopla, Antioquia, Alexandria, Jerusalém e Roma tinham características próprias na organização eclesial, na elaboração teológica e na vida litúrgica. As escolas de teologia representavam grande força espiritual e orientavam os cristãos a viver na fé. As escolas de teologia suscitaram tendências, sem heresias ou contradições. “Elas eram catequéticas, fundamentadas na bíblia, sob a interpretação dos teólogos e” místicos da comunidade¹¹⁴.

A escola teológica de Antioquia reuniu mestres que exerceram seu magistério a título pessoal. Eles não pertenciam a uma instituição escolar unitária, com programa orgânico de estudo. Foram eles exegetas e teólogos de grande renome: Diodoro de Tarso, Teodoro de Monpsuéstia, João Crisóstomo, Teodoreto. Seus estudos eram baseados no campo exegético e teológico. O fundador desta escola exegética foi Luciano de Antioquia. A teologia e a exegese eram sóbrias e mais objetivas e eram feitas com maior rigor científico, interpretando a sagrada escritura no sentido literal e histórico e recorrendo à filologia e à semântica com base aristotélica¹¹⁵.

A escola teológica Alexandrina, ou Centro de estudos superiores de exegese e teologia era dirigida e controlada pelo bispo local. Seu ensinamento era baseado no platonismo grego tardio-antigo e seus mestres foram Clemente, Orígenes e Dídimo o Cego, Atanásio e Cirilo. O testemunho desta vida intelectual e cultural é a sua biblioteca com setecentos mil livros. Nesta escola teológica as culturas, oriental, egípcia e grega se unificaram, bem como a cosmovisão do povo hebreu, gerando uma nova civilização. A

¹¹³ Cf. LIBANIO, J.B. - MURAD, A. *Introdução à teologia perfil, enfoques, tarefas*, pg. 118. “As escolas de teologia mais conhecidas foram as de Antioquia e Alexandria, rivais entre si. Enquanto a primeira tendia à exegese literal da escritura, na segunda predominava o sentido espiritual. A reflexão de fé dos Padres é marcadamente bíblica, litúrgica, crístico-eclesial, inculturada e plural”. *Ibid.* 118.

¹¹⁴ COUTO, M. A; BOGAZ, A. S. *Patrística os alicerces da fé cristã II*. Vídeo.

¹¹⁵ Cf. PRICOCO, S. Escola. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristas*, pg. 491.

característica principal desta escola é o uso alegórico na exegese da bíblia, que se servia dos mitos e poetas. Esses teólogos superaram a exegese literal e buscaram o sentido mais misterioso e profundo da revelação¹¹⁶.

Justino fundou, em 165, uma escola em Roma, onde Taciano estudou. Em Alexandria, foi fundada uma escola catequética durante o século II, por Panteno, mestre de Clemente de Alexandria. Este, em 189, tornou-se diretor e lhe imprimiu um cunho de forte preocupação intelectual e filosófica. De seus escritos, o “Pedagogo” é o que parece mostrar mais claramente esta experiência pedagógica, mas sempre no sentido religioso, de educação para a verdade, mediante Cristo, Mestre da humanidade. A escola de Alexandria alcançou seu ápice sob Orígenes, que assumiu sua direção em 204, com apenas dezoito anos [...]Ele fundou outra escola em Cesaréia, onde permaneceu até sua morte. Desta e dos métodos de ensino que ali adotavam deixou-nos um testemunho Gregório Taumaturgo em seu agradecimento a Orígenes, composto por volta de 238 [...]Orígenes, por meio de carta a Gregório, convidou o discípulo a tirar da filosofia grega tudo que pudesse servir de ensino encíclico para o cristianismo e a haurir da geometria e da astronomia aquilo que fosse útil para a interpretação das sagradas escrituras”¹¹⁷.

As escolas de teologia e seus teólogos marcaram suas épocas, elaborando a doutrina cristã em diálogos e em participações, como que em mutirão. Estas escolas teológicas maiores ou menores vinculadas aos patriarcas no Oriente e aos bispos no Ocidente elaboraram preciosos rituais litúrgicos, que pertencem ao patrimônio da tradição cristã¹¹⁸.

CONCLUSÃO

A formação litúrgica no primeiro milênio tem suas bases na pessoa de Jesus Cristo e sua missão, e se solidifica no comportamento da Igreja primitiva.

Dotado da seriedade dos essênios, Jesus representava uma alternativa ao sistema dominante, e ao próprio movimento essênio, pois o amor é a base e a inspiração de todo o

¹¹⁶ Cf. *Ibid.* pg. 72-73.

¹¹⁷ PRICOCO, S. Escolas cristãs de catequese e de teologia. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*, pg. 490-493.

¹¹⁸ Cf. COUTO, M. A. - BOGAZ, A. S. *Patrística os alicerces da fé cristã II*. Vídeo.

projeto cristológico. Se nos essênios encontramos uma seriedade a toda prova, já não podemos dizer o mesmo em relação ao amor.

A formação que Jesus deu aos Apóstolos serve de inspiração para a formação presbiteral de todos os tempos, pois ela é baseada em numa prática de opção pelos pobres, no sentido mais amplo e teológico do termo, e, ao mesmo tempo, numa busca de Deus a toda prova. Desta forma, os Apóstolos aprenderam na práxis de Jesus, que eles acompanharam de perto no dia a dia, e nos colóquios com o grupo a sós, o que ocupava a maior parte do tempo. Aprenderam fazendo junto e discutindo à parte cada questão.

Esta formação, certamente tinha a liturgia e a missão como eixo, uma vez que o próprio Jesus encaminhou a sua Igreja na perspectiva sacramental. Ele constituiu um grupo de doze (Mc 3,16-19; Mt 10,2-4; Lc 6,14-16), para que ficassem com Ele, para enviá-los a pregar e terem autoridade para expulsar os demônios. Jesus identifica a autoridade e a missão dada a eles com a sua, recebida do Pai: “Quem vos ouve, a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou (Lc 10,16)”. Estes Doze são o núcleo da futura Igreja. A Igreja e a liturgia nasceram do coração de Jesus Cristo pregado na cruz, através do derramamento do sangue e água, onde temos os sacramentos do batismo e da eucaristia e demais sacramentos e outras celebrações litúrgicas.

Após o evento pascal nunca mais a Igreja deixou de reunir-se para celebrar o mistério: lendo tudo quanto a Ele se referia em todas as escrituras (Lc 24, 27), celebrando a eucaristia, na qual se tornam presentes a vitória e o triunfo sobre a morte. Jesus delegou aos apóstolos a função de serem portadores de sua palavra e da vontade de Deus que é salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todas as pessoas. As primeiras autoridades da Igreja foram os apóstolos, a quem Jesus pessoalmente confiara a responsabilidade primária de continuarem sua obra.

A liturgia de grande parte do primeiro milênio foi ensinada, vivida e compreendida como celebração do mistério pascal atuando na história. Uma liturgia vivida em clima eucarístico e de compromisso eclesial-comunitário, onde os cristãos tinham contato direto com a palavra de Deus. A liturgia era participada por todos, presidida por seus pastores. A centralidade do mistério pascal é que era determinante. Inclusive os mártires eram celebrados à luz deste mistério. A liturgia de grande parte do primeiro milênio foi fiel à tradição cristã e apostólica, se adaptou a diferentes povos com sua cultura, tanto no Oriente como no Ocidente.

Certamente, foi neste contexto que nasceu a formação litúrgica no primeiro milênio, como também os embriões de escolas teológicas. Também dentro deste espírito é que nasceram as exigências e normas da formação à vida presbiteral.

Assim, neste capítulo foram preparadas as bases para entendermos a reforma litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II, como também as propostas sobre a formação litúrgica da Constituição *Sacrosanctum Concilium* e da Instrução sobre a formação litúrgica nos Seminários (1979), assuntos que serão estudados no terceiro capítulo.

Porém, antes de chegarmos lá, é necessário abordarmos a formação litúrgica no segundo milênio, até o Concílio Ecumênico Vaticano II, pois é a partir daí que compreenderemos a urgência da reforma litúrgica e da formação litúrgica de acordo com a reforma conciliar.

CAPÍTULO II

O ESTUDO DA LITURGIA AO LONGO DO SEGUNDO MILÊNIO ATÉ A AURORA DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II.

Introdução.

No primeiro capítulo, verificamos que o ensino da liturgia no primeiro milênio distinguiu-se por ser feito a partir do rito celebrado na igreja, caracterizando o momento da celebração como o eixo pedagógico e distinguindo-se por ser um ensino no qual o mistério pascal estava no centro, uma liturgia de comunhão.

Nos dois últimos séculos do primeiro milênio vivemos um tempo de transição na liturgia romana. É o período da fusão entre a liturgia romana propriamente dita e a liturgia galicana dentro do império franco-germânico. Nesta fusão, a liturgia romana passa por profundas transformações passa de um cunho pascal e comunitário (eclesial), com nobre simplicidade, para um caráter devocionalista e individualista. Trata-se de uma passagem significativa, pois determinará os rumos do ensino da liturgia ocidental em praticamente todo o segundo milênio da era cristã.

No segundo capítulo, vamos tratar do estudo da liturgia que passa por esta transformação, afetando-o profundamente.

Para a finalidade do nosso estudo, entende-se como segundo milênio o tempo desde o período carolíngio até a reforma do Concílio Ecumênico Vaticano II. O prenúncio do segundo milênio se deu com o Movimento litúrgico, iniciado no começo do século XIX.

Como no capítulo anterior, veremos que o estudo da liturgia depende da concepção e da prática litúrgicas que vigoram nas várias épocas. Portanto, é inevitável que façamos uma análise da liturgia deste período para podermos ver como era o estudo da mesma.

Perfilando o capítulo, vamos estudar o outono da liturgia e seu conseqüente inverno em busca de uma primavera que se anuncia no Movimento Litúrgico e desemboca no Concílio Vaticano II. Como o panorama do outono europeu, a liturgia se enche de cores exteriores, para depois se desfolhar num inverno implacável. Isto significa que a liturgia foi sendo colocada num segundo plano, tornando-se um apêndice do estudo teológico, virando estudos de rubricas e normas exteriores.

Então, para desenvolvermos um argumento tão extenso, o capítulo divide-se em oito itens: a decadência da liturgia, os abusos na celebração litúrgica, as reações dos Papas Gregório VII e Inocêncio II, o Concílio de Trento e a constituição dos seminários, o ensino da liturgia na época pós-tridentina, o Movimento litúrgico, sua implantação no Brasil e, por fim, o surgimento da ciência litúrgica.

1. A decadência da liturgia.

O que os autores consideram o outono ou início da decadência da liturgia tem a ver com um processo que se iniciou lentamente a partir do reconhecimento da religião cristã pelo imperador Constantino ¹¹⁹, no século IV, e seu conseqüente embelezamento exterior não a partir da natureza simbólica da liturgia, mas das honrarias que o Império foi concedendo aos eclesiásticos.

¹¹⁹Constantino, que reinou de 306 a 337, reconheceu na Igreja duramente atingida, mas de modo algum destruída, uma organização sólida, cheia de santos ideais e de aspirações sociais, um valioso aliado para fortalecer a unidade ameaçada do império. Constantino volta-se definitivamente para o Deus dos cristãos durante a campanha contra o imperador Maxêncio. Após a famosa batalha da Ponte Mílvia, em que Constantino atribuiu a sua vitória à ajuda de Cristo, ele conquistou Roma e todo o Ocidente, com o Norte da África. Em fevereiro de 313, deu-se a "Convenção de Milão", entre os imperadores vitoriosos, Constantino e Licínio. Concedeu-se aos cristãos liberdade total para praticarem a sua religião. EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História eclesiástica* X 5, 2-14 (Cf. LACTÂNCIO, *De mort. persecutorum* XLVIII — N.d.t.). Mas esta liberdade abriu a Igreja ao mundo adjacente e ao império, provocando não só conversões fáceis, sobretudo nas cidades, mas também um contato inevitável com elementos culturais, que até então haviam ficado mais ou menos excluídos do âmbito administração civil. Passa-se, dos ministérios na Igreja, à organização de uma administração do povo crente. A Igreja vai sendo limitada e controlada por um sistema de organização mais amplo (província=metropolitana, e patriarcado)". MARSILI, S. (org.). *Anámnese I: A liturgia momento histórico da salvação*. pg. 63.

Os imperadores cristãos sentiam-se protetores da Igreja e procuraram por meios oficiais, e até com o emprego da força estatal, conservar a unidade eclesiástica, no meio de divisões heréticas. Com sua conversão, Constantino renuncia às prerrogativas divinas. Então, muitos dos ritos imperiais se transpuseram paulatinamente à liturgia romana, como sinais de honra e reverência para os ministros sagrados. Foram concedidas aos dirigentes da Igreja honras e privilégios de acordo com os dignitários do império. Os bispos tinham direito ao anel, à saudação com genuflexão, ao beijo no pé, ao trono, ao manípulo e ao cortejo com luzes e incensos¹²⁰.

Por isso as celebrações presididas pelo bispo se transformam em suntuosos cerimoniais pontificais adaptados dos cerimoniais usados na corte. Os ministros ordenados são revestidos de uma dignidade, de honras e indumentárias próprias dos mais altos dignitários do império romano¹²¹.

Nos séculos anteriores, as celebrações aconteciam em regime doméstico, em grupos geralmente pequenos, de forma espontânea e simples. A partir de agora, sobretudo para celebrar a eucaristia presidida pelo bispo, os cristãos passam a se reunir em ambientes amplos, nas basílicas e, pela influência então direta da cultura romana, as celebrações se transformam em algo progressivamente solene e régio. Inclusive os ritos da iniciação cristã, na vigília pascal, assumem um caráter imponente e suntuoso¹²².

Num primeiro momento, a religião cristã foi reconhecida pelo Império. Num segundo, a Igreja é adotada como Igreja do império. Com isto, o estado romano abdicou o seu caráter sacral e se desvinculou da religião pagã. O império transformou-se em *“imperium*

¹²⁰Cf. LLOPIS, J. *La liturgia através de los siglos*. Centre de pastoral litúrgica. pg. 15.

¹²¹Cf. BUYST, I.; SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. pg. 34. “Isso aparece nas próprias orações para a ordenação dos bispos, dos presbíteros e dos diáconos, onde se usa termos como “honra”, “dignidade” e “grau” (termos que eram atribuídos a cargos públicos com seus diferentes níveis de dignidade e de honra, e que agora entram na linguagem litúrgica). Quanto à indumentária, os ministros ordenados, para presidir e atuar na celebração dos sagrados mistérios adotam as roupas festivas próprias dos mais altos funcionários do império romano (a túnica romana, a paenula ou toga, e a mappula). Estas, passando depois por modificações, se transformam nos paramentos sagrados da liturgia romana”. CHUPUNGO, A. Adaptação. in SARTORE, D; A. M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. pg. 5.

¹²²CHUPUNGO, A. Adaptação. in SARTORE, D; TRIACCA, A. M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. pg. 4-5.

christianum” (Sacro Império), e o imperador divino se converteu no “*imperador christianus*”¹²³.

A Igreja, em vez de ser perseguida, converte-se agora na religião oficial do império; em lugar de ser considerada como um corpo estranho passa a ser o princípio diretor que anima o império cristão. A igreja tem diante de si a imensa tarefa de transformar o mundo pagão num mundo cristão, assimilando a cultura pagã em que está imersa. A nova situação traz não só benefícios como problemas. A liberdade e a tranqüilidade de que agora goza influem na qualidade dos seus numerosos adeptos. São abundantes as infiltrações do paganismo na base e as intromissões políticas nos dirigentes da Igreja ¹²⁴.

Com o passar dos séculos, muitas crises profundas contribuíram para a decadência do ensino da liturgia e sua vivência, entre as quais estão as culturais, políticas e eclesiásticas, pois a vida eclesiástica foi aos poucos entrando numa fase de certezas abaladas e de fermentações múltiplas¹²⁵. Verifica-se um profundo desconhecimento dos fundamentos do cristianismo. A situação é tristemente decadente, caótica, o clero em geral mostrava pouquíssimo interesse pela vida litúrgica da Igreja. Nem os livros litúrgicos são editados mais¹²⁶. O descuido pastoral e litúrgico por parte do clero¹²⁷ é a principal causa da decadência da liturgia¹²⁸. Também entre os padres existia o fenômeno da não-residência, eles retinham os benefícios indo estudar em universidades ou cidades de maior conforto, deixando a sua paróquia aos cuidados de verdadeiros padres mercenários sem nenhuma preparação específica¹²⁹.

¹²³ Cf. INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WURZBURG. *Teologia para o cristão de hoje IV*. pg. 27.

¹²⁴ BOROBIO, D. (org.). *A celebração na igreja I: Liturgia e sacramentologia fundamental*. pg. 70.

¹²⁵ Cf. CHUPUNGO, A. Adaptação. in SARTORE, D; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. pg. 4-5.

¹²⁶ Cf. BUYST, I.; SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. pg.45.

¹²⁷ “A Igreja sofria de muitas falhas no que diz respeito aos responsáveis pelo pastoreio: Papa bispos e clero em geral, não se deve exagerar. Entre os membros da hierarquia havia, sem dúvida, reservas espirituais dignas de consideração. Entre os bispos “zelosos” destaca-se G. M. Giberti (+1543), ex-“datário” de Clemente VII (1523-1534) e ordinário de Verona, na Itália. Levava uma vida de monge, visitava sem cansar a própria diocese, restaurou a dignidade do culto, supervisionou a pregação, suspendeu padres suspeitos, colocando na prisão sacerdotes indignos, e reformou vários mosteiros. São Carlos Borromeu (1538-1584), bispo de Milão, sempre o teve como modelo do *múnus episcopal*”. LIBÂNIO, J. B. *À volta à grande disciplina: Reflexão teológico-pastoral sobre a atual conjuntura da Igreja* pg. 23-38.

¹²⁸ Cf. DELUMEAU, J. *Il cattolicesimo dal XVI al XVIII secolo*. pg. 20.

¹²⁹ Cf. MATOS, H. C. J. *História do Cristianismo: estudos e documentos III*, Belo Horizonte: Lutador, 1989, pg. 27-35.

Ao lado de lastimável ignorância teológica, litúrgica e pastoral, o clero mostrava sinais de decadência moral¹³⁰. Um grande número de padres casados, cuja concubina é como se fosse sua mulher e com a qual tem vários filhos. Muitos padres eram obrigados a trabalhar para poder sobreviver e não escondiam seu desejo de ter mulher para cuidar dos afazeres domésticos. As conseqüências dessa situação eram bastante graves. Muitos dos padres iniciam os seus filhos no serviço eclesiástico já como coroinhas, para serem preparados a substituí-los nos benefícios. Criavam-se assim verdadeiras dinastias de padres¹³¹.

A sociedade encontrava-se numa progressiva reestruturação. As idéias universais perdiam sua força na Igreja e no mundo. Na vida política e social, surgem o nacionalismo e o particularismo; no campo religioso e eclesiástico, entra em conflito as aspirações individuais e pessoais de vinculação à comunidade e à tradição. A evolução dos povos ocidentais, passando da submissão ao clero para uma autonomia. É certo que durante a baixa idade média, a Igreja continua a ser a primeira e mais forte potência cultural, mas nesse tempo já não se consideram o estado e a cultura como indissolúvelmente ligados à Igreja. O homem reflete mais intensamente sobre a sua existência no mundo e sobre a autonomia do seu cosmo. A civilização urbana e burguesa adquire uma importância decisiva e determinante para o futuro. O espírito ocidental, inicialmente ainda condicionado pela Igreja, criou na universidade o lugar privilegiado da pesquisa, da formação e da educação espiritual¹³².

A chegada dos povos bárbaros com outra mentalidade e língua diferente enfraquecem a liturgia romana. Neste contexto a liturgia perde a dimensão de evangelizar o povo. A maneira religiosa dos povos bárbaros, caracterizada por um terror diante da divindade, um grande individualismo, sentimento de culpabilidade tomam conta da liturgia e não favorecem seu desenvolvimento. No campo eclesiástico, o papa perde seu prestígio por culpa da indignidade de outros ocupantes da sede de Pedro¹³³. No campo da teologia surgem

¹³⁰Cf. BOROBIO, D. (org.). *A celebração na igreja I: Liturgia e sacramentologia fundamental*. 101.

¹³¹Cf. MATOS, H. C. J. *História do Cristianismo: estudos e documentos III*, pg. 35.

¹³² INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WURZBURG. *Teologia para o cristão de hoje IV*. pg. 39.

¹³³ “O panorama negativo é devido, sobretudo às falhas na estrutura eclesiástica, particularmente no que se refere ao comportamento do alto e baixo clero. Aí encontramos, de fato, as raízes da ignorância popular, do mundo supersticioso, da exploração da fantasmagoria diabólica. Muitos bispos desse período, em perfeita tranquilidade de consciência, achavam que bastava manter a sociedade cristã na imobilidade e bem administrar, em pessoa ou por terceiros, o patrimônio diocesano. Percebe-se neles uma impressionante falta de empenho pastoral e litúrgico, obrigação do seu múnus episcopal. Aliás, os próprios Pontífices romanos deram um péssimo exemplo. Os papas renascentistas, personificados na figura de Alexandre VI (Bórgia 1492-1503), não honraram a Igreja

as controvérsias teológicas¹³⁴, a reflexão teológica insiste na divindade de Cristo, mas, de certo modo, Cristo fica deslocado da Igreja. A consequência de tudo isso é que a liturgia se clericaliza, os ritos se complicam e o povo não participa mais ativamente, passivo na passiva posição de assistência¹³⁵.

O povo assistia de longe, como a um espetáculo. A liturgia era solene e pomposa, aumentando a distância entre o clero, que realizava a liturgia, e povo, que a assistia como expectador. Os ministros são os donos exclusivos da liturgia, e o povo, procurara nas devoções dos santos um substitutivo da liturgia suntuosa, elegante na linguagem desconhecida e na forma incompreendida. A liturgia torna-se um emaranhado intrincadíssimo¹³⁶ de nomes e de movimentos, onde a vontade de fazer espetáculo não é menos evidente do que a intenção de impor uma auréola sobre as pessoas e as coisas, que entram na ação cultural¹³⁷.

A liturgia desta época chama atenção nos seguintes aspectos: a missa se enche de apologias, isto é, de confissões de indignidades por parte do sacerdote celebrante, recitadas antes de começar a missa, ao ir ler o evangelho, no momento do ofertório e antes de comungar; abandona-se o catecumenato, por culpa da generalização do batismo de crianças; a partir do século VII nasce e se difunde a penitência privada, devido ao abandono da pública, considerada rígida, e pela nova mentalidade dos povos bárbaros; o matrimônio começa a cair sob o controle jurídico da Igreja; a liturgia pontifical, sobretudo por ocasião das ordenações, se dramatiza e complica extraordinariamente; o ofício divino, por influência monástica, abarca todas as horas canônicas, se enriquece e se complica. Em aparência as celebrações litúrgicas são solenes e ricas, mas na realidade é uma espécie de andaime sem base popular¹³⁸.

neste momento crucial de sua história. MATOS, H. C. J. *História do Cristianismo: estudos e documentos III*, pg. 27-35.

¹³⁴“Os séculos IV e V conhecem as grandes contendas doutrinárias suscitadas por Ário e Nestório, às quais replicarão os concílios ecumênicos de Nicéia (325), Éfeso (431) e Calcedônia (451). O donatismo e o pelagianismo produziram diversos conflitos africanos”. BOROPIO, D. (org.). *A celebração na igreja I: Liturgia e sacramentologia fundamental*. pg. 70.

¹³⁵Cf. LLOPIS, J. *La liturgia através de los siglos*. pg. 15.

¹³⁶“Por exemplo, a entrada para a missa: "Volta o quarto cantor anunciando que o Papa dá à escola a ordem de iniciar o canto. A Escola coloca-se em duas fileiras, diante do altar, com os parafonistas nas alas externas das fileiras. Logo que se entoa o canto, os diáconos entram na sacristia para avisar, e então o Papa sai acompanhado pelo arcediogo e um segundo diácono, precedido por um subdiácono com o incenso e por sete acólitos com as velas. Antes de chegarem ao altar, os diáconos tiram as planetas (ficam de dalmática) e as entregam ao subdiácono regional, e este as passa aos acólitos da região que têm turno de serviço naquele dia etc. E eis as 'passagens' que tem de fazer a patena: no começo do cânon, um acólito a segura com um véu nas mãos. Na metade do cânon a pega, cobrindo as mãos com a planeta, o subdiácono segundo que, pouco depois, a passa para o subdiácono regional. Este coloca-se atrás do arcediogo, que — após ter dito 'ab omni perturbatione securi — a beija e, recebida pelo subdiácono, a entrega ao diácono segundo para que a segure”. Cf. *Ordo Rom.*, I, I. c., 97-98.

¹³⁷Cf. MARSILI, S. (org.). *Anámnese I: A liturgia momento histórico da salvação*. pg. 63.

¹³⁸LLOPIS, J. *La liturgia através de los siglos*. pg. 16.

Com esta situação a vida espiritual do povo caminha á margem e fora do marco litúrgico, mergulhado na noite da ignorância, inclusive religiosa. De fato, a cultura se restringia a uma pequena elite urbana. A ignorância religiosa do povo manifesta-se, sobretudo, através de uma mentalidade animista e supersticiosa. As fronteiras entre o espírito e a matéria facilmente se confundiam. A incapacidade do homem de dominar as forças da natureza, colocava-o numa posição de dependência. Existiam crenças de todo tipo, permeadas de fortes resquícios supersticiosos e mágicos. Temia-se o mau olhado, o mau sopro. As palavras assumiam um poder próprio pela força de sua materialidade. A pregação cristã mistura-se com esse pano de fundo pagão e animista¹³⁹.

Existe um aumento notável das devoções privadas, algumas das quais se popularizam, o rosário e a via-crúcis e servem para alimentar e manter a piedade dos cristãos, tanto dos leigos como dos clérigos e religiosos. A liturgia se converte em uma devoção, como pode se deduzir da afeição pelas missas votivas, pelas missas em honra de santos determinados, pelas séries de missas aplicadas por intenções particulares¹⁴⁰.

A situação da liturgia é lamentável. Os ritos e as cerimônias são executados sem sentido pastoral e acompanhados de uma série de abusos¹⁴¹.

2. Os abusos na celebração litúrgica.

Diante da decadência da liturgia estudada no item anterior, surgiu uma série de abusos como conseqüência inevitável. Eles começam com a introdução de elementos rituais que se desviam do caráter simbólico para o dramático. Isso culmina em atitudes abomináveis.

¹³⁹Cf. MATOS, H. C. J. *História do cristianismo, estudos e documentos III*, período moderno. pg. 27-35.

¹⁴⁰Cf. LLOPIS, J. *La liturgia através de los siglos*. pg. 17.

¹⁴¹Cf. *Ibid.* pg. 18.

A liturgia é considerada o fenômeno exterior do culto, uma coisa reservada ao sacerdote. Ao mesmo tempo, criavam-se novos ritos freqüentemente supersticiosos para multiplicar as celebrações litúrgicas, para as quais fixavam cuidadosamente as ofertas por parte do povo¹⁴². As orações se misturam aos formulários longos, linguagem comovente, cheia de sentimentos e dramaticidade. A liturgia deste tempo pode ser descrita com estas características: desenvolvimento muito rico, material variado e abundante, estilo mais extenso, bastante loquaz, dramático¹⁴³.

Na missa são introduzidas inúmeras orações em que o sacerdote confessa privadamente em silêncio as próprias culpas e pede perdão (prática que vai aparecer pouco a pouco no começo de quase todas as partes da missa). É porque estamos diante do Juiz terrível, do mistério tremendo, as orações (sobretudo a oração eucarística) devem ser ditas em voz baixa (em segredo!) pelo sacerdote. Muitas orações são de tipo novo, dirigidas de preferência ao próprio Cristo e não mais, como na forma romana clássica, ao Pai através de Cristo. A liturgia é colocada longe do alcance do povo. Não há mais participação ativa do povo na missa. O caráter comunitário da liturgia romana desaparece. Todos os papéis que antes, na liturgia romana clássica, eram distribuídos entre vários ministros, agora são assumidos exclusivamente pelo sacerdote celebrante que, no seu isolamento lá no altar, reza a sua missa 'para o povo'. O povo, que na missa perde o contato com a Palavra e se ausenta cada vez mais da mesa da comunhão, é apenas um mudo espectador de uma liturgia clerical rezada à distância, em latim, de costas. Multiplicam-se os sinais da cruz e genuflexões do padre na missa. Multiplicam-se as missas por intenções e devoções particulares. Multiplicam-se as missas rezadas pelos padres privadamente, isto é, sem presença de pessoas. A missa é explicada não como memorial pascal, mas alegoricamente (como uma espécie de 'encenação' simbólica dos passos da paixão de Cristo feita pelos padres). Cresce a preferência pelas devoções. Multiplicam-se as festas dos santos. Introduce-se a prática da penitência privada. O tríduo pascal é dramatizado com a inclusão do domingo de ramos, das cerimônias do lava-pés, da comovedora adoração da Cruz (com o "Eis o lenho da cruz" cantado três vezes, os "impropérios", e a aclamação "Deus Santo"), dos muitos e profundos ritos da Vigília pascal (bênção do fogo, aclamação "Eis a Luz de Cristo", solene louvação do círio cantando o "Exsultet" e quase toda a cerimônia da bênção da água batismal)¹⁴⁴.

Surgem, então, os abusos abomináveis das missas sicca (sem o cálice), bifaciata e tri-quatrifaciata (missas com mais de uma face), com uma só intenção: enganar o povo e receber tantas ofertas quantas missas parecer que foram celebradas. A missa sicca consistia em repetir todos os formulários da missa com exceção da "oração sobre as ofertas", incluindo o rito do ofertório; dito o *Pater noster* e para o *Agnus Dei*; omitida a comunhão, rezava-se a antífona

¹⁴²Cf. MARSILI, S. (org.). *Anámnese I: A liturgia momento histórico da salvação*. Op. cit. pg. 71.

¹⁴³Cf. AUGÉ, M. *História, celebração, teologia, espiritualidade*. pg.42.

¹⁴⁴BUYST, I.; SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. pg. 42.

como a oração depois comunhão, concluindo com a despedida do povo. Portanto, não havia consagração nem cálice. Na missa bi-tri-quatrifaciata rezava-se até o ofertório, depois se iniciava uma segunda até o mesmo ponto, e assim quantas desejassem. Feito somente rito de apresentação de oferendas, com um só cânon e uma só comunhão, retomavam-se tantas orações depois da comunhão e todas as outras fórmulas que se seguiam¹⁴⁵.

O grande teólogo controversista João Eck, ao repreender os abusos, com uma palavra explica tudo: Simula-se um espetáculo, a liturgia torna-se um espetáculo religioso, a que o povo assiste unindo fé e superstição, que muitas vezes aproxima-se da magia.

Muitos pregadores apelam para as palavras de encantamento, para explicar a eficácia das palavras do sacerdote na missa¹⁴⁶.

Afirmam que quanto mais silenciosamente se assistir o espetáculo sagrado, tanto maior será a eficácia das palavras do sacerdote¹⁴⁷.

Aos domingos os padres não rezavam as missas próprias ordenadas pela Igreja e sim às missas votivas ou de defuntos para salvação da alma. Por este motivo as missas se multiplicam de modo anormal. Outro abuso é que, enquanto se rezava a missa solene um

¹⁴⁵Cf. MARSILI, S. (org.). *Anámnese I: A liturgia momento histórico da salvação*. pg. 72.

¹⁴⁶ “Alguns padres quando rezavam à missa pronunciavam as palavras sagradas de uma maneira totalmente estranha e, como se fizesse teatro, algumas vezes levantam a voz e outras vezes murmurejam em voz baixa, e assim recitam a tropeções umas palavras que deveriam ser ditas com o mesmo tom sério e comedido. Há outros que, quando chegam às palavras da consagração achegam a boca à hóstia e ao cálice e, como se fizessem o alento sobre alas, dizem pouco a pouco cada uma das palavras da consagração e fazem com a cabeça o sinal da cruz, como se estes gestos conferissem mais força consecratória às palavras do Senhor ou toda virtude da consagração estivesse colocada neste tipo de gesto: quando as palavras da consagração devem ser ditas de uma maneira simples sobre a hóstia e sobre o cálice. Existiam muitos abusos relacionados com o sentido mágico dos ritos. Os padres faziam muitas cruces sobre a hóstia consagrada, como se faltasse algo à consagração. Além disso, alguns executam as cruces que devem ser feitas sobre a hóstia e o cálice de tal maneira que, mais que fazer o sinal da cruz, parece que gesticulam, provocando assim a hilaridade aos assistentes. Outros, depois da consagração, tomam com ambas as mãos a hóstia e, mantendo a cabeça inclinada, a erguem levando-a até a nuca, tocando muitas vezes os cabelos, com o grave perigo de rompê-la. O Concílio de Trento também considerou abusivas algumas das práticas que se faziam por motivo da festa de Corpus Christi: É um abuso que nas procissões de Corpus Christi, se enfeitam as ruas com ornamentos, que são antes pinturas lascivas, nada dignas de tão magno espetáculo, e inclusive às vezes pelas ruas se fazem bailes, danças e representações teatrais totalmente profanas”.

LLOPIS, J. *La liturgia através de los siglos*. pg. 19.

¹⁴⁷Cf. MARSILI, S. (org.). *Anámnese I: A liturgia momento histórico da salvação*. pg. 72-73.

grande número de padres altaristas, um proletariado clerical que vive de salários celebravam ao mesmo tempo outras missas privadas em altares espalhados dentro da igreja¹⁴⁸.

3. Os papas Gregório VII e Inocêncio III reformam a liturgia.

Em 1073 o monge Hildebrando é eleito papa sob o nome de Gregório VII, sua vontade é recuperar a liturgia romana e as tradições antigas, cultivar o sentido do mistério diante da ação litúrgica e abrir espaço às devoções, ainda que sob uma roupagem litúrgica e reformar os livros litúrgicos¹⁴⁹. O papa tomou a decisão de promover uma ampla e profunda reforma na Igreja, a contenda entre sacerdócio e império chega ao fim, pela afirmação da superioridade do papa sobre o imperador. Desta reforma resultou uma transformação do papel do papado na Igreja, o qual não será mais apenas o centro de unidade da Igreja, mas a norma da verdadeira fé, o critério da tradição apostólica autêntica. Torna somente agora, a cabeça da Igreja de onde procedem todas as decisões importantes. O papa tinha a missão de libertar a Igreja da dominação dos príncipes leigos, que detinham a propriedade das igrejas que fundadas por eles; em consequência, nomeava para elas sacerdotes de sua escolha, o que favorecia o tráfico dos cargos eclesiásticos (a simonia) e a multiplicação de um clero sem vocação e sem estudo, vivendo com mulheres e filhos (o nicolaísmo), e isso numa época em que o clero era teoricamente obrigado ao celibato¹⁵⁰.

A reforma consistia em moralizar o clero e aumentar o apreço pelo sacerdócio, desta forma procura-se restituir ao clero a imagem da dignidade perdida. Neste contexto, entra o interesse pela reforma da liturgia. De acordo com o papa Gregório VII a liturgia exige dignidade, santidade e coerência de vida de quem tem o dever de presidi-la¹⁵¹.

¹⁴⁸Cf. BOROBIO, D. (org.). *A celebração na igreja I: Liturgia e sacramentologia fundamental*. pg. 107.

¹⁴⁹Cf. AUGÉ, M. *História, celebração, teologia, espiritualidade*. pg.45-46.

¹⁵⁰Cf. SESBOÛE, B.; BOURGEOIS, H.; TIHON, PG. *Os sinais as salvação, séculos XII-X X*. pg. 354-355.

¹⁵¹Cf. BUYST, I.; SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. pg. 46.

O papa Gregório VII empreende uma grande luta contra a simonia e o nicolaísmo, impõe aos padres casados que abandonem sua mulher, sob pena de não mais poderem celebrar nem dar os sacramentos e perderem os benefícios. O papa ameaça suspender os Bispos que tolerassem que padres, diáconos ou subdiáconos vivessem com a própria mulher. O papa em pessoa e diversos concílios impediram os leigos de assistirem à missa de um padre casado¹⁵². Todo padre que vive na incontinência será deposto¹⁵³.

Neste trabalho de moralização do clero, reforça-se ainda mais a monopolização clerical da liturgia. Por falta de conhecimento histórico pensava-se que a liturgia era atividade própria e exclusiva dos sacerdotes¹⁵⁴. A ciência canônica em pleno desenvolvimento na Igreja latina, preocupada em delimitar os poderes respectivos do sacerdote, utilizará o conceito de poder para definir os diversos ministérios eclesiásticos, a noção de Igreja tendia a se clericalizar: as pessoas da Igreja são os clérigos e monges e não os leigos¹⁵⁵.

Os ideais de unidade litúrgica cultivados por Gregório VII são levados à frente por outros papas. O papa Inocêncio III (1198-1216) concentrou sua ação na reforma dos livros litúrgicos¹⁵⁶. A reforma seguiu os passos da liturgia romana clássica realizada na capela papal, o resultado foi uma liturgia legalista, cheia de alegorismos e de pietismo¹⁵⁷.

Na liturgia romana clássica para cada ator da celebração havia um livro. Uma praxe que expressava bem o caráter comunitário da celebração litúrgica naquela época. Com o tempo, monopoliza todas as ações. Acaba sendo o único ator, enquanto os fiéis assistem passivamente. Com isso, para ser mais prático, evitando o incomodo de vários livros litúrgicos ao mesmo tempo (Sacramentário, Lecionário, Antifonário etc.), resolvem juntar todos esses num livro só, chamando de "Missal Pleno". Nasce assim o livro que vão chamar simplesmente de "Missal", próprio para ser usado pelos padres quando rezam a missa sozinhos, isto é, sem a presença de pessoas. Um livro, portanto, que não supõe nem prevê a presença de uma assembléia litúrgica. É esse o livro que vai se impondo como modelo obrigatório para todas as igrejas¹⁵⁸.

¹⁵²Cf. MATOS, H. C. J. *História do cristianismo, estudos e documentos III*, período moderno. pg. 85.

¹⁵³Cf. *Ibid.* pg. 63.

¹⁵⁴Cf. BUYST, I.; SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. pg. 29.

¹⁵⁵Cf. SESBOÛE, B.; BOURGEOIS, H.; TIHON, PG. *Os sinais as salvação, séculos XII-X X*. pg. 353.

¹⁵⁶Cf. AUGÉ, M. *História, celebração, teologia, espiritualidade..* pg. 46.

¹⁵⁷Cf. CHUPUNGO, A. Adaptação. in SARTORE, D; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. pg. 6.

¹⁵⁸BUYST, I.; SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. pg. 47.

A liturgia continua sendo uma ação clerical, distante do povo, sem a dimensão comunitária. Notamos que existia uma grande preocupação com o padre, enquanto que o povo e a pastoral ficam esquecidos. O povo se afasta da comunhão, que é substituída pela adoração da hóstia¹⁵⁹. Ver a hóstia de longe, adorando-a, tornou-se uma forma de comungar. Por isso os padres adotaram o costume de levantar bem alto a hóstia na hora da consagração. Para o povo ver e prestar adoração ao senhor terrível que desceu sobre o altar, na hóstia consagrada e no cálice com vinho. O momento da elevação tornou-se como que o ponto alto, o momento mais importante da missa. E o desejo de ver a hóstia tornou-se uma verdadeira expectativa entre os fiéis. Bastava ver a hóstia e o povo já se dava por muito satisfeito¹⁶⁰.

Assim, a visão (ver a hóstia) se tornou um hiper-sentido litúrgico, enquanto que os outros foram minimizados: a maior parte da missa era dita em voz baixa (sentido do ouvir), a comunhão sacramental diminuiu, inclusive com o afastamento do cálice para o povo (sentido do paladar), o altar, os ministros se tornaram distantes (sentido do tato). Sem aquela harmonia marcante no primeiro milênio, em que a Igreja celebrava a presença real e se nutria dela, sem precisar explicá-la, agora se buscava através de especulação o seu reconhecimento racional¹⁶¹.

Neste período cresce o individualismo religioso, a vida e a espiritualidade litúrgicas decaem de forma assustadora, floresce também o drama no âmbito litúrgico, caracterizado por total ignorância litúrgica. As representações dramáticas aparecem como um elemento

¹⁵⁹COSTA, V. S. *A catequese eucarística segundo o magistério da Igreja*: 2004 pg. 20. Apostila. “Uma das expressões desta sensível mudança foi a controvérsia entre o abade de Córbia, Pascásio Radberto e o monge agostiniano Ratramne, para explicar a presença de Cristo na eucaristia, que, tanto para um como para outro, era aceita como tal. A diferença é que o primeiro “acentuava a identidade real do corpo eucarístico de Cristo e o corpo histórico, sem dar importância à finalidade dinâmica ou simbólico-eclesial sacramento. Ratramne, por sua vez, fazia um raciocínio inverso, afirmando que não se trata de uma identidade histórica, mas espiritual. A questão renasce de forma mais controversa no século XI, com Berengário de Tours (França), um professor de renome, inteligente, mas orgulhoso demais para reconhecer que colocou a Igreja num beco perigoso, ao opor realidade e símbolo, sem considerar que para os padres da patrística, o termo símbolo não era vazio de realidade como normalmente o senso comum o entende hoje. Desta forma, Berengário criou embaraço entre a teologia eucarística de Santo Agostinho e a de Santo Ambrósio de Milão, sendo que na verdade ambos, com linguagens diferentes, afirmam a mesma coisa, isto é, a fé na presença verdadeira, real e total de Cristo na eucaristia, presença que nada fica devendo nem à humanidade nem à divindade do filho de Deus encarnado. O problema que ficou marcou o segundo milênio foi uma série de deslocamentos no tocante à prática da teologia eucarística, o que certamente influenciou a catequese e a liturgia. O forte acento devocional na presença real, como reação à sua negação, foi deixando na sombra o aspecto litúrgico-sacramental da celebração Eucarística como um todo, onde o mistério celebrado envolve a pessoa na sua totalidade, atingindo os cinco sentidos do corpo para fazer do coração o altar de Deus”. *Ibid.* pg. 1.

¹⁶⁰Cf. BUYST, I.; SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. pg. 47-48.

¹⁶¹COSTA, V. S. *A catequese eucarística segundo o magistério da Igreja*. pg. 2.

importante ao culto público. A liturgia que nada mais dizia às pessoas adota as representações sacras (teatro sacro) como forma de instrução catequética. Neste tempo surge o movimento chamado “*devotio moderna*”¹⁶² que enfatiza mais a oração interior do coração do que a oração vocal e a ação litúrgica¹⁶³.

Diante desta anarquia muito grande, o povo permanece alienado da liturgia, cumprindo apenas o mínimo que a Igreja prescreve para os atos de culto. Surgem então as vozes de protesto, dentre elas se destaca a de Lutero e seus seguidores exigindo a reforma¹⁶⁴.

A véspera do abalo da reforma constata-se que o povo fora evangelizado de forma bastante superficial. E é nessas condições que as duas reformas, a de Lutero e a de Roma, seriam na realidade, dois processos, aparentemente apostos, mas no fundo convergentes, de cristianização das massas e de espiritualização do sentimento religioso. Encontramos entre os leigos mais letrados das cidades e também no campo e em ambientes mais simples uma sede de renovação espiritual, de purificação e um forte desejo de ter acesso às fontes do cristianismo, notadamente à sagrada escritura. É exatamente este clima que tanto a reforma protestante, como a católica tridentina assumirão e reforçarão¹⁶⁵.

4. O Concílio de Trento e a constituição dos seminários.

O Concílio de Trento¹⁶⁶ foi desejado por muitos como único meio de salvação para a Igreja da época. Houve, no entanto, inúmeras dificuldades para convocá-lo.

¹⁶² “A “*devotio moderna*” é um movimento de renovação interior que rapidamente se difunde pela Europa através dos “*fratres de vita comunis*”, grupos de leigos que viviam o ideal evangélico de simplicidade e serviço, embora sem votos jurídicos. A devoção moderna cultiva sobremaneira a vida interior, através da meditação pessoal bem estruturada, metodicamente conduzida e toda centralizada no mistério de Cristo. Discrição e moderação são notas características desse movimento, preservando seus adeptos dos extremos de austeridade, mas também de acomodação e rotina nas práticas religiosas. Estamos diante de um autêntico “*reveil*” cristão, cuja seriedade, realismo psicológico do sentido religioso (evitando tudo que ultrapassa a medida comum), junto com a preocupação com exercícios de interiorização espiritual e prática das virtudes clássicas de humildade, renúncia e obediência”. MATOS, H. C. J. *História do cristianismo, estudos e documentos III, período moderno*. pg. 27-28.

¹⁶³Cf. BOROBIÓ, D. (org.) *A celebração na igreja I: liturgia e sacramentologia fundamental*. pg. 108.

¹⁶⁴Cf. BUYST, I.; SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. pg. 50.

¹⁶⁵MATOS, H. C. J. *História do cristianismo, estudos e documentos III, período moderno*. pg. 28-29.

¹⁶⁶Comparado com outros concílios ecumênicos, o número de participantes em Trento foi escasso. Na cerimônia de abertura, no dia 13 de dezembro de 1545, havia 31 padres! Em 1562 a situação era assim: 85 italianos, 14 espanhóis, 3 portugueses, 3 gregos e um representante respectivamente da França, Alemanha, Inglaterra, Holanda, Polônia, número que depois se elevou. Chama a atenção a exiguidade numérica nas diversas congregações (= sessões) conciliares: enquanto no III concílio do Latrao (1179) havia cerca de 300 bispos e no IV concílio do Latrao (1215), 404, em Trento nunca se chegou a mais de 237 votantes! E não nos enganemos: as mais importantes decisões, em 1546/47 e 1551 (sobre a Tradição, o pecado original, a justificação, a eucaristia e outros sacramentos), foram tomadas em assembleias que nunca ultrapassaram o número de 72 votantes, tendo em conta que, por volta de 1545, existiam mais de 500 sedes episcopais na Europa! Aliás, é bom lembrar que

O próprio Lutero apelara, diversas vezes, para um Concílio: em 1518, bem no início de seu processo eclesiástico, e em 1520, após a Bula "*Exsurge Domine*". Todos os estados alemães, tanto católicos como protestantes, solicitaram, na dieta de Norimberga (1522), a realização de um Concílio "livre", universal, cristão, em território alemão", ou seja: "livre", isto é, sob a direção do imperador e dos príncipes, mas não do papa; "cristão", composto também por leigos e fiel a "um único critério de fé": a Escritura. Evidentemente tais exigências provocaram perplexidade na Cúria Romana. É verdade que Adriano VI (1522-1523) encarregara seu legado na Dieta de Norimberga de prometer a convocação de um próximo Concílio, reconhecendo, ao mesmo tempo, com humildade, a culpa do clero e da Cúria, mas quando morreu após brevíssimo pontificado, os planos foram totalmente mudados. Clemente VII (1523-1534) sempre oscilante, manteve-se à distância, temendo um ressurgir da teoria conciliarista, enquanto confiava mais na diplomacia. Não rejeitou abertamente os pedidos de Carlos V em prol de um Concílio, mas multiplicou as desculpas e os pretextos, de modo que a convocação sempre fosse adiada. Por outro lado, o contexto político não era muito favorável: de 1521 a 1559 deflagaram repetidas guerras entre a Casa de Augsburg e a França, que tentava assegurar sua própria autonomia e destruir a hegemonia europeia de Carlos V. Como, em tais circunstâncias, garantir o livre trânsito de bispos e reunir juntos, numa pacífica assembléia os representantes das duas partes beligerantes? Como também conciliar a neutralidade política do Papa na guerra entre os dois blocos, sendo que uma estreita aliança da Santa Sé com o imperador fosse indispensável para combater os protestantes? O fracasso das tentativas de convocação em 1536 e 1542 se explica exatamente pela guerra em curso. Além disso, o rei da França temia que o imperador tirasse proveito político do Concílio com um eventual restabelecimento da unidade religiosa e não mostrou maiores interesses pela iniciativa. Desta forma, não é difícil entender que o Concílio previsto desde 1518, só 27 anos mais tarde fosse aberto¹⁶⁷.

O concílio de Trento realizado em três fases, tratou das questões dogmáticas e disciplinares. Paralelamente às determinações doutrinárias, promulgavam-se vários decretos de reforma para o clero. Toda a obra da reforma disciplinar de Trento se inspira no princípio: "*Salus animarum, suprema lex esto*". De fato, a "*cura animarum*" constitui o fio condutor dos decretos de reforma de Trento: a missão essencial da Igreja é a salvação das almas, não a promoção das artes e de valores puramente humanos, menos ainda a organização econômica da sociedade¹⁶⁸. O concílio colocou como tarefa imprescindível reformar o clero, desde a cúpula romana até ao pároco, estabelecendo a obrigação da pregação, pelo menos aos domingos e feriados, por parte dos bispos e párocos. Nessa ocasião insistiu-se na necessidade

durante os 18 anos do período conciliar havia, normalmente, mais bispos em Roma do que em Trento! Por isso, não é exagerado dizer que o Concílio tridentino foi ecumênico "em linha de direito, não em linha de fato. Para justificar a colocação inicial deste parágrafo, fornecemos ainda os seguintes dados: segundo uma tradição, não totalmente segura, houve no concílio de Nicéia (325) 318 padres; em Calcedônia (451), 630. Enquanto o concílio Vaticano I (1869-1870) contava com 700 participantes, o Vaticano II (1962-1965) ultrapassou os 2500! MATOS, H. C. J. *História do cristianismo, estudos e documentos III*, período moderno, pg. 100.

¹⁶⁷ MATOS, H. C. J. *História do cristianismo, estudos e documentos III*, período moderno, pg. 91.

¹⁶⁸ Cf. *Ibid.* pg. 93.

de explicar aos fiéis as várias partes da missa e os ritos dos sacramentos, constatou-se que era mínima e inadequada à preparação litúrgica por parte do clero¹⁶⁹. Também estabeleceu dever da residência dos pastores, podia isentar da obrigação de residência somente em necessidade urgente, desde que não ultrapassasse a dois ou três meses no ano e a proibição de acumular benefícios eclesiásticos¹⁷⁰.

O concílio estudou a situação das celebrações, especialmente da missa e constatou que a situação era lamentável, cortou muitos abusos na liturgia¹⁷¹. Eliminou as emendas tardias, de caráter privado, ou as espúrias. Devia-se voltar à forma genuína da liturgia de acordo com a tradição.

No campo mais relativo ao nosso tema, o Concílio de Trento estabeleceu as exigências básicas para candidatos ao episcopado¹⁷² e aprovou o decreto sobre a criação dos seminários (sementeira do clero) em cada diocese, abertos a ricos e pobres, com indicações a respeito do método a seguir na formação e seleção dos candidatos ao sacerdócio: “educá-los religiosamente e introduzi-los nas ciências eclesiásticas”. A intenção principal, segundo as palavras dos textos conciliares, era receber os jovens que fossem competentes e dessem esperanças por sua boa índole e inclinações, de que sempre continuariam servindo nos ministérios eclesiásticos. Estes jovens seriam educados e instruídos de tal modo que este lugar fosse uma sementeira perene de ministros de Deus. A capacidade de ensinar o povo e de administrar os sacramentos será doravante condição necessária para ser ordenado¹⁷³. O documento obrigou à residência dos seminaristas, livrando-os dos atrativos dos prazeres mundanos antes que os hábitos e vícios os possuíssem. O caminho seguido girava em torno de alimentar e educar na piedade e na disciplina eclesiástica¹⁷⁴. O povo cristão queria com a

¹⁶⁹Cf. *Ibid.* pg. 94.

¹⁷⁰Cf. *Ibid.* pg. 110.

¹⁷¹Cf. *Ibid.* pg. 95.

¹⁷²Cf. *Ibid.* pg. 94.

¹⁷³Cf. SESBOÛE, B.; BOURGEOIS, H.; TIHON, PG. *Os sinais as salvação, séculos XII-X X.* pg. 165.

¹⁷⁴Cf. *Ibid.*,pg. 165.

reforma melhorar o nível do clero: era uma coisa insuportável para eles que os sacramentos fossem administrados por mãos sacrílegas; eles não podiam permitir que suas filhas se confessassem com padres incontinentes¹⁷⁵.

A reforma do clero é decisiva, Trento realiza uma obra original e de larga envergadura. Suas energias se concentram em dois pontos: renovar o clero existente e preparar um novo clero¹⁷⁶.

O concílio traça o quadro do novo presbítero. Para combater a superstição promove-se um clero paroquial distanciado do universo mágico tradicional, separado do cotidiano da vida comum, mais inclinado a uma religião "em espírito e verdade". Neste contexto são particularmente interessantes os "Cahiers" de magistrados civis, p. ex. de Troyes, na França (1014), onde se lê "Que se proíba ao clero qualquer má ação, tal como freqüentar mulheres suspeitas, botecos, jogos dissolutos ou blasfemos, caças, enfim, todo tipo de atitude que diminui e coloca em descrédito sua dignidade, dando escândalo ao povo." Não só contra o concubinato, mas também contra o abuso do vinho, por parte do clero paroquial, dirige-se a reforma católica. Este último vício parece bastante difuso. Quase cem anos depois do Concílio tridentino, em 1652, o bispo de Autun pôde ainda afirmar: "freqüentar tabernas e botequins é comum entre esses padres e nesses lugares eles proferem blasfêmias e palavrões, cometem atos indecentes, enchem-se de tal forma de vinho que são incapazes de administrar os sacramentos"¹⁷⁷.

Trento não conseguiu restabelecer a unidade religiosa no mundo cristão. O endurecimento da posição protestante e a própria evolução dos fatos dissiparam esta possibilidade. Aliás, a Igreja não podia fazer concessões que comprometessem sua própria identidade. A importância histórica do concílio tridentino é inegável, sobretudo no que diz respeito ao esclarecimento doutrinário e a restauração da disciplina eclesiástica. Podemos sintetizar em três pontos o significado excepcional deste concílio¹⁷⁸.

1 – Evidenciar a capacidade da força criadora de uma Igreja em busca de sua identidade e missão, apesar da grave crise que afetara suas instituições¹⁷⁹.

¹⁷⁵Cf. MARTINA, G. *História da igreja: de Lutero a nossos dias*, I – o período da reforma. pg. 52.

¹⁷⁶Cf. MATOS, H. C. J. *História do cristianismo, estudos e documentos III*, período moderno. pg. 109.

¹⁷⁷*Ibid.* pg. 111-112.

¹⁷⁸Cf. *Ibid.* pg. 102.

¹⁷⁹Cf. *Ibid.* pg. 102.

2 - Reforçar aquela unidade dogmática e disciplinar que, mesmo sendo ainda atacada várias vezes em séculos posteriores (p. ex. o galicanismo e fenômenos afins), contrasta nitidamente com a pulverização verificada no campo protestante¹⁸⁰.

3 - Inaugurar uma nova etapa na história da Igreja, dando origem a um determinado "modelo eclesiástico" que praticamente vigorou até o Vaticano II (1962-1965)¹⁸¹.

5. O ensino da liturgia na época pós-tridentina.

Com a criação dos seminários para a preparação do clero futuro, Trento corrige os vícios e a inércia de costumes mundanos. O concílio ratificou a importância da Eucaristia como centro da vida do seminário, aconselhando que a mesma fosse diariamente celebrada. A formação intelectual dos futuros padres incluía os seguintes elementos curriculares básicos: sagrada escritura, conhecimento dos livros de ciência eclesiástica, ritos e cerimônias litúrgicas, homilias dos santos, administração dos sacramentos, confissão, canto, calendário sagrado, gramática e outros conhecimentos úteis. Completando essa formação, há uma série de prescrições sobre as práticas espirituais: missa diária, confissão, ao menos mensal, comunhão, ajuda nos atos litúrgicos. Pouco a pouco, os seminários vão formando um clero mais preparado, intelectual e espiritualmente, um novo tipo de padre mais apto para a Igreja pós-tridentina, uma aura de mistério envolve o padre. Sua conduta é diferente e distante. Do ponto de vista intelectual apresenta-se superior, e na prática das virtudes se destaca¹⁸².

Toda esta perspectiva positiva que amplia os conhecimentos e a seriedade dos formandos à vida presbiteral é, no entanto, condicionada a um tipo de liturgia segundo um modelo de Igreja, onde prevalecia, a rigidez, a imutabilidade e o triunfalismo. Isso

¹⁸⁰Cf. *Ibid.* pg. 102.

¹⁸¹Cf. *Ibid.* pg. 102.

¹⁸²Cf. *Ibid.* pg. 112.

norteou a formação, sobretudo litúrgica, dos futuros presbíteros. De certa forma, esta liturgia favoreceu ainda mais a busca de outras formas ligadas à liturgia ou não de expressar os sentimentos.

As decisões do concílio não demoraram a serem executadas. Sob o pontificado de Pio V, em 1568 apareceu o Breviário Romano, em 1570 o Missal romano, Clemente VIII publicou o Pontifical romano (1596) e o Cerimonial dos bispos (1600), Paulo V publicou o Ritual romano (1614). Nas bulas de apresentação ficava estabelecido que estes livros seriam obrigatórios para todos, era expressamente proibida a introdução de qualquer modificação. Para controlar esta liturgia uniforme, fixa e inalterável é instituída por Sixto V¹⁸³ a Sagrada Congregação dos Ritos, que devia vigiar sobre a fiel observância das normas litúrgicas. A obra reformadora de Trento salvou a liturgia da crise do século XVI. É, no entanto uma obra limitada. Ao mesmo tempo que fixou a liturgia para superar a situação caótica da época, também a afastou da vida real, transformou-a numa forma congelada, obrigando a piedade dos fiéis a saciar-se nas manifestações de piedade popular e devocional e dando origem a cultura religiosa do barroco¹⁸⁴.

O barroco é um movimento cultural que expressa o espírito da contra-reforma. Depois da crise, a Igreja católica sente-se segura, forte, vitoriosa, respira um ar triunfalista, o que se reflete na liturgia. Acentua-se a presença real de Cristo na Eucaristia, insiste-se cada vez mais na dignidade do sacerdócio dos ministros ordenados¹⁸⁵.

Na medida em que a obra reformadora de Trento se consolida, a figura do clero começa a adquirir maior expressividade. A autoridade do padre, do bispo e do papa,

¹⁸³ Para conhecer o fim que propôs Pio V e mesmo o método de trabalho seguido pela comissão preparatória, basta ler as duas bulas de promulgação que, há quatro séculos, vem sendo impressas no princípio de cada edição do breviário e do missal romano. MARTIMORT, A. G. *A igreja em oração*. pg. 52.

¹⁸⁴Cf. AUGÉ, M. *História, celebração, teologia, espiritualidade*. pg. 51-52.

¹⁸⁵BUYST, I.-SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso* I. pg. 52-54.

crece no interior de uma Igreja em vias de maior clericalização. Os protestantes colocam a Palavra de Deus no centro. Os católicos valorizam os sacramentos, de modo particular a Eucaristia, seja na forma de missa, como as bênçãos e adorações do Santíssimo. Quanto mais intangível se apresenta a liturgia até ao mínimo detalhe tanto mais vigorosa será sua força significativa! O mundo cultural goza da imutabilidade do divino. Os ritos devem ser observados minuciosamente, sem esquecer nenhum dos elementos por menor que seja. Estava em questão a objetividade sacral, sendo que a criatividade do ministro e do povo devia manifestar-se somente pelo acolhimento, pela seriedade na observância das rubricas¹⁸⁶.

A grande preocupação dos padres se centrará no cumprimento rigoroso das normas litúrgicas do que na celebração do mistério pascal. Entramos na era do ensino da liturgia como rubricas, no tempo do rubricismo e do legalismo litúrgico. Estudar liturgia significava então assimilar as leis que regem o culto¹⁸⁷. O juridicismo e a casuística litúrgicas tomaram lugar cada vez mais na prática da celebração e no ensino da liturgia¹⁸⁸.

No âmbito da preocupação com a validade, destacou-se o que se chamou de rubrica. A rigor, rubrica significa terra vermelha, enfatizando a cor rubra. Na Idade Média, foi de primeiro chamado de rubrica metonimicamente o título das leis canônicas porque se costumava escrevê-lo em cor vermelha. Falando de maneira explícita, a aplicação das rubricas à liturgia é feita somente a partir do século XIV, quando nos manuscritos começaram a aparecer as orientações ou prescrições rituais, que também eram escritas em vermelho. O primeiro livro litúrgico impresso a usar as rubricas foi o Breviário, no século XIV. Os missais impressos somente o fizeram a partir dos meados do século XVI. A interpretação da reforma tridentina, por causa da sua preocupação em organizar a liturgia e evitar abusos, foi dando às rubricas um caráter eminentemente canônico, pois, de modo curioso, foi nesse campo que elas nasceram. As rubricas se dividiam em duas categorias: as preceptivas e as diretivas. As primeiras obrigavam, sob pena de pecado; as segundas funcionavam como um conselho ou explicação. Surge, então, a rubricística, que era uma disciplina teológica que ensinava, com método científico, as rubricas. Por causa da rubricística, que acabou dominando o ensino da liturgia, começou-se a falar de rubricismo, significando em primeiro plano uma qualidade dos especialistas em rubricas. Visto pelo lado mais crítico, o termo passou a representar uma preocupação exagerada com a aplicação correta das rubricas. Por sua vez, as pessoas afeitas em observar as rubricas como preceito, talvez pelo medo de pecar, foram chamadas de rubricistas. O rubricismo foi usado também para indicar a preocupação centralizada na validade canônico-jurídica dos sacramentos. Isso nos mostra uma falta de percepção teológica da liturgia, vista mais como cerimônia dentro do cumprimento

¹⁸⁶Cf. MATOS, H. C. J. *História do cristianismo, estudos e documentos III*, período moderno. pg. 109.

¹⁸⁷Cf. *Ibid.* pg. 109.

¹⁸⁸Cf. MARTIMORT, A. G. *A igreja em oração..* pg. 55.

estrito daquelas normas que os livros litúrgicos trazem ainda hoje em vermelho para indicar como o rito sacramental deve proceder. Não que essas indicações não sejam importantes, porque a ritualidade é fundamental e as cerimónias fazem parte dela. Mas o que se entende ainda por rubricismo é a pura aplicação jurídico-moral (certo ou errado) das orientações que permeiam os livros rituais ¹⁸⁹.

6. O movimento litúrgico e sua implantação no Brasil.

O movimento litúrgico é um fenômeno que, ao aprofundar as suas raízes na época do iluminismo (XIX), combatia a ignorância, o preconceito, a superstição, aplicando a análise racional a todos os campos possíveis da experiência humana. O movimento litúrgico tem as suas primeiras manifestações no campo da liturgia ¹⁹⁰. O iluminismo influenciou uma nova busca na compreensão e prática da liturgia, que passa a ser vista sob o aspecto da utilidade para a pastoral. O movimento litúrgico valoriza e resgata o caráter comunitário da liturgia e centrava-se na celebração do mistério pascal. Este movimento resgata os valores da vida litúrgica da comunidade cristã ¹⁹¹.

Os pioneiros do movimento litúrgico queriam o retorno à antiguidade, própria do romantismo. O abade Próspero Guéranger (1805-1875), restaurador da vida monástica na França, centrava sua obra litúrgica numa idéia: a liturgia é a oração da igreja, oração nascida do Espírito que a inspira e a anima. Analisando o passado, reencontrou o valor da oração eclesial e litúrgica, superior à oração individual e privada razão suprema dessa convicção era o dado incontestável de que Jesus Cristo é meio e objeto da liturgia; o Espírito Santo - inspirador dos salmos e dos cânticos, sobretudo do "cântico novo" entoado pela Igreja infunde nela um elemento divino. Ele reconhecia que essa consciência foi-se perdendo ao longo dos séculos, porque os fiéis, exceto aos domingos, não se uniam à oração da Igreja, e quando predominou a oração individual sobre a comunitária, esqueceu-se daquilo que havia sido o alimento espiritual dos Padres. Os métodos e os pensamentos contidos nos livros piedosos são pensamentos humanos que não levam à verdadeira oração da Igreja, ao contrário da oração litúrgica, que é fruto da inspiração do Espírito. No espírito do fundador de Solesmes formaram-se outros pioneiros do movimento litúrgico, como o também beneditino Lamberto Beauduin (suas idéias desencadeiam o movimento litúrgico), considerado o pai da pastoral litúrgica moderna, através das semanas litúrgicas de Lovaina e da revista *Questions Liturgiques*. Mas a contribuição mais importante trazida por D. Beauduin situa-se precisamente no campo teológico e, mais concretamente, na noção de liturgia que ele pôs em circulação: a liturgia é o culto da Igreja. Nessa definição destaca-se a eclesialidade como o aspecto predominante da liturgia. Só é liturgia, pois, aquilo que a Igreja reconhece como seu, nos atos de culto. Da natureza da Igreja brotam as características da liturgia cristã: social (hoje diríamos comunitária), universal, hierárquica, continuadora da missão de Cristo, santificadora dos homens. Sujeito único da mesma é Cristo, ressuscitado e glorioso à direita do Pai. Ele realiza nosso culto como mediador e pontífice da Nova Aliança. A liturgia não é nenhum monumento histórico comemorativo do passado, mas uma realidade sobrenatural, viva e dinâmica, cujo centro vital é o Cristo glorioso e total cabeça e

¹⁸⁹COSTA, V. S. *Viver a ritual idade litúrgica como momento histórico da salvação*. pg. 36-37.

¹⁹⁰Cf. AUGÉ, M. *Espiritualidade litúrgica*. pg. 14.

¹⁹¹Cf. CODINA, V. *O vaticano II, um concílio em processo de recepção*. pg. 91.

membros. Depois de D. Beauvain aparecem muitas definições da liturgia nas quais pode-se perceber a influência do monge de Mont-César. Mas essas definições não conseguem superar uma visão jurídica, tanto da Igreja como do sacerdócio, e durante muito tempo considerou-se a liturgia como obra do sacerdócio hierárquico, culto oficial e público regulado pela hierarquia. E mais: alguns autores chegaram a identificar o elemento formal do culto cristão com esse ordenamento hierárquico e jurídico¹⁹².

Essas concepções de liturgia são difundidas e tornam-se o polo irradiador com publicações enviadas a todas as partes do mundo espalhando as sementes renovadoras, tornando-se uma forte corrente eclesial de doutrina e de espiritualidade, incentivando os estudos históricos e a publicação das fontes litúrgicas. Os estudos litúrgicos libertam da estreiteza arqueologizante e abrem-se para uma análise da natureza da liturgia em chave histórico-salvífica¹⁹³.

O movimento litúrgico não inventou coisas novas, pelo contrário, voltou às fontes históricas, arqueológicas e filológicas da liturgia. Em contato com estas fontes os elementos caducos, supérfluos e espúrios da liturgia desfazem-se, superando o apego as rubricas. O movimento desenvolveu uma espiritualidade comunitária, ressuscitando a força das celebrações e tempos litúrgicos, em oposição ao individualismo religioso reinante, cheio de devoções particulares. O movimento litúrgico quer dar um grande salto por cima do protestantismo individualista e do pietismo católico, também individualista¹⁹⁴.

O movimento litúrgico trazia uma série de reivindicações: vivência e participação subjetiva pessoal e comunitária, compreensão e acessibilidade do significado dos ritos, simplificação de ritos e superação do rubricismo, variedade e pluralidade da liturgia da palavra e orações eucarísticas, profundidade de penetração do mistério celebrado, dimensão pascal e salvífica da liturgia, nova concepção do mistério. A celebração da liturgia estava mais próxima das pessoas, numa atitude moderna¹⁹⁵.

Surgiram muitas tentativas de reformas litúrgicas não aprovadas por Roma, a mais famosa foi a do sínodo de Pistóia (1786). Essa reforma teve aspectos positivos, mas limitados e condicionados pelas

¹⁹²LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea encontra com a modernidade*. pg. 50-55.

¹⁹³Cf. *Ibid.* pg. 51.

¹⁹⁴Cf. *Ibid.* pg. 51.

¹⁹⁵Cf. LIBANIO, J. B. *Concílio vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. pg. 28.

idéias iluministas: A liturgia não era considerada como ação salvífica de Cristo, mas uma função educativa do povo, um meio para o progresso moral do indivíduo¹⁹⁶.

O impulso do movimento litúrgico é interrompido pela guerra de 1914, que retoma sua caminhada depois dela. O liturgista Odo Casel, torna o movimento conhecido. A figura de Romano Guardini, que incentiva a juventude alemã à participação ativa nas celebrações litúrgicas através de escritos de enorme beleza e transparência. O movimento alimentou-se da tradição beneditina. O jesuíta austríaco, J. Jungmann contribuiu com suas investigações históricas sobre o sentido dos ritos e fórmulas da missa. Paris, depois da segunda guerra, constitui-se um viveiro de novas experiências litúrgicas. O Centro de Pastoral Litúrgica e mais tarde o Instituto Superior de Liturgia de Paris irradiam cursos, ministrados por renomados professores, novo espírito. O movimento empenha-se na tradução dos textos litúrgicos que se tinham tomado cada vez menos inteligíveis à medida que os povos se afastavam da língua original. Iniciam-se as traduções dos missais para que o fiel possa seguir a celebração feita oficialmente toda em latim. A entrada de Pio XII no movimento se faz através da encíclica *Mediator Dei* (1943) em nítido contraste com o imobilismo e rubricismo da Congregação Romana dos Ritos, defensora da intangibilidade da liturgia. O papa proclama o valor espiritual e pastoral da liturgia. Incentiva o movimento litúrgico. No campo dos ritos, o movimento vê amadurecer seus frutos com as mudanças que o próprio papa Pio XII introduz. Já em 1947, cria dentro do Vaticano uma comissão encarregada para preparar uma reforma geral. Só este fato desbloqueia psicologicamente a rigidez reinante. Essas mudanças rompem a inércia de séculos. Está aberto o caminho para que o concílio Vaticano II faça uma renovação litúrgica em profundidade¹⁹⁷.

Em 1933 o movimento litúrgico foi implantado no Brasil com a vinda do beneditino Dom Martinho Michler. Através de cursos de liturgia em paróquias, dioceses e aulas em universidades desencadeou-se uma grande campanha para a restauração da vida litúrgica no Brasil. O beneditino Dom Martinho cativou a simpatia de todos, o sucesso foi imediato, não apresentava somente noções teóricas sobre a liturgia, mas ensinava uma vivência comunitária e prática do que se aprendia¹⁹⁸.

Assim testemunha Alceu Amoroso Lima:

Desde suas primeiras aulas na praça 15, foi uma revelação. Tudo que ele dizia era rigorosamente católico. Sua pregação era exatamente no sentido de um perfeito '*sentire cum ecclesia*'. Mas sua palavra abria novos caminhos. Seus esquemas coloridos no quadro negro nos arrancavam de um intelectualismo exagerado, para nos lançar no caminho da vida cristã, realmente vivida como corpo místico, pela oração, pela inteligência e pela ação. Foi uma aurora para muitos. Foi uma grande luz para todos. Com a restauração da vida litúrgica queria-se evitar todo aspecto pagão nas solenidades religiosas, eliminar da celebração todo tipo de música inconveniente, promover nos seminários o cultivo da música sacra, especialmente o canto gregoriano, promover o canto religioso popular coletivo, cuidar que nos templos se sigam as leis da arte e da higiene. Era o primeiro curso de liturgia dado no Brasil que trazia em si uma grande novidade: a liturgia é mais que rubricas, mais que mera explicação de objetos e gestos do culto, mais que mero alegorismo, mas é vitalidade, é vida, é a vida da santíssima trindade, vida do Cristo, vida da Igreja que é o corpo Místico de Cristo. Ou ainda, a grande novidade era a ciência da liturgia que se descobria¹⁹⁹.

¹⁹⁶Cf. SILVA, J. A. Avanços e retrocessos no movimento litúrgico no Brasil. *Revista de Cultura Teológica*, n. 31, pg. 114. 2000.

¹⁹⁷LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea encontra com a modernidade*. pg. 52.

¹⁹⁸Cf. SILVA, J. A. Avanços e retrocessos no movimento litúrgico no Brasil. *Revista de Cultura Teológica*. pg. 117.

¹⁹⁹SILVA, J. A. *O movimento litúrgico*. Estudo histórico. pg. 41.

Mas antes desta data já circulava pelo Brasil idéias, exortações e legislações eclesiásticas e colaborações para o desenvolvimento do movimento. O beneditino Dom Beda já em 1930 na Bahia traduziu e publicou o missal em português para o povo acompanhar a missa. Em São Paulo, Dom Polycarpo Amstalden publicou os textos da missa em folhetos para serem distribuídos nas paróquias. No Rio de Janeiro Dom Hildebrando Martins publicou os ordinários da missa e outros subsídios para o povo entender e participar do sacrifício eucarístico. O franciscano Frei Henrique Gollard Trindade, publicou o livro "Sigamos a missa com o mesmo objetivo". O abade beneditino Dom Tomaz Keller defende e salva a missa dialogada, ameaçada de proibição pelo concílio plenário brasileiro²⁰⁰.

Em 1938 em Pernambuco, Dom Mario faz um apelo no sentido de restaurar a liturgia em sua primeira carta pastoral²⁰¹ como bispo de Garanhuns.

Nesta carta, D. Mário, entre outras coisas, conclama a todos para o empenho de "restauração e difusão litúrgica". Explicação da missa, difusão do missal, levar todos a viverem profundamente a liturgia, como fonte de vida, "princípio vital" para todo apostolado. Em seguida, entusiasmado pela beleza da liturgia como o "princípio vital" propriamente dito da vida da Igreja, D. Mário tece uma longa lamentação sobre o que ele chama de "adulterações litúrgicas... desvitalizadoras do espírito cristão": "Quantas vezes, nossas Igrejas, nos grandes dias, dão-nos a trágica impressão de um clube de festas, pelo profano e ridículo da decoração, flores de papel, nem sempre artísticas, e fitas e laços e lanternas e todo um mundo de quinquilharias fúteis e inexpressíveis (...). Adulteração litúrgica nos célebres novenários e trezenários de paraninfos, com a teatralidade de cerimônias e encenações estapafúrdias, em que o respeito à casa de Deus é sacrificado e profanada mesmo a presença real do Deus sacramentado (...) Abuso nas procissões, desvirtuadas de suas tão piedosas finalidades e rebaixadas à categoria de passeatas puxadas a charola com santos!... Não dói na alma ver, assim, conspurcado o sublime culto das Imagens?! E, às vezes, ...nem bastam as imagens de nossos Santos..., recorre-se ao reprovável costume de fantasiar de Santos a meninos, meninas e moças! (...) coisa vazia que se inventou de chamar de cântico sacro que, de sacro, tem apenas o lugar onde é executado, berrante profanação que é. Melodias profanas, cadenciadas ao sabor de nossas velhas modinhas sentimentais. Letras mais profanas ainda, e, por vezes, até ímpias: - 'Deus é a flor desabrochando, Deus é o pássaro que voa, Deus é o eco da espessura, Deus é o ai que mal soa!!!...". Suprema inconsciência, diríamos, não fora alguma coisa mais grave, isto é, o sentido panteístico e pagão que há na sensabedoria destes versos. Nada mais belo que... nossos velhos hinos religiosos... e... o canto gregoriano. Todas essas adulterações da vida litúrgica..., de par com o laicismo da sociedade, produziram essa religiosidade vaga e imprecisa, de festa e foguetório e bandeirolas... E a vida cristã se foi desonrando. Substituiu-a uma piedade mole, piegas, estéril, que vai da devoção de

²⁰⁰Cf. SILVA, J. A. Avanços e retrocessos no movimento litúrgico no Brasil. *Revista de Cultura Teológica*, pg.117-118

²⁰¹ Esta carta teve ampla aceitação nos meios de Ação católica pelo Brasil afora. E esse é um exemplo de como os entusiastas pelo movimento, entusiasmados pela redescoberta do espírito da liturgia, às vezes se expressam em relação à religiosidade popular. E aqui podemos já detectar uma limitação do movimento. Na época não tinham condições ainda de perceber que a nossa raiz cultural é a do catolicismo popular. Não tinham condição de tentar uma integração entre a cultura religiosa popular e a liturgia, como estamos tentando hoje, dentro de um processo de inculturação. E o método de trabalhar as questões, na época, era o da apologetica. *Ibid.* pg. 122.

orações românticas, de papeluchos e amuletos, à grosseria das mais crassas superstições. Que vai do êxtase ante a imagem de Santa Terezinha, à gélida indiferença diante do tabernáculo. Que conhece, a fundo, a história dos milagres de Santo António, Santo Onofre, São Cosme e São Damião, e nunca leu os Evangelhos de Jesus Cristo e as candentes Epístolas de São Paulo. Católicos de sacramentais e não de sacramentos. Urge dar um combate sério a esse catolicismo tradicional, festivo e comodista²⁰².

O movimento litúrgico se expandiu por várias cidades do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Uberaba, Pouso Alegre), tendo como divulgadores a Ação Católica através de semanas, encontros, estudos. A diocese que mais acolheu o movimento litúrgico foi a de Belo Horizonte. Muito ajudou a propagação do movimento litúrgico foram as publicações, artigos de revistas e livros traduzidos, divulgavam os ideais do movimento litúrgico. Em 1943 a encíclica *Mediator Dei* de Pio XII é publicada nos mais diferentes órgãos de imprensa. Essa encíclica veio para colocar ordem, pois eram muitas as opiniões em torno dos ideais do movimento litúrgico. Muitos não aceitavam que a liturgia constitui o centro e a fonte primeira da teologia e de toda espiritualidade cristã²⁰³.

O movimento litúrgico tinha como meta levar os fiéis a compreender o sentido da missa, a partir dos seus textos eucológicos. A descobrir que a verdadeira fonte da vida espiritual autêntica é a própria liturgia, pois nela a comunidade estabelece um encontro vital com o Senhor. A partir desta descoberta da liturgia como fonte de piedade e espiritualidade, surgiram muitas vocações sacerdotais e religiosas dentro dos ambientes das elites universitárias, sobretudo monásticas, tanto masculinas como femininas. O movimento incentivou à participação na missa e no ofício divino²⁰⁴.

7. As bases do surgimento de uma ciência litúrgica.

A ciência litúrgica que é praticada em nossos dias teve um processo evolutivo, cujas bases lançam raízes no segundo milênio e se solidificam através do movimento litúrgico.

²⁰² 1ª Carta pastoral de Dom Mário de Miranda Vilas-Bôas, Bispo de Garanhuns. pg. 42-44; cit. em SILVA, J. A. *O movimento litúrgico no Brasil*, pg. 69.

²⁰³ Cf. SILVA, J. A. Avanços e retrocessos no movimento litúrgico no Brasil. *Revista de Cultura Teológica*. pg. 118

²⁰⁴ Cf. *Ibid.* pg. 119. Dentre estas vocações, por exemplo, temos o beneditino Dom Clemente Isnard, bispo emérito de Nova Friburgo (RJ), membro do consilium para aplicação das reformas da SC, e por muitos anos presidente da linha 4 da CNBB. *Ibid.* pg. 120.

Muitas pessoas e escolas diversas, durante muitos séculos contribuíram com esta evolução²⁰⁵. No século XVI, surgem preocupações com a vida litúrgica distanciada da vida do povo e muitos teólogos diante desta situação começam a estudar cientificamente para revitalizá-la e abrir seus tesouros a todo povo de Deus. Os teólogos falam da necessidade de um ensino litúrgico e bíblico para o clero e religiosos, até por volta de 1500, não existiam tratados sobre liturgia²⁰⁶.

As teses da reforma protestante entraram em divergência com as questões fundamentais e centrais da teologia (fé, graça, justificação e o papel mediador da Igreja). Em consequência desta situação a liturgia chega a ser objeto de controvérsias inter-confessionais. Nesta circunstância surge um estudo científico da liturgia. Com a descoberta da imprensa importantes fontes do culto cristão se tornam acessíveis sendo verdadeiros instrumentos de defesa doutrinal na polêmica com os protestantes²⁰⁷.

Num segundo período da ciência litúrgica, destacam-se os trabalhos de vários religiosos da congregação beneditina francesa de São Mauro, que reúnem manuscritos litúrgicos antigos e os editam acompanhados de investigações eruditas e interessantes²⁰⁸.

O monge beneditino do mosteiro de Maria Laach, na Alemanha, Dom Odo Casel com sua compreensão da liturgia como "mistério do culto de Cristo e da Igreja" revolucionou a ciência litúrgica, dando-lhe novo enfoque. Suas pesquisas levaram a uma compreensão teológica da sagrada liturgia²⁰⁹. Assim, define Ione Buyst, o que é ciência litúrgica:

A ciência litúrgica é um estudo planejado, ordenado e crítico da liturgia: dos vários tipos de celebrações (sacramentos e sacramentais, liturgia da palavra, liturgia das horas, ano litúrgico), das suas formas celebrativas, de seus elementos constitutivos, de sua estrutura, dinâmica e lógica interna, de seus atores, dos textos e dos objetos usados, do tempo e do local em que é celebrada... Trata-se ainda de apreender o sentido da liturgia como um todo e de cada uma de suas partes (o que é celebrado, por que,

²⁰⁵ “A ciência litúrgica não pode prescindir de elemento intuitivo, experiencial, espiritual, místico; por isso, o liturgista deverá ser ao mesmo tempo um liturgo que vive a celebração e procura captar a vivência experiencial da comunidade celebrante”. BUYST, I. *Como estudar liturgia*. pg. 38-42.

²⁰⁶ Cf. BECKHÄUSER, A. *Os fundamentos da sagrada liturgia*. pg. 17-18.

²⁰⁷ Cf. BOROBIO, D. (org.) *A celebração na igreja I: liturgia e sacramentologia fundamental*. pg. 123.

²⁰⁸ Cf. *Ibid.*, pg. 124.

²⁰⁹ Cf. BECKHÄUSER, A. *Os fundamentos da sagrada liturgia*. pg. 19.

para que...?) e chegar a conjunto sistematizado e lógico de categorias, leis e teorias. Haverá um momento de observação e de registro do que se tem observado, como que desmontando a liturgia em suas várias facetas (momento de análise); e haverá um momento de construir uma teoria (síntese). A ciência litúrgica é ao mesmo tempo a aquisição de um saber, o aperfeiçoamento de uma metodologia para se obter este saber e a elaboração de uma norma. Nenhuma teoria é capaz de esgotar todo o sentido da liturgia. Nenhuma metodologia ou norma é definitiva. Por isso, a ciência litúrgica é tarefa jamais acabada. Cada liturgista ou escola de ciência litúrgica trará a sua contribuição, enquanto procura um conhecimento mais completo, que responda à realidade vivida e percebida em cada época, ou enquanto procura uma abordagem a partir de novos ângulos e novas problemáticas²¹⁰.

Surtem as escolas de liturgia para a preparação de especialistas para formação de professores e promotores da pastoral litúrgica. Em Paris (1943) é fundado o Centro de Pastoral Litúrgica (teológico, bíblico, e pastoral), em 1947 surge o Instituto Litúrgico de Tréveris, na Alemanha. Em 1960, em Paris surge o Instituto Superior de Liturgia Sua abordagem é o estudo das fontes. A partir desses Centros de estudos na França surge o primeiro manual de Liturgia (Igreja em Oração) sob a coordenação de A. G. Martimort. Em 1961, é fundado o Pontifício Instituto Litúrgico de Santo Anselmo em Roma (teologia e espiritualidade), que já tem clara toda a dimensão da ciência litúrgica.

Conclusão

Neste capítulo, vimos como a decadência da liturgia e os trágicos abusos litúrgicos significaram uma decadência do clero e da estrutura visível da Igreja e, conseqüentemente, da formação presbiteral. Se o conceito de liturgia enquanto norma de vida, como aparece no primeiro milênio, for encarado aqui, é até normal supor que os abusos litúrgicos correspondem a um retrato do clero.

Os esforços de Gregório VII e Inocêncio III para reformar a liturgia e o clero são notáveis, mas insuficientes.

O Concílio de Trento, acossado pela reforma protestante, é obrigado a tomar posição em defesa da fé e dos sacramentos e, necessariamente, tem que se confrontar com a disciplina

²¹⁰BUYST, I. *Como estudar liturgia*. pg. 33.

eclesiástica. Seu esforço notável não pode ser desmerecido. No entanto, o remédio foi de dose colossal, que paralisou o moribundo. Engessou a liturgia num cerimonial imutável e não percebeu que, por outro lado, o barroco com seu excesso de movimentos e aparências, golpeou a imutabilidade sem, contudo, evocar a natureza dinâmica da liturgia. Reforçou a área devocional.

Então, a formação litúrgica simplesmente significava a apropriação das rubricas e sua execução fiel. O bom liturgista era um conhecedor profundo de rubricas. A teologia litúrgica perdeu totalmente seu espaço, inflacionando e o aspecto exterior do cerimonial litúrgico sem estar necessariamente ligado ao interior. Neste contexto, a formação litúrgica presbiteral se fazia com uma régua para delimitar o espaço entre os cotovelos no *oremus* das eucologia litúrgica, e a distração de contar os erros cerimoniais (e não propriamente litúrgicos) passou a ser um ponto de interesse da participação dos futuros presbíteros na sagrada liturgia da missa.

Foi na fonte do iluminismo que uma reação de peso foi se forjando através do movimento litúrgico. Praticamente foi o movimento litúrgico que deu à luz a ciência litúrgica e constituiu a aurora do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Agora, só resta em nossa tese olharmos para o Concílio Vaticano II como ponto de partida para uma nova maneira de se conceber e se estudar a liturgia, o que deve ter um lugar muito especial nos seminários e casas de formação presbiteral. É o assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO III

A FORMAÇÃO LITÚRGICA DOS FUTUROS PADRES A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II.

Introdução.

Como vimos no capítulo anterior, do outono ao inverno, a liturgia da Igreja chegou aos albores do século XX, necessitando de uma profunda reforma. O esforço notório do Concílio de Trento (1545-1563) para defender a integridade da fé católica e dos sacramentos foi alvo de interpretações que delinearão uma maneira de celebrar mais individualista que comunitária inteiramente passiva no que se refere à participação exterior, toda delegada do clero, com pouca referência à Pascoa como centro da vida, carregada demais no culto aos santos e distante do catolicismo popular²¹¹.

Neste contexto, o povo assistia sem desempenhar papel algum no culto da Igreja²¹², tudo por conta do clero. Era uma liturgia toda regulada por rubricas, como um valor adquirido, e o bom liturgista era antes de tudo um “*expert*” em rubricas.

Não significa que em determinadas celebrações o povo não possa ter tido acesso a uma participação interior fortemente mística. No entanto, isso dependia mais de posturas pessoais e devocionais do que dos sinais sensíveis próprios da natureza sacramental da liturgia, que exige a participação ativa do fiel em sua dinâmica ritual. Portanto, o que chamamos de inverno refere-se àquela relação gélida que a assembléia era relegada a manter diante da liturgia oficial da Igreja, sendo impulsionada a buscar o calor da fé nas devoções extra-litúrgicas, como às vezes fazia com a oração do rosário dentro da própria missa.

²¹¹Cf. CODINA, V. *O vaticano II, um concílio em processo de recepção*. pg. 97

²¹²Cf. DANEELS, G. *A liturgia quarenta anos após o concílio vaticano II*. 2003. Apostila.

Neste terceiro capítulo, veremos como a reforma do Concílio Ecumênico Vaticano II se inspirou na prática da Igreja primitiva, fazendo despontar um novo modo de se ensinar a liturgia, cuja repercussão deve estar em primeiro lugar na formação dos futuros presbíteros.

Em uma alocução de 11 de setembro de 1962, um mês antes da inauguração do Concílio Ecumênico Vaticano II, João XXIII falou das três intenções principais do Concílio: a abertura ao mundo moderno, a unidade dos cristãos e a Igreja dos pobres. Será, entretanto, o discurso inaugural do Vaticano II, em 11 de outubro de 1962, que marcará as linhas de fundo do Concílio. Começa dizendo claramente que a convocação do Concílio deveu-se a uma inspiração do alto, inspiração que logo despertou grande fervor em todo o mundo. Em seguida, afirma que não se sente como os profetas de calamidades que sempre vêm o negativo e apocalíptico da história. Ele confessa ter uma visão positiva e providencialista da história, sabendo que Deus conduz o mundo a seus desígnios amorosos. Distingue também entre o que é o depósito da fé e suas diversas expressões históricas. Ante aos que esperam do Concílio condenações severas de doutrinas errôneas, João XXIII prefere usar antes a disciplina da misericórdia ao que a da severidade, mesmo sabendo que em nossos dias existem doutrinas falazes e opiniões perigosas. Diante do erro, é melhor para a Igreja alçar a tocha da verdade e, como Pedro diante do coxo de nascimento, dar o que tem e pode, como mãe amável de todos, paciente e benigna, cheia de misericórdia e de bondade. A teologia anterior era profundamente dualista (corpo e alma, terra e céu, mundo e Igreja, profano e sagrado, natureza e graça...). O Vaticano II, sobretudo na *Grundum et Spes* (Constituição sobre a Igreja no mundo contemporâneo, GS) deixa esta postura para afirmar que Deus e o mundo não são dois rivais, mas, ao contrário, o mundo é obra de Deus, Deus é o mistério último do mundo, o mundo é sacramento de Deus, o mundano é constitutivo da Igreja e do cristão e, portanto, existe somente uma história única de salvação. O Vaticano II inicia um novo método teológico, indutivo. É a chamada doutrina dos sinais dos tempos, que descobre Deus nos acontecimentos, sabendo que o Espírito do Senhor dirige a história e derrama sementes do Verbo em todas as culturas. Por isto, o Vaticano II inicia uma teologia pastoral, que não é simples aplicação do dogma à prática; ao contrário, vê o âmbito pastoral como constitutivo da própria teologia, como ponto de partida e ponto de chegada. O Vaticano II será um Concílio pastoral. Para concretizar o que foi dito, podemos ver como o Vaticano II tem uma valorização positiva de toda a criação, da pessoa humana, do trabalho, da cultura, afirmando que os bens da terra estão destinados a todo o mundo. Dentro desta valorização da pessoa, destaca-se o respeito à liberdade religiosa. Por isto mesmo, o Concílio condena tudo aquilo que destrói a dignidade da criação, o pecado que escraviza a pessoa humana, o ateísmo, a discriminação racial, sexual ou cultural, o egoísmo que degrada o trabalho humano e a cultura, as desigualdades económicas, o totalitarismo e a ditadura a tortura e a guerra. E tudo isto se fundamenta em Cristo, o homem novo. Por tudo isso, a missão da Igreja não é simplesmente religiosa e espiritualista, mas integral e pode dizer sua palavra evangélica à sociedade sempre que o bem das pessoas o exija. Voltou-se a eclesiologia do primeiro milênio, uma eclesiologia de comunhão²¹³.

A nossa tese é que uma das explicações do porquê a reforma litúrgica do Vaticano II se encontra em certa crise é que o lugar na formação dos presbíteros não foi encontrado adequadamente nos seminários e casas de formação presbiteral, como também nos institutos de

²¹³CODINA, V. *O vaticano II, um concílio em processo de recepção*. pg. 92-94.

Teologia, apesar dos mais de 40 anos pós-conciliares e da postura magisterial claramente favorável à formação litúrgica apurada do clero.

Para desenvolver esta argumentação, dividiremos este capítulo em dois núcleos. O primeiro trata do resgate do ensino da liturgia nos Seminários a partir da *Sacrosanctum Concilium* e da Instrução sobre a Formação litúrgica nos Seminários (1979), e o segundo, da necessidade da formação litúrgica dos futuros padres.

1. O resgate do ensino da liturgia nos seminários a partir da *Sacrosanctum Concilium* e da Instrução sobre a formação litúrgica nos seminários (1979).

Estudaremos aqui apenas estes dois documentos do magistério, porque, além de delimitarem o nosso estudo, são altamente significativos para a formação litúrgico-sacramental dos futuros presbíteros.

1.1. A “*Sacrosanctum Concilium*”.

A constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia foi o primeiro documento promulgado pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, com o objetivo estabelecer os princípios para desencadear uma profunda reforma litúrgica na Igreja, necessidade que se arrastava por séculos. Foi constatado que 20% das propostas do episcopado em preparação ao Concílio diziam respeito à renovação da liturgia, valorização do seu caráter didático e formativo e a simplificação dos ritos. A intervenção maciça dos bispos revelava que as expectativas da Igreja se identificavam com as dos estudiosos e dos promotores do movimento litúrgico²¹⁴.

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* foi aprovada no dia 4 de Dezembro de 1963, no termo da segunda sessão do Concílio Vaticano II, presidida pelo Papa Paulo VI com uma votação praticamente unânime dos Padres conciliares (2.147 votos a favor e 4 contrários). Assim,

²¹⁴Cf. PASQUALETTI, G. Reforma litúrgica. in SARTORE, D; TRIACCA, A. M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. pg. 986.

aconteceu o que até então nunca tinha ocorrido na história da Igreja: nenhum Concílio jamais dedicara à Liturgia um documento à parte. Com efeito, era a primeira vez que uma assembléia ecumênica abordava a Liturgia na sua globalidade, tanto nos seus princípios bíblico-teológicos, como nos seus aspectos celebrativos e pastorais concretos²¹⁵.

No documento, que tem como objetivo geral fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis, se propôs, para conquistar isso, antes de mais nada, a acomodar melhor às necessidades de nossa época as instituições que são suscetíveis de mudanças. A reforma da liturgia não tinha outra intenção senão favorecer a vida cristã, de tal forma que o povo pudesse mergulhar mais fundo no mar abundante da graça sacramental²¹⁶, em outros termos, no culto público que o nosso Redentor, cabeça da Igreja, presta ao Pai celeste, e que a comunidade dos fiéis presta ao seu Fundador e através dele ao Pai..

A Constituição aborda a formação dos futuros padres de uma maneira muito clara, a ponto de no plenário ter-se tomado a decisão favorável à formação especializada dos professores de liturgia²¹⁷:

Os professores escolhidos para lecionar a disciplina da Sagrada Liturgia nos seminários, nas casas religiosas de estudos e nas faculdades teológicas, devem, para seu cargo, ser cuidadosamente formados em estabelecimentos a isso especialmente destinados. Nos seminários e casas religiosas de estudos, a disciplina da Sagrada Liturgia esteja entre as matérias necessárias e mais importantes, nas faculdades teológicas, porém, entre as principais. E seja tratada tanto sob o aspecto teológico e histórico, quanto espiritual, pastoral e jurídico. Empenhem-se, além disso, os professores das demais disciplinas, especialmente de Teologia Dogmática, Sagrada Escritura, Teologia Espiritual e Pastoral, que, pelas exigências intrínsecas do objeto próprio de cada uma, ensinem o Mistério de Cristo e a história da salvação, de tal modo que transpareçam claramente a sua conexão com a Liturgia e a unidade da formação sacerdotal. Nos seminários e casas religiosas, os clérigos adquiram formação litúrgica da vida espiritual, com competente orientação para que possam entender as cerimônias sacras e nelas participar de todo o coração, tanto pela própria celebração dos mistérios sagrados, quanto pelo outros exercícios de piedade, imbuídos do espírito da Sagrada Liturgia; do mesmo modo aprendam a observância das leis litúrgicas, assim que a vida nos seminários e institutos religiosos seja profundamente impregnada do espírito litúrgico²¹⁸.

A proposta da Constituição baseia-se na catequese fundamental. Dela se deduz o lugar da liturgia na vida da Igreja: o primeiro posto, isto é, o ponto alto para o qual tende a atividade

²¹⁵MARINI, PG. *Renovação litúrgica documentos de aprovação*. pg. 14.

²¹⁶Cf. MONTORO, C. *Liturgia, 40 anos de renovação*. pg. 50.

²¹⁷Cf. BOROBIÓ, D. (org.) *A celebração na igreja I: liturgia e sacramentologia fundamenta*. pg. 142-143.

²¹⁸SC 15-17.

da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde emana toda a sua força. A formação litúrgica, além de ciência é experiência. Por isso os seminaristas devem receber uma competente orientação para entender as cerimônias sagradas e nelas participar, tanto da celebração dos mistérios sagrados e dos exercícios de piedade.

Mediante a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, a Igreja tomou uma decisão pastoral: resgatar o essencial que se havia perdido e recolocá-lo no seu eixo vital. Resgata-se a centralidade do mistério pascal, a vivência e compreensão da Liturgia como celebração do mistério pascal, como momento histórico da salvação. Supera-se a visão exterior e utilitarista da Liturgia e resgata-se a teologia da Liturgia e a espiritualidade litúrgica. Ressalta-se a linguagem simbólico-sacramental de toda a Liturgia, pela qual o mistério de Deus comunica a seu povo a salvação pascal, e o povo, por sua vez, entra em comunhão com o mistério, acolhendo a salvação e se comprometendo com ela. Assim, se resgata a compreensão dos sacramentos como celebração do mistério pascal.

O papa Paulo VI, no dia 1 de Março de 1965, nas vésperas da primeira realização da reforma litúrgica recomendava :

Prestai a máxima atenção... ao conhecimento, à explicação, à aplicação das... normas, com que a Igreja quer... celebrar o culto divino. Não é uma coisa fácil! É algo delicado, pois exige o interesse direto e metódico; requer a vossa assistência pessoal, paciente, amorosa, verdadeiramente pastoral. Trata-se de mudar muitos hábitos, trata-se de incrementar uma escola mais ativa de oração e de culto, em cada assembleia de fiéis... trata-se, em síntese, de associar o povo de Deus à ação litúrgica pastoral. Repetimos: é uma coisa difícil e delicada, mas acrescentamos: é algo necessário, imperioso, providencial e renovador. E também formulamos votos a fim de que seja algo consolador... serão necessários muitos anos... mas é preciso começar, recomeçar e perseverar para conseguir dar à assembleia a sua voz grave, unânime, dócil e sublime. Trata-se de uma "exortação" sempre atual para a pastoral litúrgica, que deve ser assumida com um compromisso renovado, como o do antigo povo de Deus no deserto do êxodo em que, com os sinais da benevolência e da obra de Deus, não faltaram momentos nostálgicos, contradições e resistências. Todavia, o povo de Deus está sempre a caminho, e todos nós devemos marchar com exultação, porque estamos persuadidos de que o Espírito Santo nos envolve como uma nuvem e nos orienta como uma coluna de fogo. Sim, a Liturgia do concílio Vaticano II seja para nós a coluna de fogo do Espírito que renova continuamente o coração da Igreja no seu êxodo rumo ao reino e que cumula de uma beleza sempre nova de júbilo e esperança²¹⁹.

²¹⁹MARINI, PG. *Renovação litúrgica documentos de aprovação*. pg. 7-8.

1.2. A Instrução sobre a Formação Litúrgica nos Seminários de 1979.

A Congregação para a Educação Católica publicou, em 1979, a Instrução sobre o Ensino da Liturgia nos Seminários. Com o reforço deste documento, o ensino da liturgia deveria assumir os primeiros lugares entre as disciplinas lecionadas aos seminaristas. A Instrução propõe a liturgia como eixo de toda espiritualidade e a formação dos futuros padres.

Esta instrução tem como objetivo apresentar diretrizes e normas que façam a vida litúrgica e o estudo da sagrada liturgia nos institutos de formação sacerdotal corresponderem melhor às necessidades atuais. Não faltaram no passado orientações oficiais sobre a formação litúrgica nos seminários, mas este documento de 1979 é certamente o documento mais completo e de maior fôlego que a Igreja até agora elaborou sobre a matéria. São dois os motivos apontados pela nova instrução, que exigem na Igreja de hoje “maior empenho na formação litúrgica dada nos seminários”: a realização da reforma litúrgica requer que os futuros sacerdotes saibam “compreender a índole e a força da liturgia renovada para inseri-la na própria vida e para transmiti-la convenientemente aos fiéis”; “os novos problemas pedagógicos decorrentes da crescente secularização da sociedade”, que “ofuscam nas mentes a genuína natureza da liturgia, tornando o homem menos capaz de vivê-la com intensa participação²²⁰”.

A Instrução, na sua introdução, chama atenção sobre a importância da liturgia na formação dos padres, ressaltando a vida litúrgica no seminário e o ensino da liturgia. Contém um apêndice com índice de temas a serem tratados no ensino da liturgia nos seminários²²¹.

A Instrução expõe as dimensões que a liturgia deve ter na vida do seminário, recomendando não isolar o seminarista numa estufa de cultura artificial. Conforme o documento, as celebrações litúrgicas no seminário deveriam ser “exemplares”, não tanto e não só do ponto de vista ritual e cerimonial, mas especialmente como escola que prepara para a seleção, para a expressividade, para a pastoralidade. O ensino deve partir dos textos históricos e legislativos e ser fundamentado nos textos, nos ritos e sinais. A Sagrada Congregação para a Educação Católica há vários anos promove uma constante obra de renovação no campo da formação dos futuros sacerdotes, de acordo com prescrições do Concílio Vaticano II. A presente Instrução se junta aos documentos e subsídios pedagógicos publicados até agora com este objetivo, e propõe-se apresentar indicações; e normas para tornar a vida litúrgica e o estudo da Sagrada Liturgia nos institutos de formação sacerdotal mais de acordo com as atuais necessidades. A importância, de fato, que a Liturgia tem na vida da Igreja, requer que os candidatos ao sacerdócio adquiram, por meio de uma constante e acurada prática e um assíduo estudo da mesma, uma adequada preparação para o exercício do ministério pastoral neste setor²²².

²²⁰Cf. SARTORE, D. Formação litúrgica dos futuros presbíteros. in SARTORE, D; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. pg. 496.

²²¹Cf. MARTÍN, J. L. *No espírito e na verdade: introdução antropológica à liturgia*. pg. 320.

²²²*O ensino da liturgia* (editorial). *Revista liturgia e vida*, São Paulo, v. 27, n. 156, pg. 1-2, 1980.

A proposta é intensificar a formação litúrgica nos seminários, para que os futuros padres possam “compreender a índole e virtualidade da liturgia renovada, inseri-la em sua vida espiritual e em sua ação e comunicá-la aos fiéis” (n. 3) e “os problemas e desafios vindos da secularização da sociedade que atrapalham a comunidade de participar e viver a liturgia” (n. 4)²²³.

A formação litúrgica dos futuros padres e das pessoas responsáveis pela pastoral litúrgica compreende três aspectos bem concretos: a) A iniciação pessoal na vida litúrgica, comum a todos os fiéis, de forma que a vida espiritual se nutra verdadeiramente na "fonte e cume" da vida cristã (SC 10). b) O estudo da liturgia do ponto de vista acadêmico, para chegar a um conhecimento amplo e o mais completo possível dos aspectos histórico, teológico, espiritual, pastoral e jurídico da liturgia. Este aspecto entra no plano de estudos e afeta o ensino da liturgia. c) A iniciação prática na pastoral litúrgica compreende não só conhecimentos teóricos, mas também exercícios concretos de preparação, de adaptação e de intervenção nas celebrações. Estes três aspectos aparecem a todo o momento na Instrução²²⁴.

A importância que o documento dá para a liturgia na formação sacerdotal reafirma a necessidade de uma formação mistagógica, isto é, que leve ao coração do mistério, através de uma pedagogia que se alcança por meio da vida litúrgica dos alunos em suas celebrações comunitárias. Trata-se de uma verdadeira iniciação vital e progressiva nos mistérios que se celebram e que depois são objeto de estudo na teologia (OT 16). Portanto, mistagogia consistente na experiência explicada e preparada, nutrida nas celebrações e em recíproca conexão e como base do estudo da liturgia, tudo isto numa visão profunda e espiritualmente rica²²⁵.

O documento dá prioridade ao tratamento da vida litúrgica no seminário, elemento básico e fundamental da formação da comunidade seminarística no campo da liturgia. A liturgia, além de ser uma parte essencial do ministério presbiteral para o qual se preparam os alunos do seminário, constitui também o eixo de sua vida espiritual como cristãos e como futuros ministros. Em particular a eucaristia é o centro e a fonte em que se nutre uma vida que vai tornando mais viva e mais intensa a graça recebida no batismo e na confirmação. A formação litúrgica, em chave mistagógica, prepara o futuro presbítero para a configuração a Cristo Sacerdote, mediante a íntima comunhão de vida com ele e para o sacramento da ordem que receberá no final da etapa seminarística. Toda a vida litúrgica do seminário está polarizada por esta finalidade mistagógica da formação sacerdotal, conjugando o nível dos alunos do seminário como crentes e seu nível como futuros presbíteros. São dois aspectos complementares e que se traduzem na prática tanto na vida litúrgica como no ensino da liturgia. Daí o equilíbrio e a simbiose que deve haver entre a formação e a informação, entre a iniciação à vida litúrgica e a docência; para que a liturgia ensinada não se reduza a mera erudição ou a noções puramente conceituais sem

²²³Cf. MARTÍN, J. L. *No espírito e na verdade: introdução antropológica à liturgia*. pg. 319.

²²⁴*Ibid.* pg. 320.

²²⁵Cf. *Ibid.* pg. 320.

conexão com a fé e com a vida. A meta é a formação integral (GS 2) de pessoas que agora como participantes na liturgia e mais tarde como ministros da mesma devem adquirir um espírito litúrgico que impregne toda a sua vida leiga, religiosa ou ministerial²²⁶.

A Instrução afirma que formação litúrgica deve começar no primeiro ano de formação e mediante um aprofundamento nas bases bíblico-teológicas da vida litúrgica, destacam-se a história da salvação, o mistério pascal, a natureza da Igreja, a presença de Cristo na liturgia e as atitudes de fé e de adoração que se manifestam nas celebrações (n. 9). A celebração do mistério pascal de Jesus Cristo é o lugar privilegiado desta iniciação (n. 10) e é o espaço onde se reflete a vida da comunidade seminarística, aberta à Igreja local (n. 12-15)²²⁷.

A celebração litúrgica no seminário "deve ser um modelo pelos ritos, pelo tom espiritual e pastoral e pela fidelidade devida tanto às prescrições e aos textos dos livros litúrgicos quanto às normas emanadas da Santa Sé e das Conferências Episcopais" (n. 16). Na celebração deve-se favorecer "uma sã variedade no modo de celebrar as ações litúrgicas e de nelas participar" "escolhendo-se devidamente entre as várias oportunidades oferecidas pelos textos, ou também escolhendo, compondo ou pronunciando novos textos adaptados às diversas circunstâncias (intenções da oração dos fiéis, admoestações)" (n. 17), sem esquecer o conhecimento e a utilização da língua latina e do canto gregoriano (n. 19). Esta formação litúrgica deve ter em vista que os alunos se preparem para o futuro ofício de pastores e de presidentes da assembleia litúrgica com a aprendizagem de tudo aquilo que se relaciona com a digna celebração da liturgia, especialmente da santa missa", não só com as oportunas práticas pastorais, sobretudo no final do curso de teologia, mas também com uma experiência litúrgica bem dirigida e com um exercício gradual dos ministérios (n. 20-21). A Instrução passa a oferecer depois uma série de orientações para cada um dos atos litúrgicos do seminário, que constitui uma boa base para conseguir que a vida litúrgica dos futuros presbíteros realize efetivamente os ideais da espiritualidade baseada na liturgia e da preparação pastoral. São estas as celebrações contempladas na instrução: a) o ano litúrgico (n. 32-34). b) o sacramento da penitência (n. 35-36). c) as ordenações e a instituição de ministérios (n. 37-42). Nesta perspectiva integradora dos aspectos vivenciais e básicos para a vida espiritual das celebrações litúrgicas é que se deve situar o próprio ensino da liturgia. Da mesma maneira se há de apoiar na experiência viva das celebrações a iniciação pastoral prática no ministério litúrgico (n. 59). A Instrução conclui afirmando que é na liturgia que os presbíteros e os seminaristas "reconhecerão terem obtido este benefício, porque adquiriram uma consciência mais viva do sacerdócio e das suas exigências e são convidados a imitar o que realizam" (n. 62)²²⁸.

2. O ensino da liturgia dos futuros padres no contexto atual.

Aproveitando os documentos estudados acima, veremos a urgência e a incidência de se promover uma formação litúrgica dos futuros padres em nosso tempo. Este contexto é o pós-vaticano II, tomado de evoluções que diferenciaram os nossos tempos pós-modernos.

²²⁶*Ibid.* 321.

²²⁷Cf. *Ibid.* 321-322.

²²⁸*Ibid.* pg. 323.

Para melhor aprofundarmos este núcleo, apresentaremos alguns elementos sobre o ensino da liturgia hoje sobre o perfil do candidato ao presbiterato de nossos tempos, a importância do ensino da liturgia nos seminários e casas de formação, a importância da comunidade formadora e, por fim, algumas sugestões para o ensino da liturgia nos seminários e casas de formação.

2.1. O ensino da liturgia ao candidato ao presbiterato hoje.

O ensino da liturgia no contexto atual passa por tempos de transição. Antes do Concílio Vaticano II, o ensino da liturgia nos seminários se enquadrava na função redutiva de preparar o ministro para o sistema eclesiástico. A liturgia ensinada dentro do seminário, em latim, garantia uma uniformidade e imutabilidade.

As inovações introduzidas pelo concílio Vaticano II afetaram o lugar de ensino. Muitos cursos deixaram os seminários, inserindo-se na estrutura de Universidades, em geral, católicas. Os destinatários já não eram exclusivamente os clérigos. A teologia, com esse processo migratório viu-se confrontada com uma problemática mais ampla. Mas mesmo assim, os ambientes que os professores e alunos de teologia freqüentavam ainda se prendiam ao mundo eclesiástico ou, pelo menos, católico. Esta inserção do aluno de teologia em ambiente cultural mais rico e plural, ajuda-o no confronto com a diversidade ideológica e religiosa²²⁹.

Antigamente era o jovem tradicional, candidato ao sacerdócio. Vinha para o seminário para ser padre. Estudava ou sofria a teologia conforme sua capacidade, como exigência incontornável para a ordenação. Depois apareceu o jovem crítico. Vinha de compromissos pastorais e sociais. Carregava, em muitos casos, a carga moderna da subjetividade. Exigia uma teologia que lhe respondesse à existência. Criou muitos problemas no seminário e nos institutos teológicos com seus questionamentos..[...] Sem a mesma valência intelectual, outros encaram a teologia na perspectiva social. Envolvidos na problemática social, esperam da teologia luz para sua atuação pastoral. Sintonizam com a teologia da libertação. Na mesma perspectiva pessoal, há aqueles em que a problemática gira mais em torno do sentido da vida, de cunho vivencial. E a teologia é esperada como uma resposta a suas angústias e interrogações existenciais. Cresce também entre os seminaristas,

²²⁹LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia perfil, enfoques, tarefas*. pg. 47.

estudantes de teologia, aquele grupo de feição espiritualista...[...] Requer-se uma teologia que responda simultaneamente a duas exigências diferentes e se defronte com gama bem plural de aluno. No entanto, duas características parecem cobrir a grande maioria de desejos, a saber, ser espiritual e pastoral, respondendo aos interrogativos do mundo sociocultural atual²³⁰.

Depois de mais de 40 anos do Vaticano II, seria exagerado afirmar que pouco tenha sido colocado em prática, graças também ao fato consolador de se ter aumentado o número dos professores de liturgia formados segundo as prescrições da *Sacrosanctum Concilium*. Entretanto, em muitos ambientes eclesiais não têm faltado atrasos, inadimplências, incertezas²³¹. E não devemos nos esquecer que em relação à liturgia, sempre houve falta de preparo específico dos professores e o número reduzido de aulas. Enquanto para as disciplinas filosóficas, as demais disciplinas teológicas e jurídicas, sagrada escritura, teologia dogmática, moral e história eclesiástica havia um ou mais professores especializados; o professor de Liturgia só recebera, durante um semestre, cerca de quinze aulas, ministrado como matéria secundária²³².

A liturgia como disciplina teológica e resultado do avanço da ciência litúrgica entrou muito tarde no quadro das disciplinas que integram os programas das Faculdades de teologia e seminários. A causa foi a visão que identificava a liturgia como conjunto das normas jurídicas que regulam a celebração do culto cristão e como “a parte sensível, decorativa e cerimonial” do citado culto. A liturgia se apresentava privada de conteúdo, reduzida a simples acessório externo. Nem sequer era levada em consideração a celebração como ato sacramental. Os gestos e as palavras não pareciam ter outra finalidade a não ser servir de suporte a uma coreografia na qual a única coisa importante era a execução material de um ritual que assegurava a validade das ações sacramentais²³³.

A teologia dogmática se servia às vezes da liturgia como *locus theologicus* para a prova da fé, em virtude do famoso adágio *lex orandi-lex credendi*. Situada no plano meramente jurídico-

²³⁰*Ibid.* 49-50.

²³¹I SARTORE, D. Formação litúrgica dos futuros presbíteros. in SARTORE, D; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. pg. 495.

²³²Cf. BARAÚNA, G. A sagrada liturgia, renovada pelo concílio. pg. 683-684.

²³³Cf. MARTÍN, J. L. *No espírito e na verdade*: introdução antropológica à liturgia. pg. 330.

prático, a liturgia pouco podia fazer para chamar a atenção da teologia. A disciplina teológica mais próxima à liturgia era a Ascética e Mística²³⁴.

Pois bem, quando tudo parecia resolvido e o caminho livre para o reconhecimento da maioria da liturgia como disciplina teológica, veio o desencanto na aplicação da reforma litúrgica, junto com o problema de determinar os conteúdos e a metodologia da liturgia dentro dos planos de estudos teológicos. Não era suficiente incluir esta disciplina no plano de estudos. A liturgia tinha que ser ensinada numa linha primariamente teológica, coerente com a visão que lhe tinha dado o Vaticano II. Ainda pesava muito a mentalidade validista e rubricista herdada do passado e começavam a pesar também certos fenômenos socioculturais que se manifestaram fortemente nos primeiros anos da reforma litúrgica e indiretamente condicionaram e motivaram a orientação e os conteúdos das publicações no campo litúrgico. Estes fenômenos, cujos vestígios ainda se fazem notar, são a secularização, a linha sociopolítica e de compromisso, o predomínio da sociologia cultural e da psicologia social, as pequenas comunidades, a comunicação de massas e a linguagem audiovisual, a crise da linguagem religiosa, o auge da religiosidade popular, a recuperação do lúdico e festivo e, dentro do âmbito mais estritamente eclesial, a crise em torno da problemática da evangelização e dos sacramentos e dos modelos de pastoral e de Igreja. No próprio terreno do ensino da liturgia sentiu-se a necessidade de esclarecer as conexões com a teologia dos sacramentos, especialmente naqueles temas que a chamada liturgia fundamental tem em comum com os sacramentos em geral. O problema foi estudado na II Assembleia da Associação Espanhola de Professores de Liturgia, celebrada em Madri em 1978. Percebeu-se ali que não era fácil fazer um programa único para unir ambas as disciplinas numa só, apesar do grande número de coincidências. Não obstante valia a pena tentá-lo e de fato a obra *La celebración en la Iglesia* (volume 3), promovida pela citada Associação²³⁵, é uma prova da possibilidade de tratamento conjunto da liturgia e da teologia dos sacramentos²³⁵.

Para celebrar e estudar liturgia hoje é indispensável situá-la no contexto atual²³⁶ (social, político, econômico, cultural, eclesial) da comunidade que celebra. O ensino da liturgia não pode ser dissociado da experiência fé (mística, espiritualidade), da doutrina da teologia (cristologia, eclesiologia, pneumatologia, escatologia, ética). A liturgia leva ao encontro com Deus nas lidas e lutas da vida, onde a liturgia deve nos questionar²³⁷.

Hoje o ensino da liturgia deve ser considerado numa perspectiva mais ampla, que é a dimensão da sacramentalidade da liturgia²³⁸.

²³⁴Cf. *Ibid.* pg. 331.

²³⁵*Ibid.* pg. 333.

²³⁶Características do momento atual no mundo, no Brasil: do ponto de vista social, político, econômico, cultural, científico (ciências exatas e humanas). Globalização; Desigualdade social; Guerra no Iraque, imperialismo norte-americano; Falta de políticas públicas para resolver os problemas dos pobres (revitalização do centro de São Paulo/enchentes na periferia!). Dívida externa / dívida interna; responsabilidade social das empresas; crescimento do terceiro setor; terceirização; ecologia, crescimento sustentável, economia sustentável. Levando em conta a escassez dos recursos naturais; reciclagem; Espiritualidade, transcendência e pseudo-transcendência; mundo da internet. BUYST, I. *Liturgia no contexto*. Apostila, 2004.

²³⁷Cf. *Ibid.* pg. 1.

²³⁸Cf. MARTÍN, J. L. *No espírito e na verdade: introdução antropológica à liturgia*. pg. 327.

A expressão sacramentalidade da liturgia ainda assusta a algumas pessoas e deixa indiferente a outras. De fato, antes do concílio, o termo sacramento era usado unicamente para se referir aos sete sacramentos (batismo, confirmação, eucaristia, reconciliação, unção dos enfermos, ordem e matrimônio). Quando se falava em liturgia, tinha-se em mente unicamente as exterioridades das celebrações, as cerimônias. Muita gente pensa assim até hoje. No entanto, o concílio Vaticano II mudou radicalmente esta maneira de ver. Fala da Igreja como sacramento ou como mistério e apresenta toda a liturgia, e não apenas os sete sacramentos, como uma ação sacramental, uma ação de Deus que vem salvar seu povo. Daí a expressão sacramentalidade da liturgia. O termo como tal não aparece no documento, mas o sentido é esse²³⁹.

Percebemos que há boas perspectivas em relação ao processo de reforma litúrgica do Vaticano II, quando consideramos o aumentado do número de pessoas preparadas e especializadas. Continua-se investindo, com crescente intensidade, na formação litúrgica em todos os níveis. Aumenta o interesse pela liturgia, pois, aos poucos, descobre-se que em sua celebração se encontra a fonte genuína da espiritualidade e vivência cristãs²⁴⁰.

Contudo, ainda há um longo caminho a percorrer e os desafios são muitos [...] Corremos o risco de continuarmos a ver a missa apenas como “remédio que cura”, como se a celebração eucarística não fosse a presença da salvação; ou como “coisa de padre” que se encomenda para “homenagear” pessoas (vivos ou defuntos) e destacar eventos sociais e não como ação comunitária participada por todos; ou como show para ser piedosa e entusiasticamente assistido, e não como ceia pascal de cristãos em clima tranquilo de ação de graças. Corremos o risco de continuarmos a ver os sacramentos mais como “remédio” (uma espécie de “vacina” contra os males) do que como celebração da páscoa que nos libertou da raiz de todos os males. Corremos o risco de continuarmos com uma liturgia clerical, individualista, mágica e puramente devocional sem compromisso comunitário, distante do projeto de Jesus Cristo. Sem formação litúrgica, corremos o risco de ver comprometida de certa maneira a reforma do Concílio Vaticano II²⁴¹.

A formação litúrgica já era ressaltada pela encíclica *Mediator Dei* de Pio XII, publicada em 1947, que recomendava que o clero jovem fosse formado na compreensão dos ritos sagrados, em harmonia com a formação ascética, teológica, jurídica e pastoral²⁴².

Essa necessidade se tornou ainda mais premente, pois a sociedade atual reclama liturgias de boa qualidade, e estas necessitam de pessoas e de investimentos na formação. Só

²³⁹BUYST, I. Alguém me tocou! Sacramentalidade da liturgia na sacrosanctum concilium (sc), constituição conciliar sobre a sagrada liturgia. *Revista de liturgia*, n. 176, pg. 5, 2003.

²⁴⁰Cf. SILVA, José Arioaldo (da). A reforma litúrgica a partir do Concílio Vaticano II. in GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (Orgs.). *Concílio vaticano II análise e prospectivas*. pg. 311.

²⁴¹*Ibid.* pg. 312.

²⁴²Cf. MARTÍN, J. L. *No espírito e na verdade: introdução antropológica à liturgia*. pg. 300.

uma boa formação litúrgica dos futuros padres torna possível uma participação consciente, ativa e frutuosa dos fiéis. Para isto, é necessário priorização e investimentos.

Ainda no campo da formação, deverá ter especial atenção, com a liberação significativa de recursos econômico-financeiros, a preparação litúrgico-musical nos seminários e nas casas de formação dos(as) religiosos(as) para facilitar a vivência litúrgica, o incentivo para os que têm o dom da arte musical e a capacitação de formadores competentes em música e liturgia para atuarem nas dioceses, paróquias, comunidades e movimentos²⁴³.

Hoje, na sociedade se exige em todos os setores a melhor qualidade possível de seus serviços. É a qualidade total. A má qualidade do serviço prejudica a imagem e o futuro. Uma formação litúrgica deficiente dos futuros padres nos seminários compromete a credibilidade da Igreja e seu futuro evangelizador. A qualidade dos serviços supõe pessoas qualificadas. As expectativas dos fiéis dependem do esforço, do interesse, do equilíbrio, da boa formação litúrgica, da capacidade de relacionamento e da espiritualidade dos padres. Um ensino litúrgico de boa qualidade requer todo um trabalho de conjunto, tanto em nível de formação acadêmica, quanto de celebração e de pastoral. Os formandos deverão ser preparados para a participação viva e intensa na ação litúrgica e sacramental e não simplesmente para a assistência e o desempenho das funções sagradas. A formação deverá auxiliar os formandos a assumirem a liturgia como uma forma de viver a comunhão com Deus.

O Vaticano II colocou em primeiro plano a exigência da “formação litúrgica dos pastores”. [...] A iniciação à vida e ao espírito litúrgico pode ser considerada como, “obra de grande amplitude, que deve começar nos seminários e casas de formação e continuar ao longo de toda a vida sacerdotal e religiosa (VQA 15), a fim de que os formandos “participem plenamente nas celebrações litúrgicas e tirem delas o alimento para a própria vida espiritual e para o exercício do ministério pastoral” (IO 14 e 18). O estilo renovado de celebração germina e se desenvolve ao longo de todo um processo formativo. Ele nasce da vivência, do estudo, da experiência e da avaliação sistemática da prática celebrativa. Se o tempo de seminário não for marcado por uma significativa experiência litúrgica, a vida litúrgica do povo de Deus sofrerá sérias conseqüências (cf. I Ef 8). Do espírito e vivência litúrgicos dos ministros depende, em boa parte, a participação ativa e plena dos fiéis (cf. SC 14; VQA 15). É impossível pensar na renovação de mentalidade e do agir do povo cristão sem que a mesma mudança aconteça, antes, nos seminários e casas de formação, nos ministros que animam e presidem as celebrações²⁴⁴.

²⁴³ CEPL/ASLI. *Liturgia fonte e ápice da vida dos discípulos e missionários de Jesus Cristo*. n° 28

²⁴⁴ PALUDO, Faustino. Formação litúrgica nos seminários. in SILVA, J. A.; SIVINSKI, M (Orgs.). *Liturgia um direito do povo*. pg. 177-178.

Hoje, muitos refluxos invadem as estruturas da Igreja com ventos contrários, trazendo à tona certo ritualismo, conservadorismo e clericalismo em contraposição aos sonhos acalentados pela *Sacrosanctum Concilium* e pelo Concílio Vaticano II. Escasseiam no cenário nacional encontros de reflexão teológico-litúrgica de profundidade, abrangentes e prospectivos. Aparecem instruções e orientações com cheiro de saudosismos, escritas por pessoas despreparadas e sem formação litúrgica adequada. Multiplicam-se celebrações de todos os tipos. Em nome da criatividade e da inculturação tudo é permitido. Não se respeitam mais os tempos litúrgicos nem a estrutura básica da celebração cristã: a memória da páscoa do Cristo²⁴⁵.

Diante deste perigo aumenta a responsabilidade das dioceses em proporcionar uma boa formação litúrgica para seus seminaristas e também investir na formação de liturgistas. É preciso encontrar caminhos, apesar das resistências. As luzes são poucas. Não se sabe se a noite será longa ou breve, de inverno ou de primavera²⁴⁶.

É necessário revalorizar a dimensão mistagógica da formação litúrgica. Mas ainda devemos insistir na urgência de não permanecer simplesmente na transmissão de noções e conhecimentos quando se quer educar para a liturgia ou iniciar na vida litúrgica. Enquanto não se conseguir inserir plenamente os fiéis na celebração e não só fazê-los participar externamente, nada se fez ainda. Daí a importância de abrir os sentidos (cf. Mc 7,34; rito do effeta) e de abrir a inteligência (cf. Lc 24,45; Ez 36,26-27; Jr 31,33) durante o processo de formação litúrgica, para que o Espírito Santo aperfeiçoe sua obra, iniciada no batismo e na confirmação, habilitando o homem à conversão, à fé, à esperança e à caridade. O próprio Espírito, enviado como dom de Deus no batismo e na confirmação, atua no interior dos iniciados provocando a fome da Palavra (cf. Dt 8,3; Mt 4,4) e da Eucaristia (cf. Jo 6,53-59; SI 34,9) e a sede da água viva (cf. Jo4,10s; 7,37-39). O modelo deste tipo de formação litúrgica, última etapa da formação cristã que completava o catecumenato, podemos encontrá-lo nas célebres catequeses mistagógicas de Santo Ambrósio, São Cirilo de Jerusalém, São João Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia e de outros Padres. A aprendizagem na ação litúrgica não é outra coisa senão a participação na liturgia enquanto escola de vida cristã. Em outras palavras, a celebração litúrgica, ao mesmo tempo em que transforma e santifica a vida dos crentes, é mestra da vida cristã, ao inculcar e fazer viver atitudes que têm valor não só dentro do culto mas também fora dele. Neste sentido, a vida como adoração ao Pai e oferenda espiritual se ensaia e se aprende dentro da ação litúrgica, ou seja, na celebração. Sendo assim, podemos dizer que a formação litúrgica é uma parte da educação cristã que introduz o crente na vivência do mistério da salvação ensinando-lhe a fazer de sua vida uma oferenda agradável a Deus, participando na liturgia de maneira consciente, ativa e plena.²⁴⁷

²⁴⁵Cf. SIVINSKI, M. *Pastoral litúrgica no contexto atual*. Apostila. 2004, pg. 1.

²⁴⁶ Cf. *Ibid.*pg. 1.

²⁴⁷MARTÍN, J. L. *No espírito e na verdade: introdução antropológica à liturgia*. pg. 308-309.

Neste aspecto, não poderíamos deixar de mencionar o Curso de Especialização em Liturgia, organizado pelo Centro de Liturgia, da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, SP, cujo objetivo é

proporcionar um aprofundamento na ciência litúrgica, tendo como referencial a liturgia situada na história e na cultura dos povos, partindo da realidade litúrgica no Brasil e refletindo sobre ela à luz da sagrada escritura e da tradição, para assim ter uma visão teológica da liturgia, particularmente dos sacramentos e sacramentais, da liturgia das horas, da celebração da palavra, das novas práticas celebrativas emergentes, do tempo e do espaço litúrgicos, a fim de chegar a uma liturgia inculturada²⁴⁸.

Não podemos também deixar de mencionar a esse respeito, o trabalho que o Centro de Liturgia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção adotou, desde 1992, em todos os seus cursos, que envolve o estudante no processo de aprendizagem da ciência litúrgica. A nova metodologia visa encurtar a distância entre teoria e prática. Os alunos se transformam em participantes ativos no processo de aprendizagem e da produção de conhecimentos²⁴⁹.

A formação litúrgica é essencial e a preparação dos responsáveis pela liturgia e de modo particular a dos pastores, tanto no período do seminário como sob a modalidade de atualização permanente, não é uma exceção²⁵⁰.

O Concílio Vaticano II apontou a importância da preparação dos pastores no campo litúrgico, eles não poderão ser guias e mestres dos fiéis na participação litúrgica se antes eles mesmos "não se impregnarem totalmente do espírito e da força da liturgia"²⁵¹. O concílio recomendou que os alunos dos seminários e das casas de formação dos religiosos "adquirissem uma formação litúrgica da vida espiritual com competente orientação para que pudessem entender as cerimônias sacras e nelas participar de todo o coração"²⁵².

²⁴⁸SILVA, J. A. et al. *Curso de especialização em liturgia*. pg. 5.

²⁴⁹Cf. *Ibid.* pg. 5

²⁵⁰Cf. MARTÍN, J. L. *No espírito e na verdade: introdução antropológica à liturgia*. pg. 318.

²⁵¹Cf SC 14.

²⁵²Cf. SC 17.

2.2. Os objetivos da formação litúrgica nos seminários.

A formação litúrgica é indispensável nos seminários para que o jovem candidato ao presbiterado receba formação condigna, aprofundando-se na realidade litúrgica e leve em conta que a formação é um fato progressivo através de uma experiência intensa e profunda. A formação litúrgica dos futuros padres deverá estar orientada para os seguintes objetivos²⁵³:

A) A participação integral na liturgia.

Este objetivo visa possibilitar um estilo de vida integrado e orante, onde se entrecruzem todas as dimensões da vida cristã: pessoal, religiosa, social, intelectual, espiritual, comunitária, pastoral, missionária. Tudo isso nos leva a uma participação consciente, plena e ativa na sagrada liturgia; escuta da Palavra de Deus; vivência dos sacramentos, em particular: Eucaristia e Penitência; serviço ao povo de Deus no exercício da caridade pastoral; disponibilidade missionária; partilha comunitária e comunhão eclesial; oração pessoal, espontânea e contemplativa (silêncio); empenho missionário, compromissos e gestos de solidariedade²⁵⁴.

B) A pessoa humana e cristã.

A formação litúrgica não pode ser considerada como um fato isolado da educação cristã, mas como um componente da formação integral. Neste sentido a formação litúrgica deverá levar o formando a uma pertença à assembléia litúrgica e a sentir-se membro desta comunidade. Na escuta da palavra de Deus, o formando confronta sua vida, compartilha as alegrias e preocupações que traz consigo. A celebração é um exercício contínuo de mútuo compartilhar²⁵⁵.

C) Ação eclesial.

²⁵³Cf. MARTÍN, J. L. *No espírito e na verdade*: introdução antropológica à liturgia. pg. 311.

²⁵⁴Cf. PALUDO, Faustino, Formação litúrgica nos seminários. in SILVA, J. A.; SIVINSKI, M (orgs.). *Liturgia um direito do povo*. pg. 182-183.

²⁵⁵Cf. *Ibid.* pg. 183.

A liturgia é um agir comunitário de pessoas reunidas em nome de Jesus. Muitos jovens entram no seminário trazendo uma religiosidade individual e intimista, sem atitudes comunitárias. A formação litúrgica deverá trabalhar para desenvolver neste jovem seu senso de pertença à comunidade²⁵⁶.

d) A sensibilidade simbólico-sacramental.

Na ritualidade litúrgica, os objetos, as palavras, as ações, os gestos, o espaço e os símbolos ocupam uma parte relevante, exigidas pela natureza da ação litúrgica. Também se referem a uma outra realidade que de certo modo se torna presente neles. Tudo na liturgia tem relação com um gesto de Jesus Cristo. As pessoas, as coisas, os gestos e ações, o tempo e o espaço estão carregados do espírito do Ressuscitado. E se quisermos participar dessa realidade, temos que entrar no jogo simbólico da liturgia. A formação litúrgica deve qualificar os formandos quanto à sua capacidade simbólica, perceber e expressar o sentido que está para além do valor material e técnico de um objeto ou de um gesto²⁵⁷. A formação litúrgica deve cuidar da educação para a expressão corporal e o comportamento ritual, sempre evitando o ritualismo externo e favorecendo a expressão autêntica das realidades internas²⁵⁸.

2.3. A importância da comunidade formadora.

A formação é um processo permanente que abrange todas as fases da vida, com diversidade de formas e métodos, devendo prolongar-se ao longo do exercício do ministério presbiteral. Por isso, no seminário, o futuro presbítero aprenderá os princípios da formação permanente, buscando adquirir o hábito do estudo, a necessidade de atualização, amadurecimento contínuo e a resposta ágil às novas situações pastorais, num contínuo processo de conversão, no seguimento de Jesus Cristo²⁵⁹.

²⁵⁶Cf. *Ibid.* pg. 184.

²⁵⁷Cf. *Ibid.* pg. 184-185.

²⁵⁸Cf. MARTÍN, J. L. *No espírito e na verdade: introdução antropológica à liturgia.* pg. 311.

²⁵⁹Cf. CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*, nº 84

Para que o processo formativo possa efetivamente acompanhar as exigências de crescimento e as condições reais dos formandos, é imprescindível que seja conduzido por uma Equipe de Educadores, que saibam discernir os passos pedagógicos apropriados, através do diálogo com os formandos. A Equipe de Formação inclui, em primeiro lugar, os presbíteros que assumem as funções de Reitor, Diretor Espiritual, Coordenador de Estudos, Assessor psico-pedagógico e Assistentes de Comunidades. Deles se espera, não somente a dedicação competente em suas funções, mas testemunho pessoal de maturidade, compreensão, espírito evangélico e eclesial, alegria no exercício do ministério. Essa Equipe deve atuar de forma integrada, fazendo ressaltar a diversidade e complementariedade dos dons e tarefas de cada um de seus membros num espírito de comunhão fraterna, sendo sinal da comunhão que Cristo viveu com seus discípulos. Igualmente, a Equipe de formadores deve contribuir para a estreita comunhão do Seminário com o Bispo, o presbitério e a comunidade diocesana, e deve associar ao processo formativo, a participação de educadores leigos, homens e mulheres. Para maior eficácia do processo formativo, haja clareza na distinção de funções de cada membro da Equipe de Formação, bem como nos direitos e obrigações do formando. Isto deve ser determinado no Regimento Interno do Seminário (CDC 243)²⁶⁰.

Neste processo formativo, reveste-se de particular importância a comunidade formadora e o ambiente do seminário. A comunidade formadora, longe de se reduzir à convivência de amigos, tem como meta a comunhão fraterna. Os membros da comunidade do seminário, reunidos em fraternidade, colaboram, segundo os dons que receberam para o crescimento de todos na fé e na unidade²⁶¹.

A instituição do seminário maior como lugar ideal de formação deve certamente confirmar-se como espaço normal, mesmo material, de uma vida comunitária e hierárquica, mais, como casa própria para a formação dos candidatos ao sacerdócio, com superiores verdadeiramente consagrados a este serviço. [...]O seminário apresenta-se como um tempo e um espaço; mas configura-se, sobretudo como uma *comunidade educativa em caminhada*: é a comunidade promovida pelo bispo para oferecer, a quem é chamado pelo Senhor a servir como os apóstolos, a possibilidade de reviver a experiência formativa que o Senhor reservou aos Doze. Na realidade, uma prolongada e íntima permanência de vida com Jesus são apresentadas no Evangelho como premissa necessária para o ministério apostólico. Esta permanência requer dos Doze a realização, de modo particularmente claro e específico, da separação, em certa medida proposta a todos os discípulos, do ambiente de origem, do trabalho habitual, dos afetos, até dos mais queridos (Mc 1,16-20; 10,28; Lc 9,23.57-62; 14,25-27). Já mais de uma vez apresentamos a tradição de Marcos que sublinha a ligação profunda que une os apóstolos a Cristo, e entre si: antes de serem enviados a pregar e a fazer curas, são chamados a "estar com Ele" (Mc 3,14). A identidade profunda do seminário é a de ser, a seu modo, uma continuação na Igreja da mesma comunidade apostólica reunida à volta de Jesus, escutando a sua palavra, caminhando para a experiência da Páscoa, esperando o dom do Espírito para a missão. Esta identidade constitui o ideal normativo que estimula o seminário, nas mais diversas formas e nas múltiplas vicissitudes que, enquanto instituição humana, vive na história, a que encontre uma concreta realização, fiel

²⁶⁰ *Ibid.* 89-91.

²⁶¹ Cf. PALUDO, Faustino. Formação liturgia nos seminários. in SILVA, J. A.; SIVINSKI, M (Orgs.). *Liturgia um direito do povo*. pg. 189.

aos valores evangélicos em que se inspira e capaz de responder às situações e necessidades dos tempos²⁶².

Os membros da comunidade do seminário, formandos e formadores, reunidos pelo Espírito Santo, que é o principal agente da formação, colaboram, cada qual segundo os dons de que dispõem, para o crescimento de todos na fé e na caridade²⁶³.

Quem comanda a vida litúrgica do seminário tem grande responsabilidade formativa e pastoral, deve ter preparação necessária para assumir a tarefa de animar a ação litúrgica da comunidade. Tarefa que supõe trabalho em conjunto com toda a equipe formadora, dispondo dos meios necessários para uma animação da vida litúrgica. As celebrações comunitárias devem ser equilibradas e sem exageros, respeitando-se as normas emanadas da Santa Sé Apostólica e da Conferência Episcopal²⁶⁴. Para a formação espiritual do futuro padre é inteiramente necessária a educação litúrgica, no pleno sentido de uma inserção no mistério pascal Jesus Cristo morto e ressuscitado. Neste sentido, a Eucaristia tem um lugar especial no processo formativo.

A celebração da Eucaristia, centro e cume da vida da Igreja seja o centro e cume da vida do seminário, onde se torna presente cotidianamente o mistério da comunhão com Deus em Cristo e se adquire força para a caminhada rumo à páscoa definitiva. O futuro padre seja levado a reconhecer e vivenciar as diversas dimensões da Eucaristia: sacrifício, memorial, sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal (SC 47). Descubra especialmente a dimensão eclesial da Eucaristia e sua significação para o povo cristão, como sinal de esperança na caminhada da libertação. Ame-a como realidade que contém todo o bem espiritual da Igreja e de onde emana toda a sua força (SC 10). Da participação diária na celebração eucarística, faça o centro de sua espiritualidade e nela alimente e interiorize o espírito comunitário e o zelo pela unidade (PO 6 e CD 15), o espírito apostólico e a caridade pastoral (PO 5, 14b), a oração pessoal e o ministério sacerdotal, no qual agirá em nome de Cristo (PO 14b; LG 28). Enfim, o futuro presbítero encontre, na Eucaristia, centro e cume de toda a vida da comunidade cristã, o princípio e a fonte de unidade de sua própria vida (PO 14b)²⁶⁵.

²⁶² PDV n° 60.

²⁶³ Cf. *Ibid.* n° 60

²⁶⁴ Cf. PALUDO, Faustino, Formação litúrgica nos seminários. in SILVA, J. A.; SIVINSKI, M (orgs.). *Liturgia um direito do povo*. pg. 190.

²⁶⁵ CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*. n° 129

O futuro padre será mestre da palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade cristã a ele confiada. Ele, através da leitura meditada e orante, desenvolverá uma grande familiaridade pessoal com a palavra de Deus, deveser o primeiro “crente” na palavra, com plena consciência de que as palavras do seu ministério não são suas, mas daquele que o enviou²⁶⁶.

É necessário que todos aqueles que servem legitimamente ao ministério da palavra, mantenham um contato íntimo com as Escrituras mediante a leitura assídua e o estudo diligente, a fim de que nenhum deles se torne pregador vão e superficial da palavra de Deus²⁶⁷.

O esforço de formação teológica e espiritual exigido na formação permanente dos sacerdotes e diáconos, empenho na formação de todos os fiéis, é, ao mesmo tempo, iniludível e enorme. É necessário, pois, que o exercício do ministério da Palavra e, sobretudo, que os ministros dela, estejam à altura das circunstâncias. A eficácia dependerá do fato que esse exercício, fundado essencialmente sobre o auxílio de Deus, se realize também com a máxima perfeição humana possível. O renovado anúncio teológico e doutrinal da mensagem cristã — um anúncio que deve acender e purificar em primeira instância as consciências dos balizados — não pode ser improvisado preguiçosa ou irresponsavelmente. Menos ainda pode faltar a responsabilidade dos presbíteros de assumir em primeira pessoa a tarefa do anúncio, especialmente no que diz respeito ao ministério da homilia, que não pode ser confiada a quem não foi ordenado, nem facilmente delegado a quem não se encontra bem preparado²⁶⁸.

Os formandos devem familiarizar-se com a Mesa da Palavra, compreendendo o sentido da proclamação nas celebrações litúrgicas. Devem ser preparados para o exercício do ministério de leitor. O processo formativo é uma excelente oportunidade para os formandos exercitarem a proclamação dos textos bíblicos e litúrgicos segundo o gênero literário. Além da educação da voz, da dicção, das atitudes, devem exercitar a expressão dos sentimentos, a fim de que a leitura proclamada “aconteça” aos olhos dos ouvintes. Quer dizer, iniciá-los na

²⁶⁶ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O presbítero mestre da palavra ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio*. pg. 23-24 .

²⁶⁷Cf.PDV n° 47

²⁶⁸Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O presbítero mestre da palavra ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio*. pg. 27.

arte da palavra e dos gestos, assim como no uso dos instrumentos de comunicação. Pois é muito importante que na celebração litúrgica os fiéis compreendam o que se diz e se lê²⁶⁹.

A oração de certo modo, é a primeira e a última condição da conversão, do progresso espiritual e da santidade. É a oração que traça o estilo essencial do padre; sem ela este estilo deforma-se. A oração ajuda o formando a reencontrar sempre a luz que o guiou desde o início da sua vocação. A oração tem lugar privilegiado na vida do formando, é necessário que seja iniciado nos diversos métodos de oração que a tradição cristã tem consagrado para que possa encontrar sua maneira pessoal de rezar. Neste processo formativo, incluímos a liturgia das horas, que é a oração pública e comum do povo de Deus²⁷⁰.

2.4. Propostas para o ensino da liturgia nos Seminários.

A formação litúrgica nos seminários e casas de formação presbiteral deve estar em sintonia com o que se aprende nos institutos e faculdades de teologia, onde normalmente os seminaristas estudam. No entanto, os seminários e casas de formação, entendidos como o local de residência dos seminaristas e, portanto, onde participam da Missa diária e outras liturgias, têm um papel importante por causa da prática da liturgia e da complementação dos estudos, já que nos institutos e faculdades de teologia, a preocupação é mais acadêmica do que mística.

É preciso levar em consideração o que dizem a ASLI e CNBB no documento *Liturgia Fonte e Ápice da Vida dos Discípulos e Missionário de Jesus Cristo: Uma contribuição para a V Conferência de Aparecida*, quando afirma:

Nas últimas décadas, pouco se fez no campo da formação litúrgico-musical do clero, dos religiosos e demais agentes de pastoral. É escassa a presença de formadores capacitados em música e liturgia nos institutos de filosofia e teologia e casas de formação de religiosos e do clero diocesano. É mínima a carga horária das matérias de liturgia e música litúrgica nas grades

²⁶⁹Cf. PALUDO, Faustino. Formação litúrgica nos seminários. in SILVA, J. A.; SIVINSKI, M (Orgs.). *Liturgia um direito do povo*. pg. 193.

²⁷⁰Cf. JOÃO PAULO II. *Carta de João Paulo II aos sacerdotes*. nº 45.

curriculares dos institutos e casas de formação. Daí resulta o inadequado exercício dos ministérios litúrgicos em muitas celebrações além da divulgação de produções musicais de baixa qualidade e quase nunca condizentes com a natureza da liturgia²⁷¹.

A formação dos futuros presbíteros se enquadra na mesma carência de todos os ministros litúrgicos e do povo de Deus.. Passados mais de quarenta anos da promulgação da *Sacrosanctum Concilium*, a formação litúrgica continua um grande desafio. Isso repercute de forma especial nos seminários e casas de formação presbiteral. Esta formação deveria iniciar-se já nos Propedêuticos.

A formação litúrgica continua sendo o grande desafio no processo da renovação litúrgica. Programas consistentes - envolvendo comunidades, equipes de liturgia, pessoas que atuam nos ministérios litúrgicos, seminaristas e candidatos à vida religiosa, presbíteros e bispos – precisam ser trabalhados no campo da teologia da celebração cristã e da espiritualidade litúrgica, no campo do espaço celebrativo e da arte sacra, no campo da música ritual e do canto litúrgico. Na formação se dê atenção especial e se priorize os ministérios litúrgicos leigos. Em todos estes níveis de formação, nos Institutos de Teologia e para a formação de futuros professores, seria conveniente adotar a metodologia elaborada e praticada no Centro de Liturgia, da Pontifícia Faculdade de Teologia de São Paulo, no Ipiranga: a partir dos ritos litúrgicos situados na realidade eclesial e cultural do Brasil e América Latina, confrontando-os com a tradição bíblico-histórica e os pronunciamentos do magistério, sobretudo do Vaticano II, e os documentos pós-conciliares também latino-americanos e brasileiros, tentar chegar a uma liturgia mais autêntica e inculturada, na qual os povos do Brasil e da América Latina possam do seu jeito celebrar o mistério de Cristo²⁷².

Evidentemente, não se trata apenas de retórica, mas de investimentos humano-financeiros, do contrário, poderemos cair no discurso vazio.

Então, para concluirmos este capítulo, que dá um peso fundamental ao nosso trabalho, sugerimos para a formação dos futuros presbíteros:

1. Nas casas de formação e seminários, desde o Propedêutico, sejam realizadas celebrações de qualidade, bem preparadas, de acordo com o Ano litúrgico, pois é destas celebrações que brota o interesse pela vivência do mistério pascal e pelo aprendizado da liturgia. Só assim, como era com os Apóstolos, Jesus Cristo pode ser o centro das suas vidas e exercer sobre eles uma atração

²⁷¹ CEPL/ASLI. *Liturgia fonte e ápice da vida dos missionários de Jesus Cristo*. nº 7.

²⁷² *Ibid.* nº 26-27

indescritível. Se voltarmos ao que estudamos sobre Jesus, no primeiro capítulo, somos levados a afirmar que a formação cristã deve apresentar o mesmo Cristo que se distancia dos fariseus, na medida em que as interpretações farisaicas brotam mais do medo do que da submissão à vontade de Deus, cujo desejo é que o homem viva, e não que fique escravizado sob o peso da lei. A liturgia é, portanto, o lugar ideal deste tipo de formação verdadeiramente sacerdotal.

2. A qualidade destas celebrações conte necessariamente com formadores capacitados no campo da música, da teologia litúrgica e da mística, além de se supor que os espaços celebrativos dos seminários e casas de formação sejam construídos ou adaptados por arquitetos com formação acadêmica em arte sacra e espaço litúrgico.
3. A preparação de tais celebrações conte com equipes de liturgia, onde não falte a presença dos formadores, ou pelo menos dos padres que presidem as celebrações.
4. As celebrações nos Seminários e Casas de Formação contem com um processo de avaliação contínua para melhorar o que não estiver de acordo com a natureza da liturgia.
5. No campo mais largo da formação litúrgica, além da formação musical e da teologia da liturgia, os seminaristas estudem os documentos da Igreja, seja da Santa Sé, CELAM ou CNBB que digam respeito a tudo o que se refere à liturgia enquanto celebração do mistério pascal de Jesus Cristo.

Conclusão

Neste terceiro capítulo, que é o fechamento do trabalho, mostrei que a reforma litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II tem suas bases no primeiro milênio, com sua mentalidade de participação ativa e mistagógica na liturgia.

Como vimos na introdução do primeiro capítulo, o ensino da liturgia era feito na igreja, tendo como eixo a própria celebração. Os Padres refletiam na celebração e a partir dela, com a preocupação de introduzir os discípulos no mistério, através de uma compreensão orante. Em relação à teologia dos sacramentos, os Padres primeiro rezavam e depois criam; rezavam para poder crer e para saber como e no que deveriam crer.

O Concílio Vaticano II, com a Constituição *Sacrosanctum Concilium* abre o caminho, a Instrução sobre a formação litúrgica nos seminários o consolida.

Se estamos com dificuldade de ver a liturgia autenticamente reformada em nossas celebrações, é porque, entre outras frentes, a formação dos futuros presbíteros, sobretudo nas casas de formação e seminários, deixa muito a desejar.

Refletimos e demos algumas pistas a este respeito, na esperança de pode ajudar.

CONCLUSÃO GERAL

Tentamos, neste trabalho, à luz do Concílio Ecumênico Vaticano II, esboçar e fundamentar a necessidade de um ensino qualificado da liturgia para os futuros padres, pois sem uma verdadeira e autêntica formação litúrgica, corremos o risco de ver comprometida a própria reforma litúrgica. Os seminários e casas de formação presbiteral são locais privilegiados para esta possibilidade, pois a comunidade formativa residencial pode aplicar teoria e prática e resgatar o método mistagógico da fé.

Vimos, no primeiro milênio, que o ensino da liturgia primava pelo seu aspecto mistagógico, pois a celebração do mistério pascal era o próprio pedagogo nesta empreitada. A descrição da pessoa e das atividades de Jesus ajudou a compreender em que base residia esta maneira de celebrar e discorrer sobre o mistério da fé.

Com o advento do fenômeno carolíngio, um movimento estranho à natureza da liturgia, já iniciado com o advento de Constantino, no século IV, leva a celebração da liturgia a uma séria distorção. Esse fenômeno também foi chamado de outono e inverno da sagrada liturgia, onde o exterior ganhou uma dimensão que sufocou a participação ativa da assembléia. Tornando-se uma propriedade clerical, a liturgia da Igreja deixou de ser o momento cume e fonte da vida cristã. O povo teve que se refugiar em suas devoções, muitas vezes alimentadas e exploradas pela própria estrutura clerical.

A forma como as contestações ocorreram e a conseqüente postura do Concílio de Trento mantiveram por séculos o gelo glacial litúrgico.

Porém, o Concílio Ecumênico Vaticano II e sua aurora representada pelo Movimento Litúrgico, trouxeram a primavera para a liturgia da Igreja, codificada na Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a reforma da Sagrada Liturgia. Outros documentos

importantes, como a Instrução para a formação litúrgica nos seminários, vieram depois, reforçando que o desabrochar deveria ocorrer. Muitos frutos bons se colheram.

No entanto, muitas foram também as dificuldades tanto no campo das resistências, como das aplicações conciliares mal concebidas e mal interpretadas.

Diante disto, localizamos que uma das causas está na falta do espaço que a formação litúrgica encontra nos seminários e casas de formação presbiteral, as quais deveriam ser verdadeiros laboratórios de celebrações litúrgicas de qualidade. É evidente que esta qualidade passa pelos formadores, que além de poucos, não têm a formação necessária, como foi descrita em nosso trabalho.

Diante disto, esperamos que o nosso esforço, ainda que modesto, seja incentivo para que outros aprofundem o que aqui vislumbramos. Que a nossa colaboração modesta e despreziosa seja vista no seu sentido mais eclesial possível.

BIBLIOGRAFIA

1. Bíblia e Documentos patrísticos e magisteriais.

BÍBLIA. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985.

CONCÍLIO DE NICÉIA I (=PL 56, 359-898; 84 93-104; Mansi II; Bruns, I; CSEL 65; Alberico, Decisioni dei Concili Ecumenici, Torino 1978; C. Vogel, Paris 1966, 189).
CORDEIRO, J.L. *Antologia litúrgica*, pg. 557-558.

CONCÍLIO DE VAISON (SCh 353-354, Cânones dos Concílios Merovíngios).

CORDEIRO, J.L. *Antologia litúrgica*, pg. 1240.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. in *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 37-107.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. in *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 257-306.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O presbítero mestre da palavra ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio*. São Paulo: Paulinas, 1999, 70 p.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Sobre alguns aspectos que se deve observar e evitar acerca da santíssima eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 2004, 100 p.

CEI. *O caminho do Senhor, catecismo para adultos*. Aparecida: Santuário, 1985. 533 p.

CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*. (Documentos da CNBB n. 55). São Paulo: Paulinas, 1995. 125 p.

CRB. *Seguir Jesus: os evangelhos*. São Paulo: Loyola, 1994. 266 p.

CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS. *Batismo, eucaristia e ministérios*. Rio de Janeiro: Sagarana, 1984. 55 p.

DIDAQUÉ: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. 12ª ed., São Paulo: Paulus, 2003. 30 p.

- INOCÊNCIO I. *Epistulae et decreta* (= PL 20, 463-612; 56, 455; 84, 647-658; C. Vogel, (Paris 1966, 169-170). CORDEIRO, J.L. *Antologia litúrgica*, pg. 655.
- INOCÊNCIO I. *Carta a Felix de Nucéria* (=PL 20, 603-605). CORDEIRO, J.L. *Antologia litúrgica*, pg. 655.
- JOÃO PAULO II. *Spiritus et sponsa*. Carta apostólica, 2003. São Paulo: Paulinas, 2003, 5 p.
- JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. Exortação apostólica pós-sinodal, 1992. São Paulo: Loyola, 1992. 102 p.
- JOÃO PAULO II. *Catechesi Tradendae*. Exortação Apostólica, 1980. São Paulo: Paulinas, 1980. 88 p.
- JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Carta Encíclica. São Paulo: Paulinas, 2003. 86 p.
- JOÃO PAULO II. *Carta aos sacerdotes*. São Paulo: Paulinas, 1979. 26 p.
- JUSTINO DE ROMA. *Diálogo com trífão*. in: *JUSTINO De Roma: I e II Apologias Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 107-324.
- JUSTINO DE ROMA. *Apologia I*, in: *JUSTINO de Roma: I e II Apologias Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 19-85.
- LEÃO XII. *Carta Encíclica Rerum Novarum*. São Paulo: Paulus, 2006, 52 p.
- POLICARPO DE ESMIRNA. *Carta aos filipenses* (= PG 5, 1005-1016).
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre a formação litúrgica nos seminários*. São Paulo: Loyola, 1979, 49 p.
- SIRÍCIO. *Epistulae* (=PL 13, 1131-1195; CPL 1637; PLS 3, 567; C. Vogel, Paris 1966, 167-169).
- TRADIÇÃO Apostólica de Hipólito: Liturgia e Catequese em Roma no século III. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2004. 119 p.
- ZÓZIMO. *Epistulae* (=PL 20, 642-702; 84 674-678).

2. Livros e artigos de dicionários e periódicos.

- QUARENTA* anos de renovação litúrgica. *Revista de liturgia*, Cabreúva, n. 177, maio/junho. 2003. p. 3.
- ABREU, E. H. (org.). *A história da palavra II*. São Paulo: Paulinas, 2005. 149 p.
- ARNHOLD, S. - TABORDA, F. *Teologia e fé*. São Paulo: Loyola, 1979. 230 p.
- AUGÉ, M. *Espiritualidade litúrgica*. São Paulo: Ave-Maria, 2002. 134 p.
- AUGÉ, M. *História, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 1996. 362 p.
- BARAÚNA, G. *A sagrada liturgia, renovada pelo concílio*. Petrópolis: Vozes, 1964. 780 p.
- BAUDLER, G. *A figura de Jesus nas parábolas*. Aparecida: Santuário, 1991. 326 p.
- BECKHÄUSER, A. *Os fundamentos da sagrada liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004. 327 p.
- BENZ, E. *Descrição do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 1995. 460 p.
- BOGAZ, A. S. Concílio Vaticano II – porto de chegada ou de partida? *Revista de cultura Teológica*, São Paulo, v. 11, n. 43, abril/junho. 2003, p. 37-65.
- BORGES, L. Origem dos seminários. *Revista Lúmen de Cultura do Clero*, São Paulo, v. XXIX, n. 5, p. 414-415.
- BORN, A. V. D. Jesus, in: *Dicionário enciclopédico da bíblia*. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do livro brasileiro, 1971, p. 780-781.
- BOROBIO, D. (Org.). *A celebração na igreja I: Liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990. 474 p.
- BUYST, I. *Como estudar liturgia*. 3. ed., São Paulo: Paulus, 1990. 169 p.
- BUYST, I.-SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. Siquem. Espanha: 2002. 159 p.
- CANSI, B. *Formação da comunidade catequética II*. Petrópolis: Vozes, 1984. 83 p.
- CEPL/ASLI: *Liturgia fonte e ápice dos discípulos e missionários de Jesus Cristo: uma contribuição para a V Conferência de Aparecida*. Brasília, 2006. pg.16.

- CHUPUNGO, A. Adaptação. in DOMENICO, S; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 4-6.
- CLERK, P. Iniciação cristã. in: LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2002, p. 907.
- COCCHINI, F. Catequese. *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis - São Paulo: Vozes/Paulus, 2002, p. 274.
- CODINA, V. O Vaticano II, um concílio em processo de recepção. *Perspectivas Teológicas*, v. 37, n. 101, 2005, p. 89-104.
- CORDEIRO, J. L (org). *Antologia litúrgica*. Fátima: Coimbra, 2003. 670 p.
- COSTA, P. C. (org.). *Sacramentos e evangelização*. São Paulo: Loyola, 2004. 217 p.
- COSTA, V. S. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 2005. 123 p.
- DELUMEAU, J. *Il cattolicesimo dal XVI al XVIII secolo*. Mursia: Milano, 1983. 465 p.
- DUÉ, A. *Atlas histórico do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 1999. 322 p.
- ESTRADA, J. A. *Para compreender como surgiu a igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005. 572 p.
- FERNÁNDEZ, F. *Hablar con Dios*. Lisboa: Rei dos Livros, 1990. 235 p.
- GASS, I. B. *Uma introdução à bíblia: período grego e vida de Jesus*. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Centro de estudos bíblicos, 2005. 196 p.
- GERARDI, R. Iniciação Cristã. in: *Lexicon - dicionário teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 393-395.
- GIRAUDO, C. *Num só corpo*. São Paulo: Loyola, 2003. 619 p.
- GIUSEPPE, R. *Os grandes temas da vida cristã na bíblia*. Aparecida: Santuário, 2002. 495 p.
- GONÇALVES, J. A. *De olho na Bíblia*. Aparecida: Santuário, 2005. 143 p.
- GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (Org.). *Concílio vaticano II análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004. 420 p.
- GOPPELT, L. *Teologia do novo testamento*. São Paulo: Teológica; Paulus, 2003. 560 p.
- GRENIER, B. *Jesus, o mestre*. São Paulo: Paulus, 1998. 197 p.
- GRÜN, A. *Jesus e suas dimensões*. Campinas: Verus, 2006. 191 p.

- HAMAMAN, A. Catecúmeno (Catecumenato), in: *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis - São Paulo: Vozes/Paulus, 2002, p. 271-272.
- INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WURZBURG. *Teologia para o cristão de hoje IV*. São Paulo: Loyola, 1977. 254 p.
- INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WÜRZBURG. *Teologia para o cristão de Hoje*. São Paulo: Loyola, 1975. 251 p.
- KLAUSER, T. El período de los comienzos creadores. *Cuadernos Phase*. Barcelona, 2000, p. 5.
- KREDEL, E. M. Apóstolo, in: *Dicionário de teologia bíblica*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 1979, p. 89.
- LARRAÑAGA, I. *O pobre de Nazaré*. São Paulo: Loyola, 1989. 349 p.
- LATOURELLE, R. *Jesus existiu?* Aparecida: Santuário, 1994. 228 p.
- LEMAIRE, A. *Os ministérios na igreja*. São Paulo: Paulinas, 1977. 129 p.
- LIBÂNIO, J. B. *À volta à grande disciplina: Reflexão teológico-pastoral sobre a atual conjuntura da Igreja* São Paulo: Loyola, 1983. 420 p.
- LIBÂNIO, J. B. *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1999. 133 p.
- LIBÂNIO, J. B. *Concílio vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005. 223 p.
- LIBÂNIO, J. B. *Igreja contemporânea encontra com a modernidade*. São Paulo, 2000. 194 p.
- LIBÂNIO, J. B. - MURAD, A. *Introdução à teologia perfil, enfoques, tarefas*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 372 p.
- LLOPIS, J. La liturgia através de los siglos. *Cuadernos Phase*. Barcelona, 1993, pg. 15.
- LORSCHIEDER, A. et. al. *Vaticano II, 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005. 92 p.
- LUBICH, C. Palavra do alto. *Revista Cidade Nova*, Vargem Grande Paulista, n.3, p. 25, 2003.
- LUTZ, G. A eucaristia teologia e prática diante das deformações atuais. *Revista de liturgia*, Cabreúva, n. 189, pg. 5, 2005.
- MACKENZIE, L. J. Apóstolo, in: *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 63.
- MADALENA, G. S. M. *Intimidade divina*. São Paulo: Loyola, 2001. 1225 p.

- MARSILI, S. et al. *Anámnese 2 panorama histórico geral da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1987. 281 p.
- MARSILI, S. Teologia litúrgica, in: DOMENICO, S; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 1187.
- MARTIMORT, A. G. *A igreja em oração*. Portugal: Ora & labora, 1965. 1072 p.
- MARTÍN, J. L. No espírito e na verdade: introdução antropológica à liturgia. Petrópolis: Vozes, 1997. 750 p.
- MARTINA, G. História da igreja: de Lutero a nossos dias, I – o período da reforma. São Paulo: Loyola, 1997. 348 p.
- MATOS, H. C. J. *Introdução à História da Igreja*, Belo Horizonte: Lutador, 1987. 188 p.
- MATOS, H. C. J. *História do Cristianismo: estudos e documentos III*, Belo Horizonte: Lutador, 1989. 222 p.
- MENEZES, W. P. *Ministérios na Igreja*. São Paulo: Recado, 1999. 76 p.
- MESTERS, C. - OROFINO, F. *A palavra na vida*. São Leopoldo: Cebi, 2002. 190 p.
- MISSAL DOMINICAL. Missal da assembleia cristã. São Paulo: Paulinas, 1980. 1391 p.
- MONTORO, C. Liturgia, 40 anos de renovação. Aparecida: Santuário, 2003. 95 p.
- NEUNHEUSER, B. História da liturgia, in: DOMENICO, S; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 523.
- NEUNHEUSER, B. Mistério, in: DOMENICO, S; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992. 1292, p. 758-759.
- O ENSINO Da liturgia. Revista liturgia e vida*, São Paulo, v. 27, n. 156, 1980. p. 30-31.
- ORLANDI, T. Alexandria. in: *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis - São Paulo: Vozes/Paulus, 2002, p. 71.
- PALUDO, Faustino. Formação litúrgica nos seminários. in: SILVA, J. A; SIVINSKI, M (orgs.). *Liturgia um direito do povo*. Petrópolis: Vozes, 2001. pg. 178-197.
- PASQUALETTI, G. Reforma litúrgica. in: DOMENICO, S; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 986.
- PASTRO, C. *Arte sacra, o espaço sagrado hoje*. São Paulo: Loyola, 1993. 347 p.

- PEDROSA, M.V. Catequese trinitária, in: PIKAZA, A e outros (dirs). *Dicionário teológico o Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 144-145.
- PELLEGRINO, M. in: DOMENICO, S; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 880.
- PRICOCO, S. Escola. in: *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis - São Paulo: Vozes/Paulus, 2002, p. 491.
- PRICOCO, S. Escola cristã de catequese in: *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis - São Paulo: Vozes/Paulus, 2002, p. 492.
- PROENÇA, G. *História da arte*. São Paulo: Ática, 2005. 279 p.
- SANT'ANA, D.; MELLO, W. *Bíblia: Deus conosco*. Petrópolis: Vozes, 1990. 311 p.
- SARTORE, D. Catequese e liturgia. in: DOMENICO, S; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 496.
- SARTORE, D. Formação litúrgica dos futuros presbíteros. in: DOMENICO, S; TRIACCA, A.M. (orgs). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 495.
- SENIOR, D. - STUHLMUELLER, C. *Os fundamentos bíblicos da missão*. São Paulo: Paulinas, 1987. 499 p.
- SESBOÛE, B.; BOURGEOIS, H.; TIHON, P. *Os sinais as salvação, séculos XII-X X*. São Paulo: Loyola, 2005. 533 p.
- SILVA, J. A. "Sacrosanctum concilium" e reforma litúrgica pós-conciliar no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 63, pg. 278-294, 2003.
- SILVA, J. A. Avanços e retrocessos no movimento litúrgico no Brasil. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 31, pg. 114. 2000.
- SILVA, J. A. et al. *Curso de especialização em liturgia*. São Paulo: Paulus, 1995. 143 p.
- SILVA, J. A. *O movimento litúrgico. Estudo histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983. 399 p.
- SILVA, J. A. Seminário Nacional em comemoração aos 40 anos da constituição sobre a sagrada liturgia. "sacrosanctum concilium" e reforma litúrgica pós-conciliar no Brasil. São Paulo: 2003. 105 p.
- SILVA, J. A; SIVINSKI, M (Org.). *Liturgia um direito do povo*. Petrópolis: Vozes, 2001. 253 p.

SILVA, J. A. (da). A reforma litúrgica a partir do Concílio Vaticano II. GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (Orgs.). Concílio vaticano II análise e perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2004. 420 p.

SILVA, L. R. *A caminho do novo milênio, em sintonia com o projeto de evangelização da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2000. 576 p.

3. Apostilas

BUYST, I. *Liturgia no contexto*. São Paulo: 2004. 3 p.

COSTA, V. S. *A teologia sacramental: um caminho percorrido e um caminho a percorrer*. São Paulo: 2004. 17 p.

DANEELS, G. *A liturgia quarenta anos após o concílio vaticano II*. Bruxelas: 2003. 12 p.

DANEELS, G. *Encontro dos bispos responsáveis pela liturgia nos regionais*. Brasília: 2003. 8 p.

DANEELS, G. *JESUS, educador e liturgista*. Curitiba: 2001. 5 p.

ENCONTRO dos bispos responsáveis pela liturgia nos regionais. Brasília: 2003. 21 p.

LÓPEZ, J. *Um balanço da reforma litúrgica, quatro décadas depois do Concílio: Entrevista com Dom Julián López, presidente da Comissão Episcopal de Liturgia da Espanha*. Madri, 2003.

LUTZ, G. *Curso de liturgia, sacrosanctum concilium*. 2002. 5 p.

MARINI, PG. *Renouveau liturgie documents fondateurs*. Paris: 2004. 8 p.

SILVA, J. A. *A “Sacrosanctum concilium” no contexto histórico geral da liturgia*. São Paulo: 2004. 11 p.

SILVA, J. A. *Relação entre catequese e liturgia*. São Paulo: 2004. 8 p.

SIVINSKI, M. *Pastoral litúrgica no contexto atual*. Brasília: 2004. 21 p.

SONDA, A. *Curso de liturgia, sacrosanctum concilium*. 2002. 5 p.

4. Internet

GHIRALDELLI, P. O que é pedagogia. Disponível em: <<http://centro.refeducacional.pro.br/htm>>. Acesso em: 31 de agosto 2006, 14h45min.

KENSKI, R. - TEIXEIRA, D. A doutrina do deserto, os essênios. Disponível em <<http://www.essenio.com.br>>. Acesso em: 28 de agosto 2006, 22h30min.

OS SEMINÁRIOS E SUAS ORIGENS. Disponível <<http://www.seminariosaopedro.org.br/instituicao2.htm>> Acesso em: 15 de maio 2005, 15h:00min.

5. Vídeos

COUTO, M. A. - BOGAZ, A. S. *A origem da tradição cristã I*. São Paulo: Paulus, 2005.

COUTO, M. A. - BOGAZ, A. S. *Patrística os alicerces da fé cristã II*. São Paulo: Paulus, 2005.